

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ADÃO CORADO ROCHA

O JALAPÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO *DESERTO*

**PALMAS
2018**

ADÃO CORADO ROCHA

O JALAPÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO *DESERTO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras do Instituto Federal do Tocantins –
Campus Palmas, como exigência à obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Dr^a Carina Aparecida Lima de Souza

**PALMAS
2018**

Rocha, Adão Corado.

O Jalapão e a Construção de Sentido Deserto. Adão Corado Rocha – Palmas, 2018. 115 f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras – Habilitação em língua Portuguesa – Instituto Federal de Educação do Tocantins, *Campus* Palmas, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Carina Aparecida Lima de Souza.

1. O Jalapão. 2. Deserto Brasileiro. 3. Análise de Discurso Crítica. I. Título.

ADÃO CORADO ROCHA

O JALAPÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO *DESERTO*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras do Instituto Federal do
Tocantins – *Campus* Palmas, como exigência
à obtenção do grau de Licenciado em Letras.

BANCA AVALIADORA

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Profª. Dra. Carina Aparecida Lima de Souza
IFTO – *Campus* Palmas

Prof. Dr. Rivadavia Cavalcante
IFTO – *Campus* Palmas

Profª. Me. Erika de Souza Luz
IFTO – *Campus* Palmas

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino. Aos meus pais: Domingos e Joana, aos meus irmãos e em especial a Ruth, pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e sustentador da minha vida, que me fortaleceu nos anos de estudos e me capacitou a vencer mais uma etapa de minha vida.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a Carina Aparecida Lima de Souza, pela orientação, por dividir seu conhecimento e experiência comigo, pela paciência, competência e dedicação na elaboração deste trabalho, meu muito obrigado.

Aos demais professores que tive o prazer de conhecer ao longo do curso de Letras e que contribuíram para minha formação.

À Instituição pelo ambiente criativo e amigável que proporciona aos acadêmicos.

À nossa coordenadora do Curso, Profa. Dra. Sylmara Barreira, pela dedicação incansável ao ensino, por conduzir com muito carinho a Coordenação de Letras, e por ser tão eficiente e amorosa com todos.

À minha família, por me proporcionar dias melhores.

À Ruth Ribeiro dos Santos, pelo apoio, incentivo e esforço. Foi fundamental nesse percurso, meus eternos agradecimentos.

A todos os meus amigos pelos momentos de convívio, amizade, apoio e incentivo, por serem mais que amigos e, em meio às dificuldades, nos tornamos cúmplices e irmãos.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo analisar as construções de sentido acerca da designação *deserto* para o Jalapão, região do estado do Tocantins. Sendo assim, o *corpus* da pesquisa é constituído por 8 (oito) textos, publicados em sites institucionais e sites empresariais, ambos voltados para a promoção do turismo no Jalapão. Para tanto, a análise de dados está nos moldes teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), de acordo com Fairclough (2001, 2003) e Resende Ramalho (2006, 2011), visto que a ADC é uma ciência crítica que visa melhorar a vida das pessoas, através dos discursos, transformando-os em práticas sociais. Desse modo, os textos analisados apresentam características semelhantes e diversas no que se refere a representações de *deserto brasileiro* para o Jalapão. No mesmo texto e em textos diferentes, há apontamento de aspectos geográficos da região típicos de qualquer outro *deserto* do mundo - solo arenoso, dunas, areias douradas - e há, porém, também caracterização dessa região com abundância de água - rios, cachoeiras, fervedouros. A designação *deserto*, na análise de dados, também é justificada pelo difícil acesso aos pontos turísticos da região. Além disso, *deserto* aponta, em alguns textos, para a representação de densidade demográfica muito baixa do Jalapão.

Palavras-chave: O Jalapão; Deserto Brasileiro, Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the constructions of meaning concerning the designation desert for Jalapão, region of the state of Tocantins, Brazil. Hence, the corpus of this research is constituted by eight texts, published in institutional and business websites, both focused on promoting tourism in Jalapão. To achieve the proposed objectives, the data analysis cornerstone is the theoretical-methodological models for Critical Discourse Analysis (CDA), according to Fairclough (2001, 2003) and Resende Ramalho (2006, 2011), since CDA is a scientific critique that points towards improving people's lives through discourses, transforming them into social practices. Thus, the analyzed texts present similar and different characteristics regarding the Brazilian desert representations for Jalapão. In the same text and in different texts, there are indications of geographical aspects of the region described as any other typical desert in the world - sandy soil, dunes, golden sands - and there is also a characteristic of this region with an abundance of water - rivers, waterfalls, *fervedouros* (water springs). The designation “desert”, in the analysis of data, is also justified by the difficulty to access the tourist attractions of the region. Moreover, the word desert points, in some texts, to the representation of a very low demographic density in Jalapão.

Keywords: Jalapão; Brazilian Desert; Representations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	11
2.1 A Análise de Discurso Crítica.....	12
2.2 Sociedade, Linguagem e Discurso.....	13
2.3 Os significados da linguagem	15
2.3.1 O significado acional	16
2.3.2 O significado representacional	17
2.3.3 O significado identificacional	17
2.4 A prática da análise do discurso crítica: aspectos metodológicos ...	18
2.4.1 A ADC como prática de pesquisa	18
2.4.2 O tipo de pesquisa e as categorias de análise	19
3. O JALAPÃO EM REPRESENTAÇÕES SOBRE DESERTO	20
3.1 A estruturação dos textos que noticiam o Jalapão como <i>deserto</i>	21
3.2 As representações do Jalapão acerca de deserto	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
6. ANEXOS.....	51

1. INTRODUÇÃO

A região do Jalapão está inserida na Bacia Hidrográfica Araguaia – Tocantins, localizada no leste do estado do Tocantins, e faz divisa com a Bahia, Maranhão e Piauí. Possui vários rios e riachos, entre os principais destacam-se: Sono, Balsas, Novo, Galhão, Prata, Soninho, Vermelho, Ponte Alta, Caracol. A região conta ainda com uma grande quantidade de nascentes com águas borbulhantes, também chamadas de fervedouros. O clima da região é do tipo tropical, com duas estações bem definidas, uma “chuvosa”, compreendida entre outubro e abril, e outra “seca” de maio a setembro. A flora é bastante diversificada, pois apresenta muitas variações no ecossistema, como cerrados, matas, veredas e grandes extensões de chapadões de areia fina e dunas douradas. Já a fauna típica regional é formada por animais de pequeno e médio porte. Entre eles, destacam-se os veados, emas, gambás, onças, papagaios, araras e outros. É, em meio a esse cenário, porém, que o Jalapão recebe o nome de *deserto* brasileiro.

Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de investigar e analisar a construção de sentido *deserto* para designar o Jalapão, bem como as características que explicam e/ou justificam tal designação. Essa investigação, no âmbito dos estudos da linguagem, pode contribuir com reflexões sobre a cultura local, questões turísticas e desenvolvimento regional.

Por conseguinte, esta pesquisa ampara-se nos pressupostos teórico - metodológicos da Análise de Discurso Crítica, nos moldes de Resende e Ramalho (2006; 2011) e Fairclough (2001; 2003). Para esses teóricos, para se entender o discurso, é preciso conhecer o contexto em que ele está inserido, bem como analisar as mudanças sociais e culturais ocorridas.

Nessa perspectiva, partindo do pressuposto de que o Jalapão é uma região de grande potencialidade econômica, turística, e por possuir características diversificadas no ecossistema, com presença constante de cachoeiras, rios, serras, dunas de areias douradas, matas, cerrados e um número significativo de animais exóticos, de várias espécies, entende-se haver a necessidade de um estudo mais sistemático dos caracteres representativos do Jalapão em alguns textos da área do turismo.

Entende-se também que esta pesquisa pode proporcionar benefícios para as comunidades do Jalapão, pois a mesma pode contribuir para as comunidades

refletirem mais sobre as características físicas da região como desértica. Além disso, pode refletir sobre o espaço onde vivem, seus costumes e identificações. A partir disso, podem refletir melhor sobre os recursos naturais do lugar em termos de retorno econômico, preservação ambiental e sustentabilidade através do turismo. Esta pesquisa também pode contribuir para o Estado de Tocantins por não existirem trabalhos a nível científico na área de Linguística sobre o Jalapão e sua caracterização como *deserto*.

A partir da consideração de que o objeto de estudo desta pesquisa diz respeito a discursividades e representações acerca do Jalapão como *deserto*, há interesse nos conhecimentos gerados, através de uma análise linguístico-discursiva, com o intuito de compartilhar conhecimentos acerca da região do Jalapão.

Para tanto, o *corpus* de análise é composto por 8 (oito) textos da área do turismo, coletados em sites institucionais e sites empresariais, ambos voltados para a promoção do turismo no Jalapão, pois esta pesquisa investiga e analisa as construções de sentido acerca da nomeação *deserto* para a região Jalapão. A escolha de 8 (oito) textos para compor o *corpus* justifica-se por esses textos possuírem representações e características físicas no ecossistema do solo do Jalapão de acordo com solo de quaisquer outros *desertos* do mundo. Além disso, essa quantidade de textos selecionados para compor o *corpus* de análise ocorreu devido, no período da coleta de dados, nos sites institucionais e empresariais, não se ter encontrado outros textos que apresentassem características/representações de *deserto* para o Jalapão.

2. APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa apresenta como suporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Crítica (ADC), de acordo Norman Fairclough (2001; 2003) e Resende e Ramalho (2006; 20011). A ADC é um arcabouço que fundamenta a análise linguístico-discursiva dos mais variados usos de linguagem. Para esses autores, a linguagem é uma parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social. Para tanto, propõe-se uma análise linguisticamente orientada, visto que a linguagem tem o poder de contribuir para o bem-estar social (FAIRCLOUGH, 2003). De acordo com Resende e Ramalho (2011), uma análise discursiva não pode ser confundida com simples leitura e interpretação.

Sendo assim, os textos que designam o Jalapão como *deserto brasileiro* são reportagens a partir do ponto de vista turístico, já que nelas é noticiado o Jalapão com suas belezas naturais e peculiaridades, pois nas 8(oito) reportagens, que formam o *corpus* de análise desta pesquisa, existem características típicas de *deserto*, fenômeno que se investiga neste trabalho.

2.1A Análise de Discurso Crítica

O termo Análise de Discurso Crítica (ADC) foi cunhado pelo linguista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster. Em termos de filiação disciplinar, pode-se afirmar que a ADC confere continuidade aos estudos convencionalmente referidos como Linguística Crítica, desenvolvidos na década de 1970, na Universidade de Elst Anglia.

A Análise de Discurso Crítica, de vertente britânica, é um refinamento nos aspectos “sistemático e didático da apresentação de pontos chave no que diz respeito ao caráter teórico-metodológico sem perder de vista leitores iniciantes ou de outras áreas de conhecimento” (RAMALHO E RESENDE, 2011, p.9).

Segundo Ramalho e Rezende (2011), a abordagem faircloughiana da ADC começou a se constituir como uma ciência crítica sobre a linguagem já em 1989, com o livro *Language and Power*. Ainda, de acordo com as autoras, pode-se afirmar que sua obra, desde o início, visa contribuir tanto para a conscientização sobre os efeitos sociais de textos como para mudanças sociais, parcialmente sustentadas pelo discurso. Fairclough (2001, p. 28) explica que a abordagem “crítica” implica, por um lado, mostrar conexões e causas que estão ocultas e, por outro, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam aqueles que possam se encontrar em situação de desvantagem.

Fairclough (2003) esclarece que a visão científica de crítica social justifica-se pelo fato de a ADC ser motivada pelo objetivo de prover base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e de poder. A ADC possibilita, pois, uma análise sistemática nos processos sociais que norteiam os indivíduos através da investigação de usos diversos da linguagem.

Segundo Fairclough (2003), em ADC, a linguagem é percebida como parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos

sociais. Trata-se de uma proposta capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se situa. Portanto, a ADC compromete-se com estudos dos aspectos discursivos da mudança social e busca investigar, de forma crítica, como as relações de poder são expressas na linguagem, formando os discursos.

Isso posto, de acordo com Fairclough (2001) a “concepção tridimensional do discurso” reúne três tradições analíticas: “descrição” (análise textual), “interpretação” (prática discursiva) e “prática social” (análise das circunstâncias institucionais do evento comunicativo). O critério recomendável, segundo o próprio Fairclough, é considerar como “descrição” os casos em que mais se destaquem os aspectos formais do texto. Realça-se mais os processos produtivos e interpretativos, há de ter-se em conta a análise da prática discursiva, embora se envolvam, também, os aspectos formais do texto e, como prática social, priorizar o evento comunicativo da linguagem.

2.2 Sociedade, Linguagem e Discurso

Resende e Ramalho (2006) apontam que a Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas. Fairclough (2001) propõe os usos da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Essa proposição implica ser o discurso um modo de ação, de agir sobre outros e também implica uma relação entre discurso e a estrutura social e implica o discurso ser moldado e restringido pela estrutura social. Assim, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social. Deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que altera o mundo e altera os outros indivíduos no mundo (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Ramalho e Resende relacionam o objeto de estudo da ADC a essa dialética entre a linguagem e os outros elementos do social:

O objeto de estudo da ADC não é a linguagem como estrutura (sistema semiótico), tampouco apenas como evento (texto), mas também como prática social, ou seja, análises discursivas críticas privilegiam o espaço das ordens do discurso como espaço de geração de conhecimento sobre o funcionamento da linguagem. É claro que para tanto investigam as instâncias materializadas em textos concretos, isto é, têm como material analítico as

concretizações do potencial do sistema semiótico em eventos discursivos situados (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 41).

Sendo assim, a língua é um potencial de significados e o estudo da representação baseia-se tanto nas ausências do texto quanto no que está presente, e até no que poderia estar no texto.

Sobre isso, Fairclough (2001) aponta que a constituição das escolhas remete, em parte, à questão de vocabulário e, em parte, a uma questão de gramática. Isso se justifica na medida em que a representação está implicada na determinação do tipo de organização representado no vocabulário usado. Da mesma maneira, por meio do uso da gramática, as pessoas podem distinguir tipos de processo, participantes e elementos circunstanciais para representarem as experiências de mundo.

O aspecto semiótico de uma ordem social é o que podemos chamar uma ordem do discurso. Isso significa que o discurso é uma construção social, não individual e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social.

O discurso é tanto um modo de ação como as pessoas agem sobre o mundo e sobre as outras como um modo de representação há uma dialética entre ele e a estrutura social. O discurso, ainda, é tanto moldado como restringido pela estrutura social. Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados. Eles são, também, socialmente constitutivos. O discurso é uma prática de representação e de significação do mundo, constituindo e construindo esse mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Nessa perspectiva, o discurso está presente em qualquer aspecto que possa representar as coisas/objetos no mundo, e que, por meio da linguagem, seja vulnerável a interpretações.

Com isso, Fairclough (2001) sugere uma análise tridimensional dos usos de linguagem explicando que qualquer evento ou exemplo de discurso pode ser considerado, simultaneamente, um texto (análise linguística), um exemplo de prática discursiva (análise da produção e interpretação textual) e um exemplo de prática social (análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo).

Para Fairclough (2001), a ADC se propõe a tornar transparentes os aspectos opacos materializados nos usos de linguagem da sociedade dos discursos

no que dizem respeito às desigualdades sociais. A ADC se ocupa dos problemas sociais e não tem em vista a linguagem ou o uso da linguagem por si só.

Fairclough (2001) ressalta que, diferente do uso de linguagem saussuriano, o uso de linguagem para a Análise de Discurso Crítica é moldado no social, não no individual. Isto é, Fairclough (2001) propõe usar o termo discurso para designar “o uso de linguagem como forma de prática social”, o que implica tomar o discurso como uma forma de ação e assumir que sua relação com a estrutura social seja dialética.

Desse modo, os discursos moldam a sociedade, contribui para pôr em prática questionamentos que ajudam no funcionamento social dos indivíduos, através do uso da linguagem. Ao fazermos uso da linguagem em nossas vidas cotidianas, recorreremos a maneiras particulares de representar, de agir e interagir e de identificarmos o mundo e a nós mesmos (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 16).

Portanto, discurso pode ser concebido como modo de representação com certo grau de estabilidade e como modo de representação constituinte de pontos essenciais na relação dialética entre linguagem e outros elementos da vida social.

Na perspectiva discursiva da ADC, as representações sociais são concebidas como elementos sociais e históricos que se manifestam de forma dialógica nos discursos. Para a ADC, interessa, especialmente, a noção de discurso como prática social, saber que o discurso não é neutro, que é produto de situação histórico-social, capaz de moldar e transformar a sociedade, utilizando a linguagem.

De acordo com Fairclough (2003), as propriedades da linguagem são determinadas socialmente, visto que são concebidas como uma forma de prática social. Sob esse ponto de vista, os textos estão condicionados e propensos a certas convenções sociais. O texto é uma parte do processo de interação social e, portanto, do discurso.

2.3. Os significados da linguagem

Em Análise de Discurso Crítica (ADC), representada por Fairclough, a linguagem é concebida como prática social e é manifestada nos usos de linguagem através dos significados, acional, representacional e identificacional. Por sua vez, cada significado apresenta categorias de análise que facilitam o processo de análises linguísticas em textos. Segundo Resende e Ramalho (2006), a análise de discurso

deve ser simultaneamente a análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados nos textos.

2.3.1 O significado acional

Segundo Resende e Ramalho (2006), o significado acional focaliza o texto como modo de (inter) ação em eventos sociais. Para tanto, as categorias do significado acional utilizadas, nesta pesquisa são: estrutura genérica, padronização composicional e intertextualidade.

A padronização composicional trata de localizar os textos analisados em situados ou não. Para Resende e Ramalho (2011), gêneros situados são categorias concretas e possuem características de uma (rede de) prática particular. Segundo as autoras, gêneros constituem o aspecto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no decorrer de eventos sociais. Já o gênero não situado pode ser composto por gêneros desencaixados, pouco mais abstratos e, necessariamente, por pré-gêneros, ainda mais abstratos.

Os pré-gêneros são categorias mais abstratas, que transcendem redes particulares de práticas sociais e que ‘participam’ na composição de diversos gêneros situados. Narração, exposição, injunção, argumentação, descrição e conversação são pré-gêneros no sentido de que são ‘potenciais’ abstratos que podem ser alçados na composição de diversos tipos de texto.

Para Resende e Ramalho (2011), a estrutura genérica de um texto é percebida como modos relativamente estáveis de agir e de se relacionar em práticas sociais. A descrição e a interpretação são parte do trabalho da estrutura genérica. Sobre isso, Fairclough (2003) propõe que os textos sejam investigados em macroanálise social e textual, a atividade em que o gênero é produzido e circula.

Já em relação a intertextualidade, Fairclough (2001) aponta para a questão de os textos serem fragmentados de outros textos. Para esse teórico, em textos específicos, a ausência e a presença, assim como a natureza desses outros textos, constituem vozes particulares e permitem explorar práticas discursivas. Sobre a intertextualidade, Resende e Ramalho (2011) argumentam que é a combinação da voz de quem pronuncia um anunciado com outras vozes de que lhe são articuladas.

2.3.2 O significado representacional

O significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos. Segundo Fairclough (2003), as maneiras particulares de representação de aspectos do mundo podem ser especificadas por meio de traços linguísticos, que podem ser vistos como “realizando” um discurso, ou seja, é possível se entender as representações através dos elementos gramaticais. Para tanto, significado das palavras e interdiscursividade são algumas categorias de análise do significado representacional.

Os diferentes discursos que norteiam um texto compõem a interdiscursividade. A análise interdiscursiva de um texto relaciona-se à identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados (RESENDE; RAMALHO 2006, p.72).

Já o significado das palavras, segundo Fairclough (2003), não são construções individuais, são variáveis socialmente construídas e socialmente contestadas, são “facetas de processos sociais e culturais mais amplos”. Observa-se, a partir disso, as classes de palavras e seus significados constituintes dos textos analisados aqui.

2.3.3 O significado identificacional

Para Resende e Ramalho (2011), a linguagem, além de configurar um modo de (inter) ação no mundo e um modo de representação no mesmo, também é um modo de identificação de si mesmo e das outras pessoas. O significado identificacional está relacionado ao aspecto discursivo das formas de ser, das identidades sociais ou pessoais. (FAIRCLOUGH, 2003).

De acordo com Ramalho e Resende (2011, p. 68), os atores sociais não são completamente livres e nem completamente constrangidos pela estrutura social. Nesse caso, nos eventos sociais, as pessoas participam, reagem e constroem suas identidades, pela maneira de ser. Para tanto, Fairclough (2003) expõe que entre a identidade pessoal e a social, há uma diferença que deve ser concebida, levando em conta os aspectos sociais e pessoais de identificação.

Diante disso, Fairclough (2003) aponta que o estilo está ligado à identificação, às maneiras como as pessoas se identificam e são identificadas por outras pessoas. Além disso, o processo de constituição de identificação está relacionado à avaliação e a modalidade, por estarem diretamente ligados à constituição das maneiras de ser, (FAIRCLOUGH, 2003).

Sendo assim, o significado identificacional não será categoria de análise para a realização desta pesquisa. O significado acional e o significado representacional são mais apropriados para ancorarem as análises, visto que o objetivo desta pesquisa está voltado para representações de o Jalapão como *deserto*. Já o significado identificacional visa mais a formação de atores sociais, identidades/formas de ser.

2.4 A prática da Análise de Discurso Crítica: aspectos metodológicos

De acordo com Resende e Ramalho (2006) a Análise de Discurso Crítica (ADC), disciplina com amplo campo de aplicação, constitui modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social. Sendo assim, esta pesquisa foi desenvolvida de acordo com os pressupostos da Análise de Discurso Crítica, por Fairclough (2001, 2003) e Resende e Ramalho (2006, 2011).

Portanto, os tópicos a seguir explicam como a ADC funciona como prática de pesquisa, bem como os procedimentos analíticos desenvolvidos nas análises deste estudo, além do tipo de pesquisa e as condutas que o pesquisador deve ter na construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

2.4.1 A ADC como prática de pesquisa

A prática da Análise de Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2003), trata de questões práticas de análise de discurso, indicadoras dos principais elementos e das considerações que se aplicam à análise de discurso. Desse modo, Fairclough (2003) propõe uma série de diretrizes para o desenvolvimento da análise de discursos.

Diante de tantas possibilidades de constituição da linguagem e para sua análise, Fairclough (2003) apresenta para a prática de uma análise de discurso, três significados da linguagem. O significado acional, o significado representacional e o

significado identificacional. O autor explica que o discurso figura de três principais maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos, como modo de agir, como modo de representar e como modo de ser. A cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado.

Para Fairclough (2003), a operacionalização dos três significados mantém a noção de multifuncionalidade presente na Linguística Sistêmica Funcional, (HALLIDAY, 1994), uma vez que Fairclough enfatiza que os três atuam simultaneamente em todo enunciado.

Fairclough (2003) explica que significado acional focaliza o texto como modo de (inter) ação em eventos sociais, aproxima-se da função relacional, pois a ação legitima e questiona relações sociais. O significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo físico, mental, social em textos, aproximando-se da função ideacional. Já o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária. Fairclough (2003) propõe uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discursos, identificação e estilos.

Isso posto, Fairclough (2003) enfatiza que a prática da análise discursiva é um nível intermediário entre o texto em si e seu contexto social eventos, práticas, estruturas. A análise de discurso deve ser simultaneamente a análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos e da conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados nos textos.

2.4.2 O tipo de pesquisa e as categorias de análise

A natureza da presente pesquisa é de cunho qualitativa interpretativa-descritiva, pois objetiva identificar e analisar a caracterização da região do Jalapão como *deserto*.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa é interpretativa, pois depende da materialidade do *corpus* de análise para fazer as possíveis interpretações de um determinado fenômeno.

Desse modo, há de se destacar o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa, ancorado na necessidade de descrever e interpretar as discursividades e representações do Jalapão do Tocantins como *deserto*.

Além disso, toda pesquisa científica deve ser desenvolvida a partir de padrões éticos. Nesse sentido, Cenci (2002, p.88) aponta que “a ética não pode prescrever conteúdos ao agir, nem pode instrumentalizá-lo; não é seu papel fornecer soluções concretas ao agir humano. A ética precisa contar com a capacidade de os indivíduos encontrarem saídas plausíveis, racionais para o seu agir”. Nesse caso, para que os resultados obtidos em uma pesquisa/análise sejam de grade relevância, o pesquisador deve ser honestamente obediente a materialidade dos dados para interpretação das manifestações da linguagem nos mais variados sentidos.

Com isso, esta pesquisa é desenvolvida com o *corpus* constituído por textos que, de alguma forma, caracterizam a região do Jalapão como *deserto*. Esses textos, por sua vez, foram coletados em sites institucionais do Estado do Tocantins e de empresas de turismo. O *corpus* desta pesquisa é analisado e interpretado a partir de dois tipos de significados da linguagem, o significado acional e o significado representacional, propostos por Fairclough (2003). O significado acional do discurso é relativo a modos de (inter) agir discursivamente, a gêneros. O significado representacional está ligado a maneiras particulares de representar aspectos no mundo, é associado a discursos.

Sobre os significados expostos acima, Resende e Ramalho (2011) manifestam que, o significado acional relaciona-se ao eixo do poder, ou seja, a relação de ação sobre os outros. Já o significado representacional relaciona-se ao eixo do saber, ou seja, pressupõe controle sobre as coisas e conhecimento.

3. O JALAPÃO EM REPRESENTAÇÕES SOBRE *DESERTO*

O *corpus* desta pesquisa é analisado a partir do significado acional e do significado representacional (FAIRCLOUGH 2003). Foram selecionados 8(oito) textos por estarem de acordo com o objetivo geral desta pesquisa, a representação do Jalapão como *deserto*.

Nos tópicos a seguir, atentamos para estruturação de textos que apresentam o Jalapão bem como suas representações.

3.1 A estruturação dos textos que noticiam o Jalapão como *deserto*

Os textos analisados são reportagens sobre o Jalapão sob o ponto de vista do turismo, pois retratam a região do Jalapão como notícia – lugar a ser conhecido pelos leitores. Para analisar essas reportagens, no âmbito de sua estruturação, a partir do significado acional, utilizamos as categorias de análise gêneros situados ou não, pré-gêneros (exposição, argumentação, descrição, narração, conversação e injunção) e intertextualidade.

Nesse sentido, quando se analisa um texto em termos de gênero, Resende e Ramalho (2006) propõem que o objetivo é examinar como o texto figura na (inter) ação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos.

Em se tratando do *corpus* desta pesquisa, os textos analisados que fazem referência à região do Jalapão como um *deserto* constituem-se como gênero situado reportagem. O excerto abaixo, parte do texto *O “deserto brasileiro” Jalapão, em Tocantins*, disponível em: <http://asasedestinos.com.br/turismo>, aponta o *corpus* de análise como gênero situado.

- (1) É uma viagem de muitas descobertas. Um Brasil intocável de paisagens bem diferentes do que estamos acostumados. São lugares selvagens, dunas douradas, poços, rios e nascentes borbulhantes. Amantes de natureza, com certeza, vão se deslumbrar com o local. Como poucos sabem, o estado de Tocantins pertence à região Norte do país e não Centro-Oeste, como muita gente ainda pensa. No meio do Cerrado, paisagens áridas e vegetações rasteiras fazem parte do cenário. Os famosos capins dourados, nascem em certa época, nessas vegetações rasteiras, fazendo do Jalapão, um local mais conhecido, devido a planta dourada que embeleza o artesanato brasileiro (GIMENES, 2016).

O excerto (1) caracteriza-se como gênero situado reportagem, visto que noticia o Jalapão através dos pré-gêneros narração e da descrição. Nesse sentido, entende-se que essa reportagem é um gênero situado, pois o escritor apresenta os acontecimentos em um padrão composicional estabelecido.

Além disso, o enunciado da reportagem do texto traz ao leitor as possibilidades de entender muitos aspectos geográficos do lugar, característica típica do gênero “reportagem”, principalmente, quando retrata uma viagem de muitas descobertas, de um Brasil intocável, lugares selvagens e com muitos atrativos, como dunas douradas, nascentes borbulhantes, rios e poços.

O fragmento abaixo, segue um padrão composicional, foi coletado do texto *Um deserto que poucos motociclistas brasileiros conhecem*, disponível em: <http://www.rockriders.com.br/index.php/conteúdo-completo/passeios-viagens-moto>, aponta essa reportagem como gênero situado.

- (2) O ambiente não é tão diferente das savanas africanas. A diferença é que o Jalapão está numa região de transição entre o cerrado do Centro Oeste e Norte e a caatinga do sertão do Nordeste. Este parque estadual é conhecido como “deserto brasileiro”, já que há várias montanhas de areia e dunas, além de uma densidade demográfica de apenas 0,8 habitantes por quilômetro quadrado. O nome da reserva se deve a um tubérculo característico do Tocantins, a jalapa-do-brasil.

O fragmento acima aponta uma sequência lógica dos fatos que noticiam o Jalapão como área desértica. Nota-se que a reportagem procura apontar como são os cenários representativos da região, isso fica nítido nas expressões: o Jalapão está numa região de transição entre o cerrado e a caatinga do sertão do Nordeste; conhecido como deserto brasileiro; montanhas de areia e dunas; uma densidade demográfica de apenas 0,8 habitantes por quilômetros quadrados. Essas características físicas dos aspectos geográficos da região Jalapão são apresentadas em um padrão estabelecido típico do gênero situado reportagem.

O próximo excerto do texto *Sertão das águas*, disponível em: <http://turismonotocantins.com.br/jalapao-tocantins-e-roteiros>, também está de acordo com um padrão composicional situado.

- (3) Para preservar os atrativos da região, alguns cuidados têm sido tomados. As famosas dunas, que são ainda mais atraentes ao entardecer, só podem ser visitadas até 17h30, a tempo de ver o pôr do sol. À noite ninguém pode ficar por ali pensando em luaus ou coisa do tipo. “Isso ajuda na preservação. Muitos dizem que esta é uma terra de ninguém, mas temos a maior quantidade de áreas protegidas do cerrado”, diz o gerente do Parque Estadual do Jalapão, João Miranda. Nem toda a área do Jalapão está no parque, mas há ainda outras unidades de conservação. Estima-se que 40% dela esteja sob proteção.

O fragmento (3) apresenta informações relevantes para quem deseja conhecer e desbravar o Jalapão. Nota-se que o segmento noticia sobre a preservação ambiental, em uma sequência lógica como: o horário de visitação nas dunas, bem

como a maior quantidade de áreas protegidas. Essas informações sobre o Jalapão justificam a existência do gênero situado reportagem no texto.

O texto *Pras bandas do Jalapão*, disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/auto/pras-bandas-do-jalapao-1.704230>, compõe o *corpus* desta pesquisa e está de acordo com o gênero situado reportagem, como pode se constatar no segmento abaixo.

- (4) Não é um lugar comum: as estradas sem fim alguns trechos de areia fofa limitam o acesso a esse paraíso, e talvez seja por isso que o lugar ainda esteja tão preservadas. Além das pedras e buracos, que fazem a festa da turma do off-road, o Jalapão é um lugar onde se deve estar atento 100% do tempo: as estradas não são bem sinalizadas, existem poucos postos de gasolina e as chances de você conseguir ajuda, caso precise, são muito pequenas. Por tudo isso a região é conhecida como ‘deserto’ do Jalapão: tem uma das menores densidades populacionais do país.

O segmento (4) apresenta características físicas do ecossistema geográfico do Jalapão, noticia várias informações que situam o visitante como organizar-se para desbravar a região. Além disso, noticia que é um *deserto*, devido aos desafios encontrados e à densidade demográfica, tudo isso, em um padrão, especificando o gênero situado reportagem nos enunciados.

Quanto aos pré-gêneros, no *corpus*, prevalece o pré-gênero narração, seguido da descrição. O excerto abaixo, extraído do texto *O Jalapão*, disponível em: <http://www.brasilturismo.com>; <http://jalapao.to.gov.br>, aponta isso.

- (5) Um cenário tanto inesperado quanto inesquecível, formado por enormes dunas de areia dourada (areia de quartzo), de até 30 metros de altura. Imagine a sensação de andar por estas areias e contemplar o pôr-do-sol no centro de uma paisagem como esta! As dunas do Jalapão estão em constante movimento, guiadas pelos ventos. Ao seu redor está a Serra do Espírito Santo, de formação arenosa, cuja ação dos ventos causa sua erosão, originando as dunas (REZENDE, 2010).

No excerto (5), há apontamentos de características do Jalapão, como as dunas. Há a presença dos pré-gêneros narração e descrição, pois em todo dito há uma constante percepção da formação das dunas do Jalapão e ainda os encantos prováveis que os turistas podem se contemplarem na aventura. Além disso, o excerto aponta uma descrição objetiva, pois a região é apresentada de forma concreta, buscando maior proximidade com a realidade.

Já o próximo excerto analisado é retirado do texto *Jalapão, Tocantins – Viva esse Sonho*, disponível em: www.andreassifotos.com.br; www.eduardoandreassi.com, e também aponta os pré-gêneros narração e descrição.

- (6) Dunas de areias douradas cortadas por riachos de águas cristalinas que constantemente transformam paisagens. Ao mesmo tempo, na imensidão desse paraíso, sensações únicas enquanto caminhava descalço sobre seus grãos úmidos e espessos. E a cada passo, contemplando o infinito do céu e suas cores majestosas em perfeita harmonia, tomava conta de mim uma inexplicável energia que aliviava qualquer cansaço. Deslumbrava-me com esses cenários paradisíacos cheios de contrastes, sendo que a todo instante, a cada marca deixada no chão, mesmo tentando seguir meus rastros, perdia-me pelos caminhos. E a essa altura, meus pensamentos já haviam se dispersado pelo espaço, sentindo-me sozinho, mas acolhido pela Mãe Natureza em seus braços (ANDREASSI, 2015).

O excerto acima também noticia o Jalapão, visto que a reportagem é narrada em primeira pessoa, prevalecendo o pré-gênero narração. O texto descreve como aconteceu uma visita ao Jalapão. Ademais, menciona como é possível um visitante se sentir em um passeio no lugar, principalmente, quando aponta “sensações únicas enquanto caminhava descalço pelos seus grãos úmidos e espessos” por sugerir satisfação com a expedição. Além disso, o uso contínuo do mesmo pré-gênero aponta a “padronização composicional situada” no sentido de que as reportagens analisadas apresentam uma sequência lógica dos fatos/acontecimentos.

O fragmento de outro texto também trata dos pré-gêneros narração e descrição. O texto *O ouro do Jalapão*, disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br>.

- (7) O incentivo do governo fez com que o artesanato ultrapassasse as fronteiras de Mumbuca. A arte dominada por dona Miúda e sua comunidade chegou a Ponte Alta e São Félix. Foi transmitida também aos moradores da cidade de Mateiros e aos povoados de Carrapato, Borá e Boa Esperança, todos no mesmo município. Às margens das estradas da região, a grande maioria das casas sustenta placas de "Vende-se artesanato de capim-dourado" (BORGES; FILHO, 2003).

No fragmento (7), há o encadeamento das ideias com a finalidade de noticiar que o governo foi relevante para a expansão do capim-dourado, fora do povoado Mumbuca. Portanto, o fragmento aponta narração e descrição.

Em seguida, o excerto extraído do texto *Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins*, disponível em: <http://www.hotelinsite.com.br/regioes/jalapao.html>, trata da intertextualidade, mais uma categoria do significado acional, conforme abaixo.

- (8) Euclides da Cunha, em algumas passagens do livro *Os Sertões*, nos coloca nessa região do país onde está Jalapão. A primeira descrição, ele faz para criar contraste com a caatinga, que recorta o olhar e afoga as pessoas em seus espinhos, folhas urticantes, gravetos estalados em lanças, galhos retorcidos, secos, entrecruzados. Mas nos campos gerais estão “os belos efeitos das denudações lentas, no remodelar os pendores, no desapertar os horizontes e no desatar – amplíssimos – os gerais pelo teso das cordilheiras, dando aos quadros naturais a encantadora grandeza de perspectivas em que o céu e a terra se fundem em difusão longínqua e surpreendedora de cores”. Não há maneira mais linda de descrever o Jalapão (CORLINS, 2016).

No excerto (8), fica evidente essa premissa de interação entre os textos, levando em conta a conexão que um texto tem em relação a outro, ou seja, o trecho de reportagem mostra uma relação dialética entre o autor Euclides da Cunha e a autora da reportagem, Patrícia Cornils. Para tanto, Patrícia aponta como o autor descreveu essa região do Brasil em algumas passagens do livro “Os Sertões”. Sendo assim, entende-se que a linguagem possui um caráter eminentemente social, toda ela se perfaz de uma finalidade específica, a depender dos objetivos do emissor frente a um determinado interlocutor. Por isso, a autora traz o autor para engrandecer o conteúdo da reportagem em questão. Portanto, essa conexão que a autora fez com a obra de outro autor, aponta a intertextualidade no fragmento.

Sendo assim, os excertos analisados, no significado acional, nos 8 (oito) textos, prevalece o gênero situado “reportagem”. Dos pré-gêneros, predomina a narração seguido da descrição. Já a intertextualidade está presente nas reportagens, devido à existência de várias vozes.

3.2 As representações do Jalapão acerca de deserto

Nesta etapa da pesquisa, busca-se a análise de representações do Jalapão como *deserto*, através do significado representacional, pois o mesmo enfatiza representações de aspectos no mundo e do mundo. As categorias do significado representacional utilizadas são significado das palavras e a interdiscursividade. Os diferentes discursos que norteiam em um texto são chamados de interdiscursividade. A análise interdiscursiva de um texto relaciona-se à identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados (RESENDE; RAMALHO 2006, p.72). Já, segundo Fairclough (2003), os significados das palavras e a lexicalização de significados não são construções individuais, são variáveis socialmente construídas.

Sendo assim, o texto *O “deserto brasileiro” Jalapão, em Tocantins, reúne rios, piscinas naturais, cachoeiras e muitas trilhas no mesmo lugar*, publicado em <http://asasedestinos.com.br/turismo>, faz referência à região do Jalapão/Tocantins como área desértica, conforme o excerto abaixo.

- (9) Localizado no centro do Brasil, o Jalapão fica no estado de Tocantins. Os turistas que vão lá visitar, precisam sair de Palmas, primeiramente, a capital do estado. Considerado o **“deserto brasileiro”** por ficar exatamente numa **área vazia de população e mais árida**, este destino nos reserva **paisagens maravilhosas e únicas, isoladas**, diferenciando de muitos outros destinos de natureza no Brasil (GIMENES, 2016).

Em (9), acima, há 5 (cinco) apontamentos sobre o Jalapão como uma região desértica: *deserto brasileiro, área vazia de população, mais árida*, paisagens maravilhosas e únicas, isoladas. No primeiro apontamento, o *deserto brasileiro*, o artigo “o” parece apontar o Jalapão como único *deserto* do país. Além disso, *área vazia de população e mais árida* caracterizam o que é um *deserto*. Já *paisagens maravilhosas, únicas e isoladas* representam valores geográficos relevantes para o Jalapão, em termos de expedições turísticas na região, despertando o interesse de mais visitantes. E *mais árida* também representa uma condição para a região do Jalapão, que pode significar muito seca/arenosa. Nesse sentido, é apropriado dizer que a frase *mais árida* está designando o Jalapão e, por isso, também representa “*deserto*” no texto em termos de constituição do solo.

O mesmo texto atribui outras características à região do Jalapão, de acordo com o fragmento em seguida.

- (10) **É uma viagem de muitas descobertas.** Um **Brasil intocável** de **paisagens bem diferentes** do que estamos acostumados. São **lugares selvagens, dunas douradas, poços, rios e nascentes borbulhantes**. Amantes de natureza, com certeza, vão se deslumbrar com o local. Como poucos sabem, o estado de Tocantins pertence à região Norte do país e não Centro-Oeste, como muita gente ainda pensa. No meio do Cerrado, **paisagens áridas e vegetações rasteiras** fazem parte do cenário. Os famosos **capins dourados**, nascem em certa época, nessas vegetações rasteiras, fazendo do Jalapão, um local mais conhecido, devido a planta dourada que embeleza o artesanato brasileiro (GIMENES, 2016).

Logo no início do fragmento é dito que *é uma viagem de muitas descobertas*: quantifica os atrativos diferentes da região de forma apreciativa. Em

seguida, há o detalhamento das descobertas: “um Brasil intocável”. O Jalapão é representado como exuberante por meio do adjetivo ‘intocável’.

Além disso, o excerto caracteriza o Jalapão como *deserto* por meio de adjetivos que aparecem com frequência no texto: *são lugares selvagens, dunas douradas, paisagens áridas e vegetações rasteiras fazem parte do cenário*. O adjetivo “selvagem” representa uma condição que os visitantes do Jalapão enfrentam para conhecerem as belezas naturais do lugar, ou ainda, um lugar temido/desconhecido, indicando que a palavra “selvagem” está designando o Jalapão um lugar *deserto*.

Já, *as dunas douradas, paisagens áridas, vegetações rasteiras, nascentes borbulhantes, rios e capins dourados* retratam as peculiaridades da região, são essas variedades no ecossistema da região, bem como dificuldades de acesso, remetem à nomeação *deserto* para a região.

- (11) Entre a divisa da Bahia, Maranhão e Piauí, em uma área de 34.113 km², fica todo o Jalapão, no centro-leste do Tocantins. Não apenas pelas montanhas de areia que formam as **dunas de até 30 metros** que se movimentam aos pés da Serra do Espírito Santo, mas também **pela densidade demográfica local que conta com ínfimo 0,8 habitante encontrado a cada km²** (GIMENES, 2016).

Analisando o significado das palavras, compreende-se que há designação de *deserto* à região do Jalapão: *dunas de até 30 metros e pela densidade demográfica local que conta com ínfimo 0,8 habitante encontrado a cada km²*. Há duas representações do Jalapão como *deserto*. No primeiro, há montanhas de areias que formam as dunas de até 30 metros e essas dunas são representações nítidas de *deserto* no Jalapão. O segundo, devido ao número de habitantes ser bem pequeno na região, por ser uma região desabitada, chama a atenção para exploração de visitantes. Esses apontamentos sugerem um tipo específico de *deserto* para o Jalapão.

Já o excerto abaixo trata do acesso ao Jalapão.

- (12) A **aventura** começa quando precisa chegar no Jalapão. A **dificuldade** de acesso do Jalapão foi a grande responsável pela preservação deste **santuário**, onde de veredas **virgens** aflora água **crystalina e abundante**, formando inúmeros rios, em meio a uma paisagem **árida e bela**. Estas condições proporcionam vida a uma **diversidade incrível** de animais e **plantas totalmente adaptada** a esta região do cerrado. Outrora o Jalapão era desafiado apenas por caravanas de tropeiros que atravessavam em **viagens épicas** este sertão bravio na direção do Vale do rio Tocantins.

Hoje, a entrada se faz de jipes e grandes veículos 4x4, pois as estradas são todas de terra (GIMENES, 2016).

O excerto (12) sugere a *difficuldade de acesso ao Jalapão*. Nesse caso, entende-se, de forma implícita, essa dificuldade sendo à questão desértica, ao acesso ser bastante desafiador para os visitantes. Por os caminhos serem temidos por muitos, também ocorre preservação dos atrativos do lugar, demonstrando pouca exploração. A expressão *veredas virgens* aponta que o lugar ainda possui pontos bem preservados. Também *paisagem árida* e hoje a entrada se faz de Jipes e grandes veículos 4x4 referem-se a representações de *deserto* no Jalapão. O adjetivo *árida* enfatiza o sentido de *deserto*. Já 4x4 também aparece como adjetivo porque está especificando um tipo de veículo apropriado para desbravar a região Jalapão. Portanto, no excerto, prevalece a designação de *deserto* através das características físicas da região Jalapão.

No próximo fragmento, do mesmo texto, prevalece a formação típica de *deserto* no Jalapão.

- (13) A vegetação predominantemente é o **cerrado**, mas é possível encontrar grandes **faixas de campos limpos e campos sujos**. Por baixo da vegetação rasteira, o solo é constituído de **areia**, a mesma areia que forma as estradas de boa parte do Jalapão (GIMENES, 2016).

No segmento (13), prevalece a designação de *deserto* para o Jalapão. Em *grandes faixas de campos limpos e campos sujos* e em *o solo é constituído de areia*, as palavras *limpos* e *areia* remetem ao espaço geográfico de grande parte do Jalapão. *Limpos* é um adjetivo e aparece selecionando como são os campos. *Areia* aponta a formação do solo da região Jalapão. O excerto retrata as variações geológicas, a formação do solo e, ainda, como é a vegetação predominante na região. Por possuir *campos limpos* (areia e chapadões) e *campos sujos* (cerrado e matas) é reconhecido como um lugar único, diferente de outros *desertos*.

O excerto em seguida continua representando o cenário do Jalapão.

- (14) É um cenário de **Dunas**, mais **lagoas**, **rios** e **cachoeiras** e **paredões de chapadas**, porém, num **território árido**, o **Cerrado**, com **baixa vegetações e espécies raras e diferentes dos olhos dos visitantes**. Estradas **díficeis** e **arenosas**, entre outras dificuldades. Tem que ser desbravado de **off-road** mesmo, não tem jeito! (GIMENES, 2016).

As expressões *Cenário Dunas Paredões de Chapadas; Território Árido; Baixa Vegetações e Espécies Raras*, de alguma forma, atribuem características desérticas para o Jalapão, pois essas expressões estão acompanhadas de uma determinação. Essas determinações são adjetivos que especificam as características do ecossistema do bioma regional do Jalapão. Também essa formação, no relevo do Jalapão, traz consequências para quem pretende visitá-lo. De certa forma, essas peculiaridades podem ser vantajosas para o lugar, tanto para preservação quanto para atrair turistas. Essa dificuldade de acesso ao Jalapão torna-o mais isolado e, devido ao isolamento, fica mais atraente e mais preservado para os turistas. Esse isolamento também remete a características da região como *deserto*.

O fragmento a seguir remete a informações sobre atrativos do Jalapão em meio a aridez do cerrado.

- (15) No meio do caminho, paramos no **Canyon de Suçupara**, local refrescante em meio a **aridez do cerrado**, com suas **águas** que escorrem por uma fenda entre as rochas. Final da tarde, chegamos no Safari Campi. Fomos alocados cada um em sua barraca, que tem estrutura de banheiro cada uma e jantamos e pernoitamos por lá. (GIMENES, 2016).

No excerto acima, as expressões *Canyon de Suçupara, aridez do cerrado e águas* introduzem como são surpreendentes os caminhos a serem percorridos no Jalapão. Há ocorrência de águas em um cenário seco/árido. Nota-se que “aridez” sugere que o cerrado do Jalapão é seco e formado por areia, apontando para a existência de *deserto* no lugar.

Já, o excerto a abaixo trata da questão das Dunas do Jalapão.

- (16) Outro cenário **esplendoroso e único** são as **Dunas do Jalapão**, de cores de **areias alaranjadas**. O percurso de caminhão para chegar até elas, já é lindo e quando chega, fica mais inesquecível ainda. As dunas são formadas por enormes **dunas de areia dourada** (areia de quartzo), de até 40 metros de altura (GIMENES, 2016).

Várias palavras estão especificando as dunas do Jalapão. Além do excerto aprofundar no requisito das dunas no Jalapão, vem designando como é a formação das mesmas, bem como a altura desses cenários arenosos. Ainda, o excerto apresenta as dunas como única, por possuírem cores alaranjadas/areia

dourada, encontradas apenas no Jalapão. Portanto, o fragmento remete às dunas como representações de deserto no Jalapão.

No fragmento abaixo, continua a análise sobre as Dunas do Jalapão.

- (17) Imagine a sensação de andar por estas **areias** e contemplar o pôr-do-sol no centro de uma paisagem como esta. As **dunas** estão em constante movimento, guiadas pelos ventos. Ao seu redor fica a já citada Serra do Espírito Santo, de **formação arenosa**, cuja ação dos ventos causa sua **erosão**, originando as **dunas**. Tudo se completa formando uma paisagem esplendorosa. Outro passeio terrestre, é a Trilha da Serra do Mirante, que fica na **Serra do Espírito Santo**, a principal atração do Jalapão. Dentro dessa Savana, grandes **chapadas** e **Dunas** enfeitam a beleza deste cenário. O cartão-postal da região, é uma elevação imponente que, através do processo de erosão (chuvas e ventos), dá origem às **dunas** que se formam aos seus pés. (GIMENES, 2016).

A palavra *dunas* aparece quatro vezes no excerto. Além de dunas, também aparecem outras palavras que indicam um cenário desértico no Jalapão: *areias*, *arenosas* e *grandes chapadões*. Isso pode representar características únicas ao Jalapão, tornando-o um lugar que desperta interesse tanto pelos turistas quanto pelas empresas que visam esse tipo de exploração econômica, o mercado turístico na região. A representação de *deserto*, no excerto, é compreendida pelas características físicas da região, representadas pelo cenário de dunas de areia, bem como suas formações arenosas.

Outro ponto que chama a atenção, nesse excerto, é o processo gerado pelos ventos, que através dos movimentos constantes, causam erosões, originando a formação das dunas. Nesse caso, como o movimento gera as dunas, sugere-se que esses movimentos constantes dos ventos representam também uma tendência desértica na região Jalapão.

Além da significação de palavras, a categoria interdiscursividade também ocorre no texto de Gimenes (2016). Nesse texto, o Jalapão é retratado como uma região com muitas riquezas exuberantes e atrativos turísticos. Sendo assim, o turismo envolve mais do que trocas econômicas, pode ser considerado uma prática social coletiva, que gera atividade econômica. Assim, estão envolvidos muitos elementos, como elementos culturais, naturais e sociais. No texto, há o discurso turístico, pois, a reportagem apresenta o Jalapão como um lugar de diversos atrativos para exploração do turismo. Observe-se o enunciado explícito no título do texto, *O “deserto brasileiro” Jalapão, em Tocantins, reúne rios, piscinas naturais, cachoeiras e*

muitas trilhas no mesmo lugar. Há sugestão a um convite para os turistas desbravarem o Jalapão.

Nota-se também a presença do discurso mercadológico, visto que a reportagem apresenta detalhes relevantes do Jalapão: características físicas, tornando – o mais atrativo para visitação em termos de melhorar a economia local.

A partir das categorias significado das palavras e da interdiscursividade nota-se que as representações de *deserto*, no texto de Gimenes (2016), referem-se a duas premissas possíveis para a designação do sentido de *deserto* no Jalapão. A primeira, pelas características físicas dos aspectos geográficos da região (dunas, chapadões, vegetação rasteira e solo arenoso). A segunda, devido ao número de habitantes ser mínimo. Há o discurso turístico, visto que essas representações de dunas e isolamentos propiciam mais expedições na região.

O texto *O ouro do Jalapão*, publicado em <http://www.reporterbrasil.org.br>, também representa o Jalapão como  ria desértica.

- (18) Numa das ** reas mais ermas do Brasil**, um **deserto populacional de densidade demográfica menor que a da Amazônia** – abaixo de 0,6 habitante por quilômetro quadrado –, os moradores de Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, São Félix e Novo Acordo, maiores municípios do Jalapão, estão trocando as práticas tradicionais da lavoura e da pecuária por uma nova atividade econômica: o artesanato do capim-dourado, uma espécie típica da região, que chama a atenção por sua cor de ouro. (BORGES; FILHO, 2003).

H  dois trechos, no excerto, que evidenciam *deserto* no jalapão: *numa das áreas mais ermas do Brasil e um deserto populacional abaixo de 0,6 habitantes, por quilômetros quadrado*. O adjetivo *ermas* pode significar um lugar despovoado/*deserto*, confirmando o sentido de poucas pessoas sobrevivendo no local. Então o texto diz que o Jalapão corresponde há um lugar desértico, tanto pela estrutura física quanto pelo baixo  ndice de habitantes. Para tanto, o excerto representa o Jalapão como deserto também pela densidade demográfica regional ser muito baixa.

O fragmento abaixo aponta peculiaridades físicas do Jalapão.

- (19) **Deserto de águas** situado na porção leste do Tocantins, mas alcançando também os estados do Maranhão, Piauí e Bahia, o Jalapão   uma **terra de extremos**. Em oposição **ao cerrado ralo** que recobre o **solo**

arenoso do Jalapão, as **nascentes**, **rios** e **cachoeiras** são abundantes em toda parte. (BORGES; FILHO, 2003).

O fragmento (19) aponta que o Jalapão é uma região de difícil acesso, afastado, longínquo e que possui o solo arenoso, ou seja, é seco, apesar dos inúmeros rios e cachoeiras existentes. Os adjetivos *extremos* e *arenoso* trazem o que muitos outros excertos já apontaram área desértica no Jalapão, pois quase sempre há existência de adjetivos caracterizando a região desse modo.

O excerto abaixo retrata o crescimento do número de turistas no Jalapão.

(20) São numerosos os grupos de turistas de todo o Brasil que enfrentam **areia** e **lama** para chegar às principais atrações do lugar: as **cachoeiras da Formiga e da Velha, o Fervedouro – pequena nascente, de águas cristalinas com fundo de areia – e as dunas**. (BORGES; FILHO, 2003).

No excerto (20), as expressões *areia* e *lama* apontam os desafios que os visitantes enfrentam no Jalapão. Já as expressões *cachoeiras da Formiga e da Velha, o Fervedouro – pequena nascente, de águas cristalinas com fundo de areia – e as dunas* apontam os atrativos/riquezas naturais do Jalapão. O difícil acesso e os pontos turísticos designam como é o Jalapão. Já a presença de dunas remete representações de *deserto* para a região. Com isso, na mesma região, características físicas opostas – dunas/aridez e abundância de água formam atrativos turísticos. Nesse sentido, nomear o Jalapão de *deserto* devido à quantidade de areia existente parece ter o objetivo de criação de um atrativo turístico não comum no cerrado e muito menos na região amazônica.

Já o próximo fragmento, do mesmo texto, sugere uma das possíveis causas de *desertificação* do Jalapão.

(21) Devido à **crescente ação humana**, o Jalapão tem sido submetido a uma intensificação do processo natural de **erosão**. Por causa da fragilidade da vegetação e das características do solo, essa interferência potencializa a desertificação da área. (BORGES; FILHO, 2003).

É bem comum vermos reportagens em que as “erosões” são as principais causadoras de *desertos* no planeta. No Jalapão, acontece com frequência esse processo, principalmente às margens da Serra do Espírito Santo. Segundo especialistas, o homem tem sido o vilão desse processo. É isso que aponta o excerto, que a ação humana prevalece como responsável pelas erosões do solo, tornando, assim, áreas desérticas.

O excerto (22) trata da temperatura na região Jalapão.

- (22) Nesses povoados centenários, cujo número de habitantes não chega a exceder o de seus anos de existência, todas as necessidades da comunidade eram supridas por ela própria, de panelas de barro a chapéus para proteger do **sol escaldante** que castiga os roçados nos meses de seca, quando a **temperatura ultrapassa facilmente os 40 graus**. (BORGES; FILHO, 2003).

Analisando o excerto, as expressões *sol escaldante* e *a temperatura ultrapassa facilmente os 40 graus* indicam a temperatura da região e conduz o leitor ao entendimento de ser realmente um lugar *deserto*, visto que nos *desertos* geralmente as temperaturas são muito elevadas durante o dia e muito baixas durante à noite.

Já no que se refere à categoria interdiscursividade, no texto de Borges e Filho (2003), há os discursos ambiental e mercadológico. O discurso ambiental ocorre devido ao texto apontar causas que favorecem a desertificação ambiental no Jalapão, como pode se constatar nas expressões a seguir *por causa da fragilidade da vegetação e das características do solo, essa interferência potencializa a desertificação da área*. (BORGES; FILHO, 2003). O fragmento aponta que a fragilidade do solo, bem como a da vegetação tem propiciado causas de desertificação no Jalapão.

Sobre o discurso mercadológico, observe-se o fragmento *São numerosos os grupos de turistas de todo o Brasil que enfrentam areia e lama para chegar às principais atrações do lugar: as cachoeiras da Formiga e da Velha, o Fervedouro – pequena nascente, de águas cristalinas com fundo de areia – e as dunas*. (BORGES; FILHO, 2003). O discurso mercadológico aparece, no texto, pelo fato de apresentar os atrativos do Jalapão como lugares favoráveis para expedições que geram lucros.

Sobre a representação de *deserto*, o texto aponta que a densidade demográfica da região propicia a nomeação do Jalapão como área desértica. Nesse caso, o texto aponta que o Jalapão é conhecido como *deserto brasileiro* devido ao número de habitantes ser pequeno e por possuir características arenosas que formam dunas de areias.

Em seguida, analisa-se o texto publicado em *Passeios & Viagens. Um deserto que poucos motociclistas brasileiros conhecem*, disponível em: <http://www.rockriders.com.br/index.php/conteúdo-completo/passeios-viagens-moto>.

- (23) Aqui no Brasil existe também um **Deserto**, conhecido como "Jalapão" e fica no estado brasileiro do Tocantins. **Diferente do Deserto de Atacama**, onde existem estradas asfaltadas em perfeitas condições, rodar dentro da área conhecida como Jalapão requer mais espírito de aventura e pilotagem off road. (PASSEIOS & VIAGENS, 2016).

O excerto acima aponta que o Jalapão é o *deserto* brasileiro. Existem características peculiares a outros *desertos*, como Atacama. Nele, há mais desafios impostos pela natureza (distância entre os atrativos turísticos). O difícil acesso torna o Jalapão diferenciado de outros *desertos* (estradas em péssimas condições de tráfego).

O segmento abaixo continua apresentando o Jalapão.

- (24) O parque do Jalapão (criado em 2001) abrange uma área de quase 150 mil hectares, a vegetação é predominantemente de **cerrado ralo** e **campo limpo com veredas**. As **dunas cor de cobre** se movimentam e transformam a região que se localiza no Tocantins. (PASSEIOS & VIAGENS, 2016).

Nesse fragmento, as expressões *cerrado ralo* e *campo limpo com veredas* apontam características de *deserto* na região, principalmente *campo limpo com veredas*. Pelo fato dos campos serem limpos e ainda possuírem veredas, faz o Jalapão possuir especificidades únicas (muitas águas e chapadões). Outro ponto que representa *deserto*, no excerto, é “as dunas cor de cobre, que transformam o cenário do jalapão”, pois são encontradas apenas nessa região do Tocantins.

No próximo fragmento, além de prevalecer a descrição da região Jalapão, também há uma justificativa porque é conhecido como *deserto*.

- (25) As **chapadas imponentes**, formação de **relevo curiosa**, são **desgastadas pelos ventos** minuto após minuto, e sedimentam suas **areias** no solo local. Por isto o local é também conhecido como “**Deserto do Jalapão**”. (PASSEIOS & VIAGENS, 2016).

Em (25), há procedência de *deserto* ocorre para a região Jalapão. O adjetivo *imponente* está caracterizando as chapadas como um lugar de grandes proporções de areias. Ademais, os ventos que fazem grande movimentações nessas areias colaboram para o lugar ser conhecido como *deserto* brasileiro. Portanto, no fragmento, as representações de *deserto* ocorrem pelas características físicas/geográficas do lugar.

O excerto abaixo também trata da designação do Jalapão como área desértica.

- (26) A reserva é repleta de **dunas douradas** e **poços borbulhantes**, no meio de uma **região árida pontilhada de oásis**. Este parque estadual é conhecido como “**deserto brasileiro**”, já que há várias **montanhas de areia e dunas**, além de uma **densidade demográfica de apenas 0,8 habitantes** por quilômetro quadrado. (PASSEIOS & VIAGENS, 2016).

Nele, há referência do Jalapão com características típicas de região desértica: *dunas douradas, região árida pontilhada de oásis, montanhas de areias e dunas, além do número de habitantes*. Nesse caso, há duas representações distintas que nomeiam o Jalapão como *deserto*, a primeira devido aos aspectos físicos geográficos e a segunda em decorrência do número de habitantes ser baixo.

Em relação à categoria interdiscursividade, o texto disponível em [http://www.rockriders.com.br/index.php/conteúdo-completo/passeios viagens-moto](http://www.rockriders.com.br/index.php/conteúdo-completo/passeios-viagens-moto) apresenta os discursos mercadológico, ambiental e turístico, como constata o segmento: *a reserva é repleta de dunas douradas e poços borbulhantes, no meio de uma região árida pontilhada de oásis. Este parque estadual é conhecido como “deserto brasileiro”, já que há várias montanhas de areia e dunas* (PASSEIOS & VIAGENS, 2016). Nota-se a presença dos discursos mercadológico e turístico, no texto, visto que as informações explícitas apontam os pontos turísticos como atraentes e isso proporciona mercado de exploração para as empresas e pessoas comuns estabelecidas na região.

Já o discurso ambiental está presente, no texto, por questões relacionadas aos fenômenos naturais na região Jalapão, como pode observar-se no

fragmento a seguir: *as chapadas imponentes, formação de relevo curiosa, são desgastadas pelos ventos minuto após minuto*. Essas variações contribuem para o desgaste do solo, transformando em áreas desérticas.

Em relação às representações de *deserto*, o texto acima aponta para características físicas do ecossistema (dunas de areias douradas, vegetação rasteiras e aridez do solo) e para a povoação baixa na região Jalapão.

O texto *Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins*, disponível em: <http://www.hotelinsite.com.br/regioes/jalapao.html>, também compõe o *corpus* desta pesquisa. O excerto abaixo traz, porém, outras representações do Jalapão que se contrapõem a regiões desérticas.

- (27) Mal **nomeado deserto** nos anos 90, o Jalapão **é rico em águas**. Ali correm os rios Sono, Soninho, Balsas, Preto, Caracol e Novo, da bacia do Tocantins. O rio das Balsas é afluente do Caracol, que vai dar no Sono, que aflui do Tocantins. Há **cachoeiras, olhos d'águas cristalinos, veredas úmidas costuradas por buritizais**. A região é, no entanto, **quase deserta de gente**, com densidade populacional de 0,8 por km. (CORNILS; CANDISANI, 2016).

O excerto acima aponta o Jalapão com riqueza em água e não mais como região desértica – com escassez de água. Essa representação parece ir ao encontro a considerar a abundância de água como atrativo turístico na região. A expressão *veredas úmidas costuradas por buritizais* indica o tipo de vegetação nos locais de águas em abundância. No entanto, o excerto remete à representação desértica devido ao índice populacional da região ser mínimo.

Em seguida, analisa-se dois excertos sobre o cenário das dunas do Jalapão no mesmo texto.

- (28) Para chegar às **dunas do Jalapão** ao pé da Serra do Espírito Santo, formada pelas **areias descascadas dos chapadões**, se atravessa uma vereda e se adivinha o caminho pelo vasto da chapada, ao seguir, lá de cima, o curso dos buritis que vai com eles. (CORNILS; CANDISANI, 2016).
- (29) O pôr-do-sol nas **dunas**, de frente para os **chapadões alaranjados** do Espírito Santo, é o desatar de cores, céus, terras e amplidão descrito por Euclides da Cunha. Essa é somente uma das belezas do Jalapão, acessível por veículos com tração nas quatro rodas, tempo bom e mapas regionais para encontrar os seus belos recantos, que são muitos. (CORNILS; CANDISANI, 2016).

As expressões *dunas do Jalapão formada pelas areias descascadas dos chapadões e chapadões alaranjados* caracterizam que o Jalapão é um *deserto*, pois se sabe que, naturalmente, “dunas” são típicas desses cenários. Além disso, o texto salienta que as dunas são muito arenosas, já que são formadas por areias de chapadões, ou seja, areia muito fina e seca. Portanto, a caracterização típica de *deserto*, nos excertos acima, também insere a região como de turismo diferenciado de outros lugares do Brasil.

Sobre a categoria interdiscursividade, o texto *Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins*, de Cornils e Candisani, disponível em: <http://www.hotelinsite.com.br/regioes/jalapao.html>, aponta que há os discursos turístico e ambiental, como pode se constatar nas expressões: *mal nomeado deserto nos anos 90, o Jalapão é rico em águas. Ali correm os rios Sono, Soninho, Balsas, Preto, Caracol e Novo, da bacia do Tocantins* (CORNILS; CANDISANI, 2016). O discurso turístico aparece devido ao texto noticiar que o Jalapão é rico em atrativos turísticos diversificados (muitas águas, dunas e cachoeiras, paisagens áridas, veredas e buritizais). Isso chama a atenção para a exploração do turismo, o que gera rendas. Já o discurso ambiental aponta para a ideologia de preservação das riquezas naturais do Jalapão.

A partir das categorias significado das palavras e interdiscursividade, a representação de *deserto*, no texto, refere-se à formação geológica do solo nos requisitos características físicas diferenciadas – dunas e chapadões descascados, bem como a densidade demográfica muito pequena.

Além disso, o texto *Jalapão, Tocantins – Viva esse Sonho*, de Eduardo Andreassi (2015), disponível em: www.andreassifotos.com.br; www.eduardoandreassi.com, também faz parte do *corpus* desta pesquisa por tratar das características peculiares do Jalapão, como pode se constatar no fragmento abaixo.

- (30) Dunas de **areias douradas** cortadas por riachos de **águas cristalinas** que constantemente transformam paisagens. Ao mesmo tempo, na imensidão desse **paraíso**, sensações **únicas** enquanto caminhava descalço sobre seus grãos **úmidos e espessos**. E a cada passo, contemplando o infinito do céu e suas cores majestosas em perfeita harmonia, tomava conta de mim uma **inexplicável** energia que aliviava **qualquer** cansaço. (ANDREASSI, 2015).

O excerto acima representa o Jalapão, no segmento do turismo, como região com características naturais peculiares, únicas. Em *dunas de areias douradas na imensidão desse paraíso, grãos úmidos e espessos*, há tipificação do tipo de duna – areias douradas. O Jalapão aparece como *deserto* e esse *deserto* o faz um paraíso. *Deserto* aqui relaciona-se às características físicas da região, o que ocorre também no fragmento abaixo.

- (31) **Deserto do Jalapão**, suas **areias amareladas** e **tons de cobre** ao final da tarde, são formadas por **quartzo de coloração dourada**, resultado da presença do dióxido de ferro, e que aos nossos olhos alteram suas cores devido à incidência da luz. (ANDREASSI, 2015).

Logo no início aparece a expressão *deserto do Jalapão* e, em seguida, no decorrer do texto, as expressões: *areias amareladas*, *tons de cobre* e *coloração dourada*. Essas descrições do cenário geográfico do Jalapão, torna-o diferente de outros atrativos turísticos, caracterizando-o como *deserto* em termos físicos.

O segmento abaixo continua representando o Jalapão como cenário desértico, no entanto, referente também à questão de povoação.

- (32) A princípio, associamos que lá só **há um Deserto e nada mais**, devido ao **menor número de habitantes** por km² (a região tem a menor densidade demográfica do Brasil: 0,8 habitantes por quilômetro quadrado) e suas **montanhas de areias**, imaginando o **Deserto do Saara na África ou Atacama, no Chile**. Mas não! **Tem muito mais** e tudo isso está aqui em nosso país, Brasil, onde prova mais uma vez que nos reserva **surpresas** em seu **Bioma rico e abençoado**. (ANDREASSI, 2015).

Em (32), a região do Jalapão é caracterizada *deserto* devido à baixa densidade demográfica e ao tamanho dessa região. Além disso, o excerto, em análise, também faz uma comparação, do *deserto* do Jalapão com o do Saara, na África, e Atacama, no Chile. Essa comparação faz com que o Jalapão realmente esteja de acordo dos parâmetros de um *deserto* em termos de características geográficas por possuir grande quantidade de solo árido: *montanhas de areia*.

O fragmento abaixo representa os cenários do Jalapão com suas peculiaridades únicas no que se refere a características físicas.

- (33) **Cerrado, vegetação rasteira e baixa, o deserto, as dunas de areia** que não canso de elogiar, cachoeiras frias e lagos quente, muitas delas

onde mesmo sendo de água doce não afundamos devido à mesma brotar de dentro para fora com tamanha pressão da água (fenômeno da ressurgência), suas **temperaturas climáticas agradáveis** e **nada de barulho ou poluição**, além **do céu esplêndido**, nos encantam. **Não há adjetivos suficientes** para tentar mostrar a você a beleza e sensações proporcionadas por esse lugar. (ANDREASSI, 2015).

O segmento (33) aponta como é a vegetação desse *deserto*. Em *Não há adjetivos suficientes para tentar mostrar a você a beleza e sensações proporcionadas por esse lugar*”, prevalece que representa o Jalapão como *deserto*, porque o excerto apresenta detalhes da formação do bioma regional do Jalapão, especifica.

Os excertos abaixo tratam de como os visitantes devem ir ao Jalapão, bem como características físicas.

(34) Dica importante: para os que querem conhecer **o Deserto do Jalapão** sozinhos, recomendo **total cautela**, pois é grande a possibilidade de **perderem-se por lá** ou na “melhor” das hipóteses, terem o carro com avarias e **não conseguirem ajuda**. Contrate empresas especializadas e faça de sua viagem, um lazer, um prazer. (ANDREASSI, 2015).

(35) Após o almoço, um breve descanso e finalmente iríamos às **Dunas**, por volta das 15h30min. E meu desejo de vê-las de perto e estar sobre suas **areias**, olhando para um horizonte infinito de cores, rodeado de pura energia, seria concretizado. As **dunas** do Jalapão estão em constante movimento, guiadas pelos ventos. Sua origem se deve a ação de **erosão** na Serra do Espírito Santo (ventos e chuvas) e sua **formação arenosa**. (ANDREASSI, 2015).

No segmento (34), a palavra *deserto*, que aparece acompanhada do artigo definido “o”, designa a existência desértica no Jalapão em relação a localização: *isolado*. E por isso aponta para a dificuldade encontrada nos caminhos, por ter difícil o acesso. Para tanto, o segmento (35) justifica a designação *deserto* para o Jalapão, primeiramente, ao apontar como um dos pontos de referência as *dunas*, depois há como é constituída sua formação: a erosão, o que é típico de áreas desérticas.

No próximo fragmento, há caracterização das dunas.

(36) Diante daquele cenário, **literalmente parei!** Fiquei **estagnado** com tal visão. Confesso que não conseguia concentração para fotografar. Estava literalmente **hipnotizado** diante do que via. **Nunca vi nada igual**. Mesmo nos meus tempos de Revista, onde abordávamos muito o Rally dos Sertões, ver as Dunas do Jalapão em fotografias e ouvir falar delas, é uma coisa. Estar lá, isolado de tudo e sobre todas aquelas **enormes formações de areias** aos seus pés, é outra coisa muito diferente e melhor. **Não cabem quaisquer adjetivos** para tal beleza e sensação. **Indescritível!** (ANDREASSI, 2015).

A palavra *dunas* permanece como sendo o centro do espetáculo, mensurando as perspectivas dos turistas, através das sensações de quem vê: *estagnado, hipnotizado, nunca vi nada igual e indescritível*. Para tanto, as representações de *deserto*, no excerto, especificam-se devido ao cenário de dunas com suas devidas formações de areias.

No excerto em seguida, a representação das dunas continua em relação às características de formação.

- (37) Aos pés dessa **imensa parede de areia**, corria um **riacho de águas transparentes**, proporcionando um **cenário que somente Ele poderia nos dar**. Mais parecia uma montagem de filmes de Hollywood com ajuda de efeitos visuais. Mas não! Era tudo natural. **Dunas que chegam a 40 metros de altura** e foram formadas há poucos anos, devido à **ação da natureza**. Ano após ano, essa área de areia cresce e segundo informações, em 2011 estima-se uma extensão de 8 km de comprimento por 2,5 km de largura. (ANDREASSI, 2015).

Aqui, há relevância das dunas para representação do Jalapão como *deserto* brasileiro. Há sempre características físicas do lugar (imensa parede de areia, dunas de até 40 metros de altura), diversificando-o dos demais, o que torna o Jalapão com muitos atrativos turísticos. Além disso, o excerto aponta que a intervenção da natureza é responsável pela formação das dunas e sua extensão.

O excerto abaixo também traz representatividade das dunas do Jalapão.

- (38) E foi naqueles **enormes bancos de areia** que usei pela primeira vez (e muito pouco) a Câmera Profissional. Até então, por praticidade de transportar e facilidade de uso, sempre estive com uma boa câmera compacta. Algo que até o final da expedição foi uma constante. **Na imensidão daquele deserto**, facilmente não avistávamos mais o grupo, devido à presença e **grandeza das Dunas** (inúmeras delas) em nossa frente. Era preciso seguir os passos deixados na areia úmida, nossos instintos e sentir a energia que subia pela sola de nossos pés. (ANDREASSI, 2015).

Em (38), há representação de *deserto: enormes bancos de areia, na imensidão daquele deserto e grandeza das dunas*. Essas características que especificadoras das dunas fazem do Jalapão um lugar encantador. Isso traz vantagens para o crescimento econômico do lugar, através da exploração do turismo e torna-o mais atrativo para visitação. O que representa *deserto* no excerto é o ecossistema das dunas do Jalapão – *arenosas*.

As representações de área desértica prevalecem no fragmento abaixo.

- (39) Ao cair da tarde, começo da noite, foi perceptível a presença dos **ventos mais fortes**. Daí, voltamos ao acampamento. Todos **extasiados, deslumbrados** com o que viram e cada qual, interpretando e sentindo ao seu modo. Digamos que sai de lá, revigorado e mais uma vez, impressionado com a região toda, cheio de extremos, indo de **um deserto a poços e quedas de águas límpidas**. (ANDREASSI, 2015).

A sentença *a presença dos ventos mais fortes* faz referência a *deserto*, bem como *cheio de extremos*, pois sugere que o turista encontrará muitos desafios pelos caminhos da expedição. Além disso, o fragmento ainda designa o quão peculiar é o Jalapão: *um deserto a poços e quedas de águas límpidas*. Há proposição a essas peculiaridades, designando o Jalapão único. A nomeação de *deserto*, no segmento, também aponta para o espaço físico regional, bem como o surgimento dos ventos fortes.

Já o próximo excerto, retirado do mesmo texto, menciona sobre a Serra do Espírito Santo com suas adversidades.

- (40) A **Serra do Espírito Santo** é considerada o cartão postal da região. No cume dela, após uma caminhada de 3 km em **área plana**, chegamos ao Mirante, onde é possível se ter uma visão privilegiada de toda a região, sendo ideal para apreciar as paisagens e horizontes do Jalapão. Devido sua **formação arenosa** e ao processo de erosão (chuvas e ventos), aos seus pés formaram-se aquela **enorme extensão de areia** cobrindo a vegetação local, formando as Dunas. (ANDREASSI, 2015).

O excerto aponta a Serra do Espírito Santo como atração do Jalapão por possuir a formação arenosa e por esse motivo é passível de erosão e que todo esses processos são responsáveis pela formação das dunas. Outra característica típica de *deserto*, que aparece no fragmento é *enorme extensão de areia*, essa grandeza especifica como é o cenário das dunas, tornando o ponto turístico bem distinto de outros do Brasil. A seguir, analisa-se o discurso do texto acima.

No que se refere à interdiscursividade, o *texto Jalapão, Tocantins – Viva esse Sonho*, publicado por Eduardo Andreassi (2015), disponível em: www.andreassifotos.com.br; www.eduardoandreassi.com, há o discurso ambiental, *Dunas de areias douradas cortadas por riachos de águas cristalinas que constantemente transformam paisagens. Ao mesmo tempo, na imensidão desse paraíso, sensações únicas enquanto caminhava descalço sobre seus grãos úmidos e*

espessos (ANDREASSI, 2015). Essas representações da formação geográfica do Jalapão permitem a compreensão das características físicas regionais.

Já o discurso turístico aparece em: *Dica importante: para os que querem conhecer o deserto do Jalapão sozinhos, recomendo total cautela, pois é grande a possibilidade de perderem-se por lá ou na “melhor” das hipóteses, terem o carro com avarias e não conseguirem ajuda* (ANDREASSI, 2015). O discurso turístico orienta os visitantes como devem proceder (conduzir arranjos adequados para as devidas necessidades). Essas informações (sobre o Jalapão) podem ser de grande relevância para quem deseja conhecer o lugar.

De acordo com as categorias significado das palavras e interdiscursividade, no texto de Andreassi, (2015), a caracterização de *deserto* para o Jalapão aponta para as características físicas da região – dunas de areias douradas. Além disso, apontam para o número de habitantes bem baixo.

O texto, *O Jalapão*, publicado por Apoená Rezende (2010). Disponível em: <http://www.brasilturismo.com>; <http://jalapao.to.gov.br>, retrata os atrativos turísticos do Jalapão, como pode se constatar no fragmento abaixo.

(41) A região do Jalapão é um lugar de descobertas permanentes. Em **plena mata de transição** entre o **cerrado** e a **caatinga**, onde predomina uma vegetação rasteira **similar às savanas**, surgem **cachoeiras, rios de águas cristalinas, corredeiras, grandes chapadas e formações rochosas de cores e formas variadas**. (REZENDE, 2010).

O excerto acima aponta as riquezas do Jalapão, com características peculiares, únicas: *região com muitos rios de águas cristalinas, vegetação bem variada e especificidades no solo*. O lugar parece atrair mais turistas/visitantes. As expressões *grandes chapadas e formação de cores e formas variadas* caracterizam o espaço geográfico e também remetem *deserto* para a região por apresentar especificidades únicas.

O excerto, a seguir, retrata o cenário das dunas do Jalapão, o que justifica a caracterização de *deserto*.

(42) Neste cenário, destacam-se **dunas de areias douradas**, com até 30 metros de altura, o que levou o lugar a ser chamado de **deserto do Jalapão**. Seria um deserto, se o Jalapão não fosse também um **paraíso das águas** e um lugar onde a presença de **flores e animais exóticos** salta aos olhos. Um convite à contemplação e à aventura. (REZENDE, 2010).

Neste excerto, prevalece a contemplação de *deserto* em termos físicos para o Jalapão e as dunas aparecem como sendo marco inicial desse cenário. Características típicas, como *dunas de areias douradas*, proporcionam a singularidade geográfica e o porquê desta região ser conhecida como *deserto* brasileiro. No entanto, há também características que se opõem ao Jalapão ser um *deserto*. A presença constante de águas e animais de várias espécies parece sugerir que tais recursos naturais não são encontrados em *deserto*.

O fragmento abaixo trata dos recursos naturais do Jalapão.

- (43) Os rios **Sono, Soninho, Novo, Balsas, Preto e Caracol** banham a **paisagem árida e rasteira**, que varia do cerrado baixo à campina. Matas de galeria surgem próximas de **rios, cachoeiras, lagoas, dunas de areia, serras e chapadões** de até 800 m de altura. A jalapa-do-brasil, que deu nome ao Jalapão, pode ser encontrada em toda parte. (REZENDE, 2010).

O excerto acima apresenta características típicas do bioma geográfico do Jalapão, diversificando-o por ser rico em águas, foge das representações de *deserto*. Já as expressões *paisagem árida e rasteira, campina, dunas de areias e chapadões de até 800 metros de altura* caracterizam os cenários do Jalapão com representações físicas de *deserto*, na região. Para tanto, as diversidades encontradas no ecossistema do Jalapão, como vários rios, distanciam características desérticas nos aspectos físicos regional. Porém, as expressões *dunas de areia, campina, chapadões e paisagem árida e rasteira* propõem representatividade de *deserto* no Jalapão.

O fragmento abaixo relata sobre as dunas do Jalapão.

- (44) Um **cenário** tanto **inesperado** quanto **inesquecível**, formado por **enormes dunas de areia dourada** (areia de quartzo), de até 30 metros de altura. Imagine a sensação de andar por estas areias e contemplar o pôr-do-sol no centro de uma paisagem como esta! (REZENDE, 2010).

O Jalapão é uma região de grande potencial turístico e adversidades em sua formação geográfica. As dunas no excerto são protagonistas para representar a região como um *deserto*. Portanto, no excerto e em todo o texto, as dunas são representações de *deserto* para a região. Isso aponta para a caracterização física do Jalapão para atrair turistas. A seguir, observa-se o discurso do texto.

No texto, *O Jalapão*, de Apoena Rezende (2010), está disponível em: <http://www.brasilturismo.com>; <http://jalapao.to.gov.br>, há o discurso turístico e o discurso ambiental, visto que em todo texto há trechos que designam o Jalapão; *Neste cenário, destacam-se dunas de areias douradas, com até 30 metros de altura, o que levou o lugar a ser chamado de deserto do Jalapão. Seria um deserto, se o Jalapão não fosse também um paraíso das águas* (REZENDE, 2010). Portanto, nota-se que o texto leva informações ao leitor, o que pode despertar curiosidades para visitar o Jalapão – Tocantins.

Já o discurso ambiental aparece como a descrição do solo do Jalapão. Sobre *deserto*, o texto designa as dunas como macro inicial e caracteriza as mesmas como únicas e responsáveis por o Jalapão ser conhecido como *deserto* brasileiro. Sendo assim, o texto *O Jalapão* (REZENDE, 2010) sugere a representação *deserto* como região formada por dunas de areias e chapadões.

O texto *Sertão das águas*, publicado por Laura Capanema, disponível em: <http://turismonotocantins.com.br/jalapao-tocantins-e-roteiros>, também trata da caracterização da região como pode se apontar no fragmento a seguir.

(45) Imagine um lugar com **dunas alaranjadas** e árvores com aqueles **galhos retorcidos** típicos do cerrado. Onde você caminha por horas e só ouve **o silêncio**. Insira **cachoeiras** com **poços de água verde-esmeralda** e **diversas nascentes** de **riachos límpidos**. E agora pare de imaginar, pois esse lugar existe. Seu nome é Jalapão. (CAPANEMA, 2016).

No excerto acima, a expressão *dunas alaranjadas* além de caracterizar a região como *deserto*, atribui característica peculiar para o fenômeno natural – alaranjado. Já o fato de possuir muitas águas torna o Jalapão exuberante para exploração do turismo.

O próximo excerto, retirado do mesmo texto, recai sobre as dunas.

(46) O maior desses mistérios envolve **as dunas: a região é a única do país** em que é possível avistar essas formações, típicas do litoral ou de desertos, no meio do cerrado. (CAPANEMA, 2016).

O fragmento acima atribui às dunas a formação de *deserto* no Jalapão. Além disso, caracteriza apenas o Jalapão como cenário típico de *deserto: único do país*.

O fragmento abaixo trata do relato de um dos donos de empresa que explora o turismo no Jalapão.

(47) Eu e minha mulher passamos dias e dias acampados **no meio do nada**. Quando vi aquelas **dunas e as cachoeiras**, percebi que tinha encontrado uma **mina de ouro**", diz. (CAPANEMA, 2016).

Parece que o aventureiro, em busca de implantar um ramo de negócios, sentiu-se por satisfeito quando se deparou com as *dunas*. Percebe-se que a grandiosidade das mesmas dunas parece exemplificar que são elas bem atrativas e que atraem o maior número de visitantes na região. A seguir, observa-se o discurso do texto já analisado acima.

O texto *Sertão das águas* apresenta o Jalapão para os visitantes. Nesse caso, há o discurso turístico como, por exemplo, no fragmento: *Imagine um lugar com dunas alaranjadas e árvores com aqueles galhos retorcidos típicos do cerrado. Onde você caminha por horas e só ouve o silêncio. Insira cachoeiras com poços de água verde-esmeralda e diversas nascentes de riachos límpidos. E agora pare de imaginar, pois esse lugar existe. Seu nome é Jalapão* (CAPANEMA, 2016). Há informações sobre os cenários turísticos da região como, por exemplo, *cachoeiras, diversas nascentes e riachos límpidos*. Isso pode despertar o interesse de pessoas fazerem expedições no Jalapão.

Também observa-se, no texto, o discurso mercadológico, bem como o discurso ambiental. O mercadológico pode ser constatado em: *Eu e minha mulher passamos dias e dias acampados no meio do nada. Quando vi aquelas dunas e as cachoeiras, percebi que tinha encontrado uma mina de ouro*, diz. (CAPANEMA, 2016). Nota-se, no dito, interesse pelo ramo de negócio na área do turismo na região, ou seja, um mercado para explorar recursos gerando renda.

Já o discurso ambiental aponta para as dunas: *o maior desses mistérios envolve as dunas, a região é a única do país em que é possível avistar essas formações, típicas do litoral ou de desertos, no meio do cerrado* (CAPANEMA, 2016). Há representações físicas da região Jalapão, em termos de dunas e chapadões que formam esses cenários.

O texto *Pras bandas do jalapão* aponta o Jalapão como *deserto* em relação aos aspectos físicos geográficos da região, como constata o fragmento abaixo.

- (48) Jalapão poderia ser chamada de terra das **dunas vermelhas**, do **cerrado** e **dos rios de água morna e quente**. **Pouco conhecido e selvagem**, fica no Estado de Tocantins, cuja capital, Palmas, fica a 1.776 km de São Paulo e a 2.124 km do Rio de Janeiro. (OFF ROAD, 2016).

O segmento (48) aponta duas representações de *deserto* no Jalapão: *Jalapão poderia ser chamado de terra das dunas vermelhas e pouco conhecido e selvagem*. Essas expressões indicam designações de *deserto* para o Jalapão, referentes às características físicas regionais – *dunas vermelhas* e *selvagem*. A adjetivação prevalece, no excerto, “selvagem” aparece caracterizando como é o Jalapão (desconhecido, acesso difícil e temido). O fragmento ainda aponta outras designações para o Jalapão por ser pouco conhecido. Ao ser selvagem e possuir dunas vermelhas, há representação de *deserto*, pois as dunas de areias designam a estrutura física do solo do Jalapão – constata-se a existência de *deserto* na região.

O fragmento abaixo aponta para os aspectos físicos do Jalapão.

- (49) **Não é um lugar comum**: as estradas sem fim **alguns trechos de areia fofa limitam o acesso a esse paraíso**, e talvez seja por isso que o lugar ainda esteja tão preservado. Além das pedras e buracos, que fazem a festa da turma do off-road, o Jalapão é um lugar onde se deve estar atento 100% do tempo: **as estradas não são bem sinalizadas**, existem **poucos postos de gasolina** e as chances de você conseguir **ajuda**, caso precise, são muito **pequenas**. Por tudo isso a região é conhecida como ‘**deserto**’ do **Jalapão**: tem uma das **menores densidades populacionais do país**, só perdendo para a Floresta Amazônica - cerca de 1,2 habitante / km. (OFF ROAD, 2016).

As expressões *não é um lugar comum*, *as estradas sem fim*, *alguns trechos de areia fofa*, e, *além das pedras e buracos*, *o Jalapão é um lugar onde se deve estar atento 100% do tempo* representam o Jalapão como região desértica. Em *não é um lugar comum*, há indicação de muitos desafios e obstáculos para um aventureiro desbravar a região. O excerto aponta os caminhos para a região como temidos para chegar aos atrativos turísticos do Jalapão e essas dificuldades tornam o Jalapão um paraíso. Em relação a *deserto*, faz-se assim pelas características físicas (dificuldades no acesso à região), mas também representa *deserto* devido à densidade demográfica ser pequena.

Em relação à categoria interdiscursividade, o texto *Pras bandas do Jalapão*, publicada por OFF ROAD, (2016), disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/auto/pras-bandas-do-jalapao-1.704230>, apresenta os discursos turístico e ambiental. Em: *Não é um lugar comum: as estradas sem fim alguns trechos de areia fofa limitam o acesso a esse paraíso*, nota-se um discurso para despertar a curiosidade das pessoas em conhecer a região e, ainda, o Jalapão aparece, no fragmento, como sendo um “paraíso”. Isto é, por ser um paraíso, proporciona mais expedições turísticas na região.

Também há o discurso ambiental no texto, visto que há relato de dificuldades em prosseguir pelos caminhos do Jalapão. Além disso, a caracterização dos aspectos geográficos bem diversificados fortalece a existência de discurso ambiental no texto.

Portanto, a interdiscursividade está presente no texto, devido ser possível a compreensão de certas funções sociais, pois o texto traz várias informações pertinentes para os turistas ou pessoas comuns que desejam se aventurar pelo *deserto* do Jalapão.

O texto *Pras bandas do Jalapão*, aponta para três definições de o Jalapão ser conhecido como *deserto brasileiro*: *é deserto devido a existência das dunas, a dificuldade de acesso e devido à densidade demográfica ser baixa*, são representações peculiares das características físicas/típicas da região Jalapão.

Assim sendo, esta análise foi constituída utilizando-se da investigação do significado acional e do significado representacional no *corpus*.

Em todos os 8 (oito) textos analisados, em termos do significado acional, investigou-se a estrutura genérica, bem como os pré-gêneros existentes neles. Constatou-se que esses textos são do gênero situado reportagem, pois todos eles noticiam o Jalapão como *deserto brasileiro*. Além disso, esses mesmos textos são compostos, principalmente, pelos pré-gêneros narração seguido da descrição.

Já em relação ao significado representacional utilizou-se as categorias do significado das palavras e a interdiscursividade. Na categoria significado das palavras, analisou-se (41) excertos, a descrição prevalece neles.

Sobre a interdiscursividade, parecem prevalecer três discursos: o discurso turístico, o discurso ambiental e o discurso mercadológico, visto que, nas reportagens, há sempre informações que possam atrair pessoas para visita e exploração do turismo no Jalapão. Além disso, todos apresentam características

físicas peculiares regionais da região do Jalapão, seja de formação do solo e/ou abundância em águas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do significado acional e do significado representacional da linguagem (FAIRCLOUGH, 2003), no *corpus* desta pesquisa, elucidou a construção de sentido *deserto* para a região Jalapão do estado do Tocantins.

Em um mesmo texto e em textos diferentes do *corpus* analisado, há apontamento de aspectos geográficos da região do Jalapão típicos de qualquer outro *deserto* do mundo - solo arenoso, dunas, areias douradas. Ocorre, porém, também caracterização dessa região com abundância de água - rios, cachoeiras, fervedouros. Essa aparente contradição de características geográficas, nos textos, parece se justificar devido à tentativa de diversificar o turismo para a região do Jalapão. Isto é, a região possui atrativos turísticos tanto para interessados em *deserto* (dunas, solo muito arenoso) quanto para interessados em abundância de águas, gerando a possibilidade de mais turismo para a região.

A designação *deserto*, na análise de dados, também é justificada pelo difícil acesso aos pontos turísticos da região. Além disso, *deserto* aponta, nos textos, para a representação de densidade demográfica muito baixa do Jalapão.

A construção de sentido *deserto* para o Jalapão, tanto por sites institucionais quanto por sites de turismo, parece apontar para a representação de um turismo diversificado, a partir de características geográficas “contrastantes” do Jalapão. Essas representações levam o Jalapão a ser conhecido como *deserto brasileiro*.

Já em relação a discursos, os dados analisados fazem referência ao Jalapão como *deserto brasileiro*. Prevaecem os discursos ambiental, o discurso turístico e o mercadológico/econômico, como dito anteriormente.

Portanto, as reportagens que apontam representações de *deserto* para o Jalapão são voltadas para exploração do turismo na região, pois há existência de informações como os turistas/visitantes podem proceder para desbravar o lugar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREASSI, Eduardo. **Jalapão, Tocantins – Viva esse Sonho**. Disponível em: www.andreassifotos.com.br; www.eduardoandreassi.com. Acesso em: 14 set. 2016.

BORGES, Juliana; FILHO, Maurício Monteiro (2003). **O ouro do Jalapão**. Disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br>. Acesso em: 02 jun. 2016.

CAPANEMA, Laura. **Sertão das águas**. Disponível em: <http://turismonotocantins.com.br/jalapao-tocantins-e-roteiros>. Acesso em: 22 jun. 2016.

CENCI, A. V. **O que é ética? Elementos em torno de uma ética geral**. 3ª ed. Passo Fundo: A.V. Cenci, 2002. Disponível em – www.scielo.br/scielo.php. Acesso em: 15 ago. 2016.

CORNILS, Patrícia; CANDISANI, Luciano. **Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins**. Disponível em: <http://www.hotelinsite.com.br/regioes/jalapao.html>. Acesso em: 06 jun. 2016.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. bras. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GIMENES, Renata. **O “deserto brasileiro” Jalapão, em Tocantins, reúne rios, piscinas naturais, cachoeiras e muitas trilhas no mesmo lugar**. Disponível em: <http://asasedestinos.com.br/turismo>. Acesso em: 02 jul. 2016.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Arnold, 1994.

MORAES, S. **Parque-estadual-do-jalapão**. Disponível em: <http://naturatins.to.gov.br/noticia>. Acesso em: 02 ago.2016.

OFF ROAD, Clube. **Pras bandas do Jalapão**. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/auto/pras-bandas-do-jalapao-1.704230>. Acesso em: 01 jul. 2016.

PASSEIOS & VIAGENS. **Um deserto que poucos motociclistas brasileiros conhecem.** Disponível em: <http://www.rockriders.com.br/index.php/conteúdo-completo/passeios-viagens-moto>. Acesso em: 11 mai. 2016.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de discurso (para a crítica): o texto como material de pesquisa.** Campinas, SP: Pontes, 2011.

REZENDE, Apoena. **O Jalapão.** Disponível em: <http://www.brasilturismo.com>; <http://jalapao.to.gov.br>. Acesso em: 05 jun. 2016.

6. ANEXOS

O “deserto brasileiro” Jalapão, em Tocantins, reúne rios, piscinas naturais, cachoeiras e muitas trilhas no mesmo lugar

Localizado no centro do Brasil, o Jalapão fica no estado de Tocantins. Os turistas que vão lá visitar, precisam sair de Palmas, primeiramente, a capital do estado. Considerado o “deserto brasileiro” por ficar exatamente numa área vazia de população e mais árida, este destino nos reserva paisagens maravilhosas e únicas, isoladas, diferenciando de muitos outros destinos de natureza no Brasil.



Serras do Jalapão (créditos: Renata Gimenes)

É uma viagem de muitas descobertas. Um Brasil intocável de paisagens bem diferentes do que estamos acostumados. São lugares selvagens, dunas douradas, poços, rios e nascentes borbulhantes. Amantes de natureza, com certeza, vão se deslumbrar com o local. Como poucos sabem, o estado de Tocantins pertence à região Norte do país e não Centro-Oeste, como muita gente ainda pensa. No meio do Cerrado, paisagens áridas e vegetações rasteiras fazem parte do cenário. Os famosos capins dourados, nascem em certa época, nessas vegetações rasteiras, fazendo do Jalapão, um local mais conhecido, devido a planta dourada que embeleza o artesanato brasileiro.

Entre a divisa da Bahia, Maranhão e Piauí, em uma área de 34.113 km², fica todo o Jalapão, no centro-leste do Tocantins. Não apenas pelas montanhas de areia que formam as dunas de até 30 metros que se movimentam aos pés da Serra do Espírito Santo, mas também pela densidade demográfica local que conta com ínfimo 0,8 habitante encontrado a cada km².

Porém, a maior inspiração desse destino de aventura não é só o Cerrado em si, mas também as águas de lá. Rios de todos os ritmos de Aventura, o principal o Rio Novo; poços de nascentes borbulhantes, no qual a pessoa quando entra não se afunda – fenômeno chamado resurgência, além dos lindos córregos e cachoeiras, para visitação e banho.

A aventura começa quando precisa chegar no Jalapão. A dificuldade de acesso do Jalapão foi a grande responsável pela preservação deste santuário, onde de veredas virgens aflora água cristalina e abundante, formando inúmeros rios, em meio a uma paisagem árida e bela.



Jardineira Off Road rumo ao Jalapão (crédito: Renata Gimenes)



Estradas do Jalapão (crédito: Renata Gimenes)

Estas condições proporcionam vida a uma diversidade incrível de animais e plantas totalmente adaptada a esta região do cerrado. Outrora o Jalapão era desafiado apenas por caravanas de tropeiros que atravessavam em viagens épicas este sertão bravio na direção do Vale do rio Tocantins. Hoje, a entrada de faz de jipes e grandes veículos 4×4, pois as estradas são todas de terra.

A região ainda conserva muitas das espécies típicas do cerrado, como a onça-pintada, o tamanduá-bandeira, o veado-campeiro e a capivara. Desacostumados a presença humana, eles são um tanto arredios e nada fáceis de ser avistados. A vegetação predominantemente é o cerrado, mas é possível encontrar grandes faixas de campos limpos e campos sujos. Por baixo da vegetação rasteira, o solo é constituído de areia, a mesma areia que forma as estradas de boa parte do Jalapão.

A principal porta de entrada da região é a cidadezinha de Ponte Alta do Tocantins, que está a 190 km da capital, Palmas, por estrada asfaltada. Dali em diante, só estradas de terra. Itinerários circulares usam a cidade de Novo Acordo, a 110 km de Palmas (também por asfalto) para entrar ou sair. A maior quantidade de atrativos está em torno do povoado de Mateiros, a 160 km de Ponte Alta (ou 240 km de Novo Acordo). Os povoados de Ponte Alta e São Félix do Tocantins (a 90 km de Mateiros e 150 km de Novo Acordo) também servem como base para visitar outros atrativos.

Eu fui convidada pela agência [KORUBO](#), pioneira no destino Jalapão e que fornece a experiência no estilo de um safari africano. Com uma imensa jardineira como deslocamento para os passeios e acampamentos estruturado com grandes barracas e local para refeições à beira do Rio Novo. Porém, o número de visitantes continua pequeno, porque o acesso é difícil e não há hotéis na região. Somente pequenas pousadas nos vilarejos arredores.

O Jalapão é uma atração a parte para os aventureiros e amantes da natureza. Mas uma coisa deve ser explicada: não é igual uma Chapada ou Lençóis Maranhenses. É bem diferente. É um cenário de Dunas, mais lagoas, rios e cachoeiras e paredões de chapadas, porém, num território árido, o Cerrado, com baixa vegetações e espécies raras

e diferentes dos olhos dos visitantes. Estradas difíceis e arenosas, entre outras dificuldades. Tem que ser desbravado de **off-road** mesmo, não tem jeito!



Transporte da Korubo para chegar ao Jalapão (crédito: Renata Gimenes)

A Aventura

Com chegada à Palmas, primeiramente. Lá me hospedei no Hotel Pousada dos Girassóis, para descansar. Se der, pode visitar a cidade com o pouco tempo livre. Ao amanhecer, seguimos de micro ônibus para o Jalapão que dá 300 quilômetros de percurso. Na cidade de Ponte Alta, onde almoçamos, trocamos o micronibus pela Jardineira OFF-ROAD, feita especialmente para os aventureiros do acampamento. De lá, pegamos estradas de muita areia até chegar no *camp*. No meio do caminho, paramos no Canyon de Suçuapara, local refrescante em meio a aridez do cerrado, com suas águas que escorrem por uma fenda entre as rochas. Final da tarde, chegamos no Safari Campi. Fomos alocados cada um em sua barraca, que tem estrutura de banheiro cada uma e jantamos e pernoitamos por lá.



Almoço em Ponte Alta, caminho ao destino esperado. (crédito): Renata Gimenes



Canyon de Suçupara (Crédito: Renata Gimenes)



Canyon de Suçupara (Crédito: Renata Gimenes)

O primeiro passeio foi descer de caiaque pelo **Rio Novo**, equipamentos cedidos pelo próprio acampamento da Korubo e seus guias, que nos acompanhou em toda trajetória. Um dos últimos rios de água potável do mundo, de aparência totalmente cristalina. O **Rio Novo** chama a atenção também pela natureza selvagem que o envolve e pelas belas praias que se formam ao longo de suas margens. Nas águas do **Rio Novo**, é comum a prática do rafting. Mas há espaço para outros esportes radicais, como a canoagem, rapel, bóia-cross (descida pelas corredeiras do rio em bóia individual) e acuaride (em que o esportista fica de bruços em cima da bóia).



Canoagem no Rio Novo, saída do acampamento (crédito: Renata Gimenes)



Além do Rio, visitas à cachoeiras, lagoas, dunas, chapadões, e muitos outros atrativos, recheou todos nossos sete dias de duração do passeio. Abaixo, segue os principais atrativos de nossas atividades:

Depois do almoço no Campi (aliás quase todos nossos almoços são feitos pela equipe do acampamento que nos acompanha em todos passeios), outro cenário esplendoroso e único são as **Dunas do Jalapão**, de cores de areias alaranjadas. O percurso de caminhão para chegar até elas já é lindo e quando chega, fica mais inesquecível ainda. As dunas são formadas por enormes dunas de areia dourada (areia de quartzo), de até 40 metros de altura.



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



Dunas do Jalapão. Cores de areias alaranjadas, Dunas do Jalapão. Cores de areias alaranjadas com vista para Serra do Mirante (crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)

Imagine a sensação de andar por estas areias e contemplar o pôr-do-sol no centro de uma paisagem como esta. As dunas estão em constante movimento, guiadas pelos ventos. Ao seu redor fica a já citada Serra do Espírito Santo, de formação arenosa, cuja ação dos ventos causa sua erosão, originando as dunas. Tudo se completa formando uma paisagem esplendorosa.

Outro passeio terrestre, é a **Trilha da Serra do Mirante**, que fica na **Serra do Espírito Santo**, a principal atração do Jalapão. Dentro dessa Savana, grandes chapadas e Dunas enfeitam a beleza deste cenário. O cartão-postal da região, é uma elevação imponente que, através do processo de erosão (chuvas e ventos), dá origem às dunas que se formam aos seus pés. Existe na serra um mirante, de onde, após uma hora de caminhada em direção ao cume – de muita subida e trilha, é possível se ter uma visão privilegiada de toda a região. O topo da serra é uma grande área plana, que lembra uma imensa mesa elevada. É o local ideal para apreciar as paisagens e horizontes do Jalapão.



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



Trilha da Serra do Mirante: dificuldade de subida, mas vale a pena. Linda paisagem (créditos: Renata Gimenes)

A paisagem é espetacular, tanto debaixo – antes da trilha, como de cima, depois de escalar a serra, com muito esforço – para alguns: eu no caso!!

As águas

Outros passeios do roteiro do Safari, são as atrações de águas. A **Cachoeira da Velha** está aberta apenas para visitação. Alimentada pelas águas do Rio Novo, ela é a maior cachoeira do [Jalapão](#) e uma das suas principais atrações. Nela, as águas correm em grande quantidade, despencando por duas quedas em formato de ferradura, cada uma com mais de 20 metros de largura. Um espetáculo imponente, em que a natureza mostra sua exuberância e toda a sua força. Porém, não dá para banho.



Cachoeira da Velha. Só contemplação (crédito: Renata Gimenes)

Bem próximo à Cachoeira da Velha existe uma prainha, de águas doces e mansas, cercada por matas de galeria. Sem dúvida, uma bela opção para o camping. A trilha para chegar da cachoeira à prainha é um atrativo à parte, de fácil caminhada, com paradas para descanso e contemplação. Fizemos esse passeio no penúltimo dia, quando saímos do acampamento em direção à Palmas, para nossa última pernoite no estado de Tocantins.

A mais famosa cachoeira da região é a **Cachoeira do Formiga**. É uma pequena queda d'água, cercada por uma vegetação exuberante, de árvores altas, samambaias e moitas de palmeiras nativas. Mas o espetáculo mesmo fica por conta da piscina formada ao pé da cachoeira, onde águas de um verde-esmeralda encantador convidam ao mergulho. Uma jóia onde é possível banhar-se e observar o fundo do poço, com areias calcáreas.



Cachoeira da Formiga (crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)

Outros atrativos bem famosos e que todos visitantes querem passar horas são os **Fervedouros do Jalapão**. Parece um oásis. Em meio à vegetação fechada, entre brejos e riachos, surge um lugar de rara beleza, cercado por bananeiras. Ao seu centro está um grande poço de água azul transparente – na verdade, a nascente de um rio subterrâneo. A água que brota das areias claras cria o fenômeno da ressurgência, que tornam impossível até o banhista mais persistente afundar. No **Fervedouro**, você vai divertir-se e conhecer a real sensação da leveza.



Fervedouros do Jalapão: não afunda. Delícia banhar-se (créditos: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)

Como disse acima, depois da Cachoeira da Velha, há uma **Prainha**, local de linda beleza e uma maravilha para banhar-se. Após curtir a exuberância da Cachoeira da Velha, é hora de percorrer uma trilha de aproximadamente uma hora até chegar à prainha, um lugar bastante agradável, com sombra e águas doces e mansas, cercado por matas de galeria. É o momento para relaxar e refletir.



Prainha: lugar calmo para se banhar. (créditos: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)

Essas entre outras atrações é o que colore o imenso destino do Jalapão. Local para aventureiros e amantes da natureza. Local onde muitos brasileiros e turistas ainda precisam conhecer melhor e explorar.

Capim Dourado

No final de um dia, a equipe da Korubo nos levou à cidade de Mateiros, para comprarmos os famosos artesanatos de capim-dourado, feito do famoso capim daquela região. Lindos cestos, colares, brincos, vasos, entre outros ardonos, pode ser encontrados nas lojinhas da cidade e região. Vale a pena adquirir peças dessa lindeza de adorno.



Cestas de Capim Dourado, artesanatos da região (créditos: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)

Serviços

– *Quando ir ao Jalapão?* – o destino é recomendado visitação o ano inteiro. Entre maio e setembro é raro chover e a temperatura é ótima, entre muito céu azul. Para ver o capim dourado em seu estado dourado, deve ir em setembro.

– *O que levar?* – Repelente, protetor solar, boné, óculos de sol, dinheiro vivo. Celular pouco se pega nas cidades perto do parque. E muita roupa de abrigo e confortável.

– Outra agência de viagens também faz esse passeio, com quase os mesmos passeios, mas inclui rafting e o povoado de Mumbuca, que produz os artesanatos com o capim dourado. É a Venturas Viagens (www.venturas.com.br)

Acampamento Korubo Expedições – Mais informações desse passeio da Korubo acesse: www.korubo.com.br – tel: (11) 4063-1502.



(crédito: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)



Aposentos do acampamento KORUBO, à beira do Rio Novo (créditos: Renata Gimenes)



(crédito: Renata Gimenes)

GIMENES, Renata. **O “deserto brasileiro” Jalapão, em Tocantins, reúne rios, piscinas naturais, cachoeiras e muitas trilhas no mesmo lugar.** Disponível em: <http://asasedestinos.com.br/turismo>. Acesso em: 02 de julho de 2016.

Publicado por Renata Gimenes

O ouro do Jalapão

No Jalapão, estado do Tocantins, uma das áreas mais ermas do Brasil, a comunidade está trocando as práticas tradicionais da lavoura e da pecuária por uma nova atividade econômica: o artesanato do capim-dourado.



O menino Flávio Ribeiro, da comunidade do Prata, carrega a planta que vira ouro.

O menino Flávio Ribeiro, morador da comunidade do Prata, ignora que carrega nas mãos as raízes de um futuro incerto para as populações da região do Jalapão, estado do Tocantins.

Os habitantes do vilarejo em que vive o garoto, no município de São Félix do Tocantins, têm assistido, nos últimos três anos, a uma verdadeira revolução, que já atinge as principais cidades do Jalapão. Numa das áreas mais ermas do Brasil, um deserto populacional de densidade demográfica menor que a da Amazônia – abaixo de 0,6 habitante por quilômetro quadrado –, os moradores de Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, São Félix e Novo Acordo, maiores municípios do Jalapão, estão trocando as práticas tradicionais da lavoura e da pecuária por uma nova atividade econômica: o artesanato do capim-dourado, uma espécie típica da região, que chama a atenção por sua cor de ouro.

Deserto de águas situado na porção leste do Tocantins, mas alcançando também os estados do Maranhão, Piauí e Bahia, o Jalapão é uma terra de extremos. Entretanto, ao contrário do que acontece no restante do país, os paradoxos da região são predominantemente de natureza ambiental. Em termos sociais, a miséria e a escassez de recursos são iguais para os habitantes daquela área. E são justamente os contrastes ecológicos as maiores riquezas do lugar. Em oposição ao cerrado ralo que recobre o solo arenoso do Jalapão, as nascentes, rios e cachoeiras são abundantes em toda parte. O resultado é uma imensidão semi-árida recortada por águas límpidas.

Pela exuberância do ecossistema, a região despertou o interesse dos visitantes e, a partir de 1998, passou a ser alvo de agências especializadas em ecoturismo. Assim, na estação seca – o verão, que corresponde, no Jalapão, aos meses de junho e julho –, são numerosos os grupos de turistas de todo o Brasil que enfrentam areia e lama para chegar às principais atrações do lugar: as cachoeiras da Formiga e da Velha, o Fervedouro – pequena nascente de águas cristalinas com fundo de areia – e as dunas.



A vegetação desértica das dunas do Jalapão.

Devido à crescente ação humana, o Jalapão tem sido submetido a uma intensificação do processo natural de erosão. Por causa da fragilidade da vegetação e das características do solo, essa interferência potencializa a desertificação da área. Por isso tornou-se necessária a criação do Parque Estadual do Jalapão, em janeiro de 2001. "A intenção foi conter a exploração desenfreada do turismo", declara Alexandre Rodrigues, diretor de desenvolvimento sustentável do Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins), órgão responsável pela gestão do parque.

A diversidade ecológica da região e os impactos que ela vem sofrendo também levaram o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em conjunto com a Conservation International e pesquisadores da Universidade de Brasília, a montar uma expedição ao Jalapão, em maio de 2001. "O objetivo foi estabelecer unidades de conservação (UCs) fora do parque", justifica Miguel von Behr, coordenador do grupo. Ao fim de um mês, a viagem resultou na criação de um corredor ecológico que integra quatro UCs – Áreas de Proteção Ambiental Serra da Tabatinga e do Jalapão, Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins, na fronteira entre Bahia e Tocantins, e Parque Nacional Nascentes do Parnaíba, situado na divisa de Piauí, Maranhão, Tocantins e Bahia –, além do parque estadual. Segundo Von Behr, atual gerente do corredor ecológico, a iniciativa se deve ao fato de o Jalapão ser considerado uma das áreas prioritárias de conservação do cerrado.

Do relatório da expedição, publicado em fevereiro de 2002, constam, além de estudos técnicos sobre fauna e flora, avaliações sobre a situação das comunidades tradicionais daquela região. A partir do levantamento humano feito pela equipe do Ibama, foram realizadas oficinas de planejamento com os moradores dos municípios de Ponte Alta, Mateiros e São Félix, com o intuito de identificar suas principais reivindicações. Em todos os encontros, foi unânime a preocupação com o capim-dourado.



O artesanato do capim-dourado.

Por meio do artesanato da planta, o mundo chegou às populações nativas do Jalapão. E o fez num turbilhão iniciado há apenas quatro anos. Nesses povoados centenários, cujo número de habitantes não chega a exceder o de seus anos de existência, todas as necessidades da comunidade eram supridas por ela própria, de panelas de barro a chapéus para proteger do sol escaldante que castiga os roçados nos meses de seca, quando a temperatura ultrapassa facilmente os 40 graus.

Nas palavras de Guiomar Ribeiro da Silva, moradora do povoado de Mumbuca, localizado em Mateiros, a nova fonte de sustento de sua comunidade também teve origem naquelas terras. "O capim-dourado foi nascido e criado aqui", orgulha-se. Ela, como a grande maioria das mulheres e alguns dos homens do vilarejo, está trocando a lavoura e as antigas práticas artesanais pelo trabalho com o capim-dourado. Na verdade, no caso de Mumbuca, não se pode dizer se a comunidade criou o capim ou foi o inverso. Certo é que a história de ambos é indissociável. "Minha mãe aprendeu o artesanato com os índios", conta Guilhermina Ribeiro da Silva, a dona Miúda, de 73 anos, moradora de Mumbuca desde que nasceu e, hoje, a maior liderança da comunidade. Aos 14 anos, começou a praticar a técnica. Naquela época, porém, o artesanato era destinado apenas ao uso doméstico. Das fibras do capim, costuradas com as do buriti, outra espécie típica da região, surgiam os chapéus que protegeriam os lavradores na roça. Além disso, ele era matéria-prima para fabricar cestas, bolsas e utensílios de cozinha. A arte de trançar suas fibras estava circunscrita a dona Miúda e outras poucas artesãs, que trabalhavam também com a macaúba, a piaçava e o próprio buriti.

A matriarca da comunidade foi a única mulher que buscou outro destino para parte de sua produção. "Eu vi que o capim ia dar progresso", afirma. Com a ajuda dos filhos, viajava até as cidades próximas, e a outras nem tanto – a própria Mateiros fica a cerca de 28 quilômetros de Mumbuca –, para comercializar as peças produzidas por ela. "Ia com o burro de carga, um saco de cada lado, vender o artesanato em Dianópolis (TO), Lizarda (TO),



Meninas de Mumbuca já crescem convivendo com o artesanato do capim-dourado.

Corrente (PI) e Formosa do Rio Preto (BA)."

Tradição à venda

A partir de 2000, os burros de carga deram lugar a veículos com tração nas quatro rodas, e os destinos do artesanato não mais se limitaram às cidades vizinhas, expandindo-se para os grandes centros urbanos, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. O governo do estado do Tocantins, através da Secretaria de Cultura, passou a incentivar a produção. Após uma consulta à comunidade de Mumbuca, foi realizada uma oficina de cinco dias para tornar as peças "compatíveis" com o mercado. "Eles já possuíam a tradição, mas não sabiam produzir com vistas à comercialização. Faziam o artesanato para usar, não para vender", explica Rosane Rodrigues, coordenadora de artesanato e arte indígena da Fundação Cultural, órgão vinculado à Secretaria de Cultura do Tocantins. Segundo ela, após alguma resistência inicial, os moradores de Mumbuca adotaram os formatos ensinados pelo designer paulista Renato Imbroisi, levado ao Jalapão pela Fundação Cultural exclusivamente para aprimorar a técnica que

dona Miúda difundira na comunidade. "Hoje, são confeccionados por volta de 50 produtos diferentes", conta Maria da Penha de Faria, consultora de projetos em artesanato do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

O incentivo do governo fez com que o artesanato ultrapassasse as fronteiras de Mumbuca. A arte dominada por dona Miúda e sua comunidade chegou a Ponte Alta e São Félix. Foi transmitida também aos moradores da cidade de Mateiros e aos povoados de Carrapato, Borá e Boa Esperança, todos no mesmo município. Às margens das estradas da região, a grande maioria das casas sustenta placas de "Vende-se artesanato de capim-dourado".

Na comunidade do Prata, onde mora o garoto Flávio, o ouro das fibras da planta começou a ser explorado quatro anos atrás. A primeira artesã foi Gracy Ribeiro, moradora do povoado há mais de 40 anos. "Antes trabalhava na roça. Agora, só no capim", relata. Ela é a responsável pela casa do artesão de sua comunidade, construída com apoio da prefeitura de São Félix para expor a produção local. Assim como os outros povoados, o Prata recebe, quinzenal ou mensalmente, a visita do carro da Fundação Cultural, que recolhe as peças para revender. "A intenção do governo é fazer com que a febre do capim-dourado não passe", explica Sônia Miranda, gerente do centro de artesanato e arte indígena da instituição e uma das responsáveis pela visita às comunidades. Essa iniciativa, no entanto, não conta com o apoio dos artesãos, que se sentem explorados, uma vez que nos grandes centros o preço das peças chega a quadruplicar. E o retorno?



As hábeis mãos de Dilva Ribeiro, da comunidade de Carrapato, trabalham as fibras do capim.

Tanto o Sebrae como a Fundação Cultural prestam praticamente o mesmo serviço às comunidades. Cedem carros para levar os moradores até os locais de coleta e transportar o material colhido, exercem uma espécie de controle de qualidade do artesanato para melhorar o acabamento das peças e cadastram todos os artesãos. A Fundação Cultural criou diplomas de "mestre-de-obras" para as pessoas que passaram pelas oficinas e estão aptas a trabalhar com o capim. Também foi fundada a Associação dos Artesãos e Extrativistas do Povoado de Mumbuca, da qual participam, além dos moradores locais, os de Borá e de Boa Esperança.

Mas a maior importância da presença dos dois órgãos nos povoados produtores é sentida no destino final das mercadorias. Ambos são os responsáveis pela "exportação" do artesanato a outros estados, através de feiras e exposições. Em Palmas, capital do Tocantins, a Fundação Cultural mantém uma loja especializada em artesanato tocantinense, que vende os artigos confeccionados no Jalapão. Os dois órgãos garantem que todo o montante arrecadado nas vendas é repassado para os artesãos, isto é, só quem lucra são os produtores. Porém, o artesanato do capim-dourado, em função do aumento do turismo, tem sido objeto de intensa especulação e acaba chegando supervalorizado às grandes cidades. A procura cada vez maior pela arte reluzente do capim-dourado tem gerado um universo de intermediários e atravessadores, contra os quais os habitantes locais não têm defesa. "O dinheiro do turista chama a atenção e é uma necessidade. Mesmo assim, os artesãos já sabem que vender de qualquer jeito é prejudicial a eles", explica Maria da Penha.

Na realidade, o turismo crescente desempenha um papel fundamental na consolidação da prática do artesanato como fonte de renda para as comunidades. "Algumas pessoas passaram a ir ao Jalapão exclusivamente para adquirir o artesanato", complementa Rosane, da Fundação Cultural. O problema são os compradores de atacado, geralmente lojistas de outras regiões do Brasil, que terão lucros exorbitantes à custa da produção dos artesãos jalapoeiros. "Vamos cobrar das empresas a repartição dos benefícios gerados pelo artesanato do capim-dourado. Uma proposta é a elaboração de contratos de compra e venda", afirma Suelma Ribeiro, bióloga do Ibama.

É essa também a opinião de dona Miúda. Junto com os termos que passaram a ser comuns no vocabulário das comunidades do Jalapão, como concorrência, lucro e exploração, ela viu chegar a Mumbuca a imprensa, com a saga do capim-dourado reduzida a matérias em revistas de moda e design e fotos de atrizes famosas com bolsas feitas da planta. Ela, melhor do que ninguém, sabe que o dinheiro envolvido no comércio desse artesanato é muito superior aos R\$ 200 ou R\$ 300, frutos da venda das peças, que complementam a renda mensal quase inexistente



Nas alagadiças veredas cresce o ouro do Jalapão.

das famílias nativas do Jalapão.

Futuro incerto

Desde a época em que a mãe de dona Miúda aprendeu o artesanato com os índios, o conhecimento sobre o capim-dourado é o mesmo, isto é, quase nenhum. Somente agora, depois de a planta adquirir importância econômica, tiveram início os primeiros trabalhos científicos sobre o assunto. Entre 2001 e 2002, o Ibama fez um levantamento das áreas de ocorrência do capim e do modo como ele é explorado. Agora, pelos próximos dois anos, em uma parceria com pesquisadores da Universidade de Brasília, o órgão vai conduzir um estudo mais específico sobre o ciclo biológico e o manejo da espécie.

Por enquanto, o que se sabe sobre a planta é que ela cresce em pouquíssimos lugares do país – além do Jalapão, é encontrada apenas no sudeste do Tocantins, próximo à cidade de Rio da Conceição, e no estado de Goiás, no município de São Domingos – e sempre em áreas alagadiças, as veredas. A colheita é feita somente uma vez por ano, entre agosto e outubro, e as sementes não são aproveitadas. Uma vez que a planta é coletada inteira para depois serem extraídos os fios, as tentativas de cultivá-la não alcançaram êxito. Como todo o capim é retirado de reservas já existentes, a falta de conhecimento sobre a espécie é uma grave ameaça ao futuro da planta e do artesanato.

Com o aumento da atividade no Jalapão, em poucos anos a demanda pelo capim-dourado cresceu absurdamente. "No início só havia oito artesãos, todas de Mumbuca. Hoje, são mais de 200", explica Rosane. "Nesse ritmo, não sabemos por quanto tempo o capim resistirá", alerta Alexandre Rodrigues, do Naturatins. Por esse motivo, o Sebrae está buscando alternativas para que as comunidades não dependam exclusivamente do capim como fonte de renda. "Estamos incentivando o uso de outras espécies no artesanato", conta Maria da Penha, do Sebrae. Sobre isso, Suelma Ribeiro é taxativa. "As comunidades não podem viver só do capim", afirma.



A jalapinha, planta típica da região.

Para agravar o problema, a meta da Fundação Cultural para o ano de 2003 é baixar os preços do artesanato. "Para não afastar o comprador, nossa intenção é reduzir o valor das mercadorias", explica Sônia Miranda. Essa atitude, em vez de beneficiar os artesãos, pode ser profundamente danosa. Com o aumento da procura pelo capim-dourado, a queda dos preços pode significar um aumento insustentável nas vendas, a ponto de ameaçar a sobrevivência da espécie.

Entretanto, ofuscados pelo brilho do artesanato, parece impensável aos moradores do Jalapão procurar o sustento em outra atividade econômica. Afinal, numa região onde o dinheiro mal circulava, o capim-dourado se tornou praticamente a única alternativa de renda. Porém, segundo a legislação que dispõe sobre UCs, esse tipo de exploração é proibido em áreas de parque. "É claro que o crescimento do extrativismo do capim-dourado é um dos motivos para a criação da unidade", afirma Alexandre Rodrigues. "Nosso interesse é que a exploração seja adequada, para que possamos garantir a manutenção desse recurso no futuro", complementa.

Para as cerca de cem famílias que moram dentro dos 159 mil hectares do Parque Estadual do Jalapão, exploração adequada é sinônimo de restrição ao uso do capim-dourado e, por consequência, diminuição do lucro. "A gente brigou muito para ficar fora do parque, mas não conseguiu", relata Maurício Ribeiro, morador de Mumbuca, criticando a atuação do Naturatins. Além desse povoado, Borá, Boa Esperança e Carrapato também se encontram na mesma situação.

Porém, essa não é a pior ameaça a que estão submetidas as comunidades instaladas em Mateiros. Elas correm o risco de ser removidas de suas terras, uma vez que não é permitido haver pessoas morando em área de parque.

Segundo Isac Braz, presidente do Naturatins, o destino definitivo dessas populações só será conhecido ao fim da elaboração do plano de manejo do parque, o que deve acontecer ainda neste ano. De qualquer forma, ele antecipa a intenção do instituto de "conciliar o ambiental com o social". "O artesanato era uma atividade tímida, mas cresceu rapidamente e agora já exige que seja repensado o formato da UC. Hoje, seria um crime privar aquelas pessoas dessa fonte de renda", declara Braz.



Pôr-do-sol da véspera de Natal no pé da Serra do Espírito Santo, em Mateiros.

Um ano após a criação do Parque Estadual do Jalapão, nada de concreto indica sua existência. Os limites da unidade são controversos até mesmo para o próprio Naturatins. Assim, enquanto não estiver concluído o plano de manejo, permanecerá o medo dos artesãos e de suas comunidades, cada vez mais dependentes do capim-dourado.

Os olhos experientes de dona Miúda são dos poucos que conseguem enxergar através do brilho do artesanato que conheceu há mais de meio século. Evocando as lembranças do tempo em que acompanhou o marido na busca por diamantes no Piauí, ela vê, na febre que mobiliza todo o Jalapão, sua história se repetir. "O capim-dourado é o garimpo que a gente faz aqui", diz.

Jalapão, janeiro de 2003

BORGES, Juliana; FILHO, Maurício Monteiro (2003). O ouro do Jalapão. Disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

Um deserto que poucos motociclistas brasileiros conhecem... certamente menos do que o Atacama!

Empreender viagens de moto para o Deserto de Atacama no norte do Chile é comum, todos os anos, centenas de motociclistas brasileiros percorrem trajetos com destino a esse encantador Deserto. Só mesmo quem vai para esse lugar de motocicleta sabe o que isso significa. O Deserto de Atacama é maravilhoso, conhecê-lo de motocicleta é um privilégio.



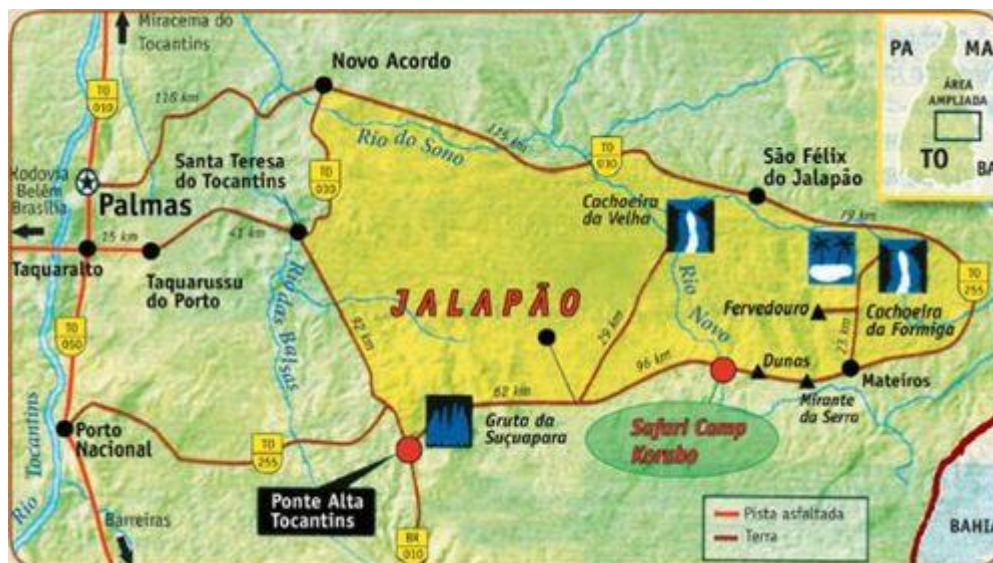
Aqui no Brasil existe também um Deserto, conhecido como "Jalapão" e fica no estado brasileiro do Tocantins. Diferente do Deserto de Atacama, onde existem estradas asfaltadas em perfeitas condições, rodar dentro da área conhecida como Jalapão requer mais espírito de aventura e pilotagem off road, já que a grande maioria das estradas dentro do parque não são asfaltadas e para se chegar até o Tocantins, independentemente de onde parta o motociclista, terá que encarar as estradas brasileiras que todos sabemos quais suas condições, fora do estado de São Paulo.

O parque do Jalapão (criado em 2001) abrange uma área de quase 150 mil hectares, a vegetação é predominantemente de cerrado ralo e campo limpo com veredas. A região é considerada como uma das principais atrações naturais turísticas nacionais. A temperatura média do local é de 30 graus celsius e tem duas estações de clima bem definidos, uma chuvosa nos meses entre outubro e abril e outra seca, de maio a setembro (a melhor para viagens de moto). No Jalapão, existem uma imensa teia de rios, riachos e ribeirões, todos de água límpida e transparente.

O nome Jalapão vem de uma trepadeira chamada Jalapa-do-Brasil. As dunas cor de cobre se movimentam e transformam a região que se localiza no Tocantins. O Jalapão é constituído pelos municípios de Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, São Félix, Novo Acordo e Lizandra. As chapadas imponentes, formação de relevo curiosa, são desgastadas pelos ventos minuto após minuto, e sedimentam suas areias no solo local. Por isto o local é também conhecido como "Deserto do Jalapão".

Desbravar os sertões do Brasil é uma experiência que nem todo mundo tem a noção do quanto pode ser bom para conhecer o país de verdade. O Vale do Jalapão, situado no leste do estado do Tocantins, é um lugar de natureza intocada, onde muitas pessoas encontram a verdadeira paz quando visitam. Fazer essa expedição pelo estado mais novo da Federação brasileira é algo que todo brasileiro deveria fazer. Esse roteiro é apropriado para aventureiros que não fazem questão de ter a certeza exata do que vão encontrar pela frente.

Localizado na região norte do Brasil, o Tocantins foi desmembrado do estado de Goiás em 1989, sendo a vigésima sexta unidade da Federação. O Parque Estadual do Jalapão é um dos principais destinos turísticos tocantinenses, fazendo parte do município de Mateiros, próximo à divisa com o Maranhão, o Piauí e a Bahia. A reserva é repleta de dunas douradas e poços borbulhantes, no meio de uma região árida pontilhada de oásis. A temperatura média anual da região é de 30 graus. Além do clima agradável, o Jalapão conta com inúmeros rios, riachos e ribeirões de águas cristalinas.



O ambiente não é tão diferente das savanas africanas. A diferença é que o Jalapão está numa região de transição entre o cerrado do Centro Oeste e Norte e a caatinga do sertão do Nordeste. Este parque estadual é conhecido como “deserto brasileiro”, já que há várias montanhas de areia e dunas, além de uma densidade demográfica de apenas 0,8 habitantes por quilômetro quadrado. O nome da reserva se deve a um tubérculo característico do Tocantins, a jalapa-do-brasil.

É interessante conhecer os poços borbulhantes típicos do Jalapão, no qual é praticamente impossível que os banhistas se afundem graças à pressão das partículas de areia e das águas subterrâneas. Esse fenômeno natural é conhecido como Ressurgência e é típico dessa área do Tocantins.

O setor turístico começou a ganhar força na região a partir de 2002, mesmo que num ritmo lento. Porém, essas mudanças já puderam ser sentidas pela população local, que ganhou mais oportunidades de trabalho e renda com o turismo. A maioria dos que visitam o Vale do Jalapão são aventureiros e mochileiros.

Procure saber mais informações sobre o Jalapão, pesquisando no Google. Vai que você decide que será seu próximo destino numa viagem de moto!

Algumas fotos da região do Jalapão:







Publicado em **Passeios & Viagens**

PASSEIOS & VIAGENS. **Um deserto que poucos motociclistas brasileiros conhecem.** Disponível em: <http://www.rockriders.com.br/index.php/conteúdo-completo/passeios-viagens-moto>. Acesso em: 11 de maio de 2016.

Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins

Perdendo-se nas vastas paisagens descritas por Euclides da Cunha e Guimarães Rosa



Vaqueiro conduz o gado na comunidade Mumbuca

Por que gostamos de paisagens amplas, onde a vista pode se perder? Há quem diga que levam nossa memória atávica aos tempos em que os homens viviam nas savanas da África, de onde originaram-se os humanos. O cerrado (a savana do Brasil), que ocupa o território central do país, oferece paisagens assim. A maior parte já foi modificada pelo homem, mas o Parque Estadual do Jalapão, no Estado de Tocantins, é gloriosa exceção.

Junto com a Estação Ecológica da Serra Geral e o Parque Nacional das Nascentes do Parnaíba, o Jalapão forma uma das maiores áreas ainda preservadas do cerrado – que perdeu, de acordo com o IBGE, metade de sua vegetação original, de 1,052 milhão de km², para o avanço da fronteira agrícola, principalmente da soja. Ali, quase nada foi modificado. Nas descrições sobre o Jalapão, a natureza é sempre protagonista. Em lentos movimentos, as águas arrasaram a superfície arenosa ao longo de eras para fazer surgir, na vastidão dos campos, serras em forma de tabuleiro.



Arbusto típico do cerrado, no Parque Estadual da Serra Geral

Euclides da Cunha, em algumas passagens do livro *Os Sertões*, nos coloca nessa região do país onde está Jalapão. A primeira descrição, ele faz para criar contraste com a caatinga, que recorta o olhar e afoga as pessoas em seus espinhos, folhas urticantes, gravetos estalados em lanças, galhos retorcidos, secos, entrecruzados. Mas nos campos gerais estão “os belos efeitos das denudações lentas, no remodelar os pendores, no desapertar os horizontes e no desatar – amplíssimos – os gerais pelo teso das cordilheiras, dando aos quadros naturais a encantadora grandeza de perspectivas em que o céu e a terra se fundem em difusão longínqua e surpreendedora de cores”. Não há maneira mais linda de descrever o Jalapão.



Belo pepalanto nas dunas do Parque Estadual do Jalapão

Mal nomeado deserto nos anos 90, o Jalapão é rico em águas. Ali correm os rios Sono, Soninho, Balsas, Preto, Caracol e Novo, da bacia do Tocantins. O rio das Balsas é afluente do Caracol, que vai dar no Sono, que aflui do Tocantins. Há cachoeiras, olhos d'águas cristalinos, veredas úmidas costuradas por buritizais. A região é, no entanto, quase deserta de gente, com densidade populacional de 0,8 por km² (no Estado do Amazonas, são 2,21). Em boa parte, os habitantes do Jalapão são descendentes de nordestinos, índios e negros, vindos principalmente da Bahia. Povoaram a região fugindo da seca e hoje vivem em pequenas comunidades quase engolidas pela paisagem.



Gavião de cauda branca, comum no cerrado



Cachoeira da Velha, no rio Novo



Dunas do Parque Estadual do Jalapão, formadas pela erosão da Serra do Espírito Santo

Ali há lugares em que se pode perder a vista por 360 graus e não ver uma única marca humana, além de estreitas e vazias estradas de terra. Os caminhos do Jalapão eram utilizados por vaqueiros da Bahia que buscavam gado no Centro Oeste. Também é Euclides da Cunha que descreve como alguns vaqueiros do sertão, “de ano em ano, arrancam dos pousos tranquilos para remotas paragens. Transpõem o São Francisco; mergulham nos gerais enormes do ocidente, vastos planaltos indefinidos em que se confundem as bacias daquele e do Tocantins em alagados de onde partem os rios indiferentemente para o levante e para o poente, e penetram em Goiás (Estado que integrava o Tocantins até 1977). (...) Vão à compra de gados. Aqueles lugares longínquos, pobres e obscuros vilarejos que o Porto Nacional extrema, animam-se, então, passageiramente, com a romaria dos baianos. São os autocratas das feiras. Dentro da armadura de couro, galhardos, brandindo a guiada, sobre os cavalos ariscos, entram naqueles vilarejos com um desgarre atrevido de triunfadores felizes”. A cidade de Porto Nacional é um dos limites do Parque Estadual do Jalapão.



Comunidade Mumbuca, o berço do artesanato do capim-dourado



Dona Miúda, da família à qual se atribui a invenção do artesanato com o capim

A Serra Geral da Bahia, a sudeste, que divide as bacias do rio São Francisco e do Tocantins, hoje é uma barreira natural para a cultura da soja, intensa no oeste da Bahia. Nos tempos de Riobaldo e de Diadorim, personagens de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, a serra era obstáculo aos baianos exilados pela seca. “É preciso de saber os trechos de se descer para Goiás: em debruçar para Goiás, o chapadão por lá vai terminando, despenha. Tem quebra-cangalhas e ladeiras terríveis vermelhas. (...) Por aí, estremando, se chegava até no Jalapão – quem conhece aquilo? – tabuleiro chapadoso, proporema. Pois lá um geralista me pediu para ser padrinho de filho. O menino recebeu nome de Diadorim, também. Ah, quem oficiou foi o padre dos baianos, saiba o senhor: população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada-homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja – tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatu! (...) Só era uma procissão sensata enchendo estrada, às poeiras, com o plequeio das alpercatas, as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam, indo da miséria para a riqueza. E, pelo prazer de tomar parte no conforto de religião, acompanhamos esses até à Vila da Pedra-de-Amolar.”



Mão de artesão segura folhas amareladas da palmeira buriti





Mumbuca: menina colhe capim-dourado em campo próximo à comunidade. Acima, artesanato local



As fibras das folhas jovens do buriti são usadas na confecção de fios para amarração do artesanato com o capim

De acordo com o zoólogo Cristiano Nogueira, a região é chamada até hoje de Pedra de Amolar e fica entre os Estados de Tocantins e Bahia, próxima à pedra da Baliza. Por quase uma década, Nogueira fez viagens pelo Jalapão e Serra Geral para estudar a fauna regional. “Guimarães Rosa descreve exatamente a proeza de se descer dos patamares da Serra Geral para o que hoje é o Tocantins. Entre o planalto, a depressão e a bacia do Tocantins, há paredões abruptos”, explica ele, onde não é fácil achar o ponto certo para descida. “Uma das partes fáceis fica exatamente entre a vereda das cabeceiras do Sapão e do Galheiros, famosa e tão bela. Por ali mesmo fica a região dos Prazeres, a Baliza e a Pedra de Amolar.” Para Nogueira esse trecho de Grande Sertão é um exemplo de como a geografia moldava a vida das pessoas. E de como são pequenas dentro do Jalapão.

Das mãos dos baianos das procissões de Euclides e Guimarães, surgiu uma beleza hoje conhecida em feiras de todo o Brasil, o artesanato com capim-dourado (caule de uma espécie de sempre-viva que nasce próxima às veredas) e seda de buriti. No Povoado da Mumbuca, fundado em 1890 por descendentes de quilombos exilados do semiárido, surgiu o artesanato de capim-dourado. Guilhermina Ribeiro da Silva (dona Miúda), uma das mais idosas do lugar, e sua irmã Laurentina (a magrinha vó Grossa) aprenderam a tecer o capim com a mãe. Segundo elas, foi a mãe, costureira talentosa, quem primeiro teve a ideia de costurar, com fios da seda do buriti, o capim cor de ouro. A costura de palhas foi aprendida dos índios. Nem imaginavam que isso poderia, um dia, ter valor. Hoje, nas cidades próximas do Parque do Jalapão, muita gente vive desse artesanato.

Os buritis são outra presença constante no Jalapão. Eles pontuam as veredas e os cursos de água que recortam a região. Para chegar às dunas do Jalapão ao pé da Serra do Espírito Santo, formada pelas areias descascadas dos chapadões, se atravessa uma vereda e se adivinha o caminho pelo vasto da chapada, ao seguir, lá de cima, o curso dos buritis que vai com eles.

O pôr-do-sol nas dunas, de frente para os chapadões alaranjados do Espírito Santo, é o desatar de cores, céus, terras e amplidão descrito por Euclides da Cunha. Essa é somente uma das belezas do Jalapão, acessível por veículos com tração nas quatro rodas, tempo bom e mapas regionais para encontrar os seus belos recantos, que são muitos: o cânion de Suçupara, os fervedouros de água onde se pode banhar sem afundar, as praias do rio Novo, o morro do Furo da Bigorna, as dunas, a cachoeira da Formiga e o povoado de Mumbuca. A sensação de amplidão, de se perder no tempo, em terras quase intocadas, com pessoas de outras épocas, só se encontra pelas veredas do Jalapão.

Como chegar

A partir de Palmas, capital do Tocantins, são 64 km pela rodovia TO-050 até Porto Nacional, mais 116 km pela TO-255, até Ponte Alta do Tocantins, considerada a entrada do Jalapão. No parque, as atrações ficam distantes umas das outras, sendo recomendável o uso de veículos com tração 4x4.

Onde ficar

Há pousadas e hotéis de variados preços nos seguintes povoados e cidades do Jalapão: Mateiros, Ponte Alta do Tocantins, Novo Acordo e São Félix do Tocantins. Muitos deles organizam passeios guiados pela região.

Gruta de Suçupara – na altura do km 15 da estrada para Mateiros – de 15 m de altura e 60 m de comprimento, que forma um cânion com cachoeira. *Cachoeira do Lajeado* – trecho de 25 m composto por degraus formando várias quedas e cachoeira do Brejo da Cama – sua queda tem apenas 3 m de altura e fica dentro de um buraco. Ambas acessíveis pela estrada para a fazenda do Chiquinho (45 km).

Cachoeira da Velha – Com cerca de 25 m de altura, essa cachoeira, que tem duas quedas em forma de ferradura, deságua no rio Novo. Para se chegar a ela, siga pela estrada para a fazenda Triagro (101 km). *Dunas* – É possível ver as dunas de cor alaranjada no Jalapão – que chegam até 40 m de altura – no km 136 da estrada para Mateiros. *Fervedouro* – poço de olho d'água, azul, que borbulha; e cachoeira do rio Formiga – de águas esverdeadas e transparentes, perfeita para banhos. Ambas acessíveis pela estrada para São Félix do Jalapão.

** **Patrícia Cornils** é repórter e documentarista. Trabalhou no Valor Econômico, Jornal do Brasil, Telecom, DCI, fez reportagens para diversas publicações e dirigiu documentários, entre eles Querida Mãe, premiado como melhor curta-metragem do festival É Tudo Verdade 2010. **Luciano Candisani** fotógrafo de natureza, cinco vezes ganhador do Prêmio Abril de Jornalismo por trabalhos publicados na revista National Geographic e autor de cinco livros.*

Opine sobre esta matéria: editoria@cremesp.org.br

CORNILS, Patrícia; CANDISANI, Luciano. **Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins.** Disponível em: <http://www.hotelinsite.com.br/regioes/jalapao.html>. Acesso em: 06 de junho de 2016.

Jalapão, Tocantins – Viva essa Sonho

Parque Estadual do Jalapão - Tocantins - Uma experiência de vida

Dunas de areias douradas cortadas por riachos de águas cristalinas que constantemente transformam paisagens. Ao mesmo tempo, na imensidão desse paraíso, sensações únicas enquanto caminhava descalço sobre seus grãos úmidos e espessos. E a cada passo, contemplando o infinito do céu e suas cores majestosas em perfeita harmonia, tomava conta de mim uma inexplicável energia que aliviava qualquer cansaço.

Deslumbrava-me com esses cenários paradisíacos cheios de contrastes, sendo que a todo instante, a cada marca deixada no chão, mesmo tentando seguir meus rastros, perdia-me pelos caminhos. E a essa altura, meus pensamentos já haviam se dispersado pelo espaço, sentindo-me sozinho, mas acolhido pela Mãe Natureza em seus braços.

Poucos conhecem esse local, raros os que têm informações precisas de lá e tampouco imaginam que é um passeio, aventura ou experiência de vida viável e recomendada para todas as idades, com total segurança e estrutura. Eis agora o momento de dividir tudo isso com todo o Brasil e demais países do Mundo.

Lagos de águas quentes e cachoeiras lindas, extremamente límpidas, propiciavam os banhos que revitalizavam. Artesanato rico, diversificado, feito com produtos da região, sobretudo o Capim-Dourado, hoje reconhecido e até exportado; comida típica de dar água na boca; um povo hospitaleiro e humano, que transmitia segurança e paz com seu modo tranquilo de ser; sensações indescritíveis que afloravam a todo instante...

Eis o **Jalapão**, conhecido também como o **Parque Estadual do Jalapão**, no **Estado do Tocantins**, Coração do Brasil. Considerado um dos últimos locais onde a natureza mantém-se intocável, e a meu ver, um dos locais mais lindos do Brasil!

*Para sentir tudo isso na mais absoluta plenitude, acredito que seja necessário encher seus olhos com a beleza do local, deixar para trás todos os seus "pré-conceitos" sobre qualquer assunto e permitir-se. Desligar-se de tudo e de todos e estabelecer um Elo com esse Oásis. **"Crer no invisível, desprezando o perecível"**.*

O Parque Estadual do Jalapão, no Estado de Tocantins, tem como sua porta de entrada a cidade de Ponte Alta do Tocantins, sendo formado ainda por Mateiros, São Félix do Tocantins, Lizarda, Novo Acordo, Santa Tereza do Tocantins, Lagoa do Tocantins e Rio da Conceição. Envolve uma área aproximada de 160 mil hectares, onde apresenta ao mundo suas fabulosas Dunas, seus fervedouros, as cachoeiras e muitos outros atrativos, proporcionando ainda mais aventuras como trekking e rafting. Ideal para o Ecoturismo.

O Estado de Tocantins faz divisa com os Estados de Goiás, Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Mato Grosso.

Convidado pelo **Safári Camp Korubo** (www.korubo.com.br), empresa sólida e de excelente estrutura, especialista nesse roteiro, juntamente com o apoio das **Lojas Mundo Terra** (www.mundoterra.com.br), foi possível aventurar-me nesse Safári e conhecer até então, o desconhecido; sentir o que nunca havia sentido e buscar explicar, o inexplicável. Algo que para entender, cada qual ao seu modo, é preciso vivenciar.

Deserto do Jalapão, suas areias amareladas e tons de cobre ao final da tarde, são formadas por quartzo de coloração dourada, resultado da presença do dióxido de ferro, e que aos nossos olhos alteram suas cores devido à incidência da luz.

Ir ao Jalapão sempre foi uma de minhas metas, mas eu nem imaginava que conseguiria tanto material (rico material!). Muito menos interagir com pessoas que nos proporcionaram hospitalidade e humanismo; os integrantes da equipe Korubo. Perfeito!

A princípio, associamos que lá só há um Deserto e nada mais, devido ao menor número de habitantes por km² (a região tem a menor densidade demográfica do Brasil: 0,8 habitantes por quilômetro quadrado) e suas montanhas de areias, imaginando o Deserto do Saara na África ou Atacama, no Chile. Mas não! Tem muito mais e tudo isso está aqui em nosso país, Brasil, onde prova mais uma vez que nos reserva surpresas em seu Bioma rico e abençoado.

Cerrado, vegetação rasteira e baixa, o deserto, as dunas de areia que não canso de elogiar, cachoeiras frias e lagos quente, muitas delas onde mesmo sendo de água doce não afundamos devido à mesma brotar de dentro para fora com tamanha pressão da água (fenômeno da ressurgência), suas temperaturas climáticas agradáveis e nada de barulho ou poluição, além do céu esplêndido, nos encantam. Não há adjetivos suficientes para tentar mostrar a você a beleza e sensações proporcionadas por esse lugar.

No extremo leste encontra-se uma zona de transição (ecotono) entre o Cerrado e a Caatinga.

Muito pouco é plantado no caminho ao Jalapão, entre Ponte Alta e Mateiros. Já no entorno do Parque, por enquanto nada é cultivado. Apenas criação de gado e pequenas roças familiares, para seu próprio sustento.

Duas Estações no Ano

Irei atrever-me a explicar alguns detalhes técnicos, mas as fotos vão dizer e mostrar mais. E mesmo em épocas de chuvas, típica da região norte, foi possível obter e aproveitar todos os momentos. Ou seja, em qualquer época do ano, em qualquer mês, é recomendável e possível ir de encontro a esse Paraíso. Nesse Parque, durante o dia, a temperatura varia de 30° a 38°C, e as noites são frias (Maio a Agosto) variando de 13 a 20°C, dependendo da época do ano.

Vale lembrar que nessa região, mesmo estando no Centro do Brasil, é considerado como Região Norte e segundo palavras dos que lá habitam, só existem duas estações: Das chuvas; de Novembro até final de Abril, e a da Seca; de Maio a Outubro (aproximadamente).

Chuvas essas previsíveis e passageiras e que não atrapalham em nada quanto a ver suas belezas naturais, explorar todo o potencial e saber mais da região. Muito menos afetam a hospedagem em pleno acampamento, que por sinal, surpreende pela organização, comida farta e de qualidade, suas barracas higienizadas e aconchegantes, com suas tendas que foram feitas nos moldes das usadas na África.
Portanto, a sua hora de vivenciar tudo isso e muito mais, é agora!

"Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto, hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver." (Tenzin Gyatso, 14º Dalai Lama)

'Dica: Necessitando de uma dieta especial, basta avisar com antecedência a Korubo, quando for optar por essa experiência de vida, como eu titulo.'

E o período de seca mesmo! Muitos casos de queimadas naturais provocadas pelo calor no Cerrado que castigam a vegetação (suas árvores pequenas e torcidas contribuem para esse fenômeno) e infelizmente devido à ação de alguns humanos, que ainda mantem a técnica da queima para dar pastagens aos animais ou efetuar algum plantio.

Segundo informações, entre os municípios foi tentaram cultivar soja, mas acabou não dando muito certo. A grande preocupação hoje está ligada diretamente às florestas de Eucaliptos que estão sendo licenciadas para toda a região. Evidente que devido ao clima, vegetação e Bioma desfavorável a esse plantio, essas árvores não irão se desenvolver como deviam e restará uma imensa área de árvores pequenas e sem vida, propicias a estragar a paisagem e aumentar o poder das queimadas. Coincidentemente, eis um tema recente (desde criança ouço falar em Reformas) e que está gerando polêmica: Projeto de Reforma do Código Florestal.

Curiosidades – Reality Shows, Best Seller, Filme e Novela

O Local foi escolhido pela rede CBS americana para gravações da 18ª Edição do **Reality Show Survivor** exibido em 128 países e para um público de 100 milhões de pessoas, e pelo ator Alexandre Frota, que passou três dias no deserto do Jalapão para gravar 'A prova', quadro do 'Hoje em dia', que foi ao ar em setembro de 2008.

E não foi espanto algum que o Jalapão foi parar nas páginas do livro “1000 Lugares para se Conhecer antes de Morrer” - um guia para toda vida, Best Seller do New York Times, de Patrícia Schultz.

Presumo que o cenário, as paisagens, a diversificação do Bioma, com rios, cachoeiras e até deserto, juntamente com acomodações decentes e bem estruturadas para a equipe técnica, foi o principal argumento. Afinal, aonde encontramos um Bioma rico assim? Um verdadeiro Oásis?

Diga-se de passagem, que considere o local ideal para a exploração consciente de turistas do Brasil e do mundo todo. Acessível para todas as regiões do nosso país, desde o **Oiapoque** ao **Chuí**.

Além disso, A região já foi cenário das cenas finais da novela “Araguaia” e do filme brasileiro “Deus é Brasileiro”.

Turismo e divulgação – Muitas trilhas a serem desbravadas.

E observando o pouco material de publicidade e matérias em mídias idôneas durante todos esses longos anos de trabalho, realmente continuará sendo complicado divulgar lugares assim e outros tantos, tão exuberantes e cheio de riquezas, se os responsáveis não “abrirem suas cabeças” e investirem, através de Feiras de Turismo (por exemplo), em acervos fotográficos e serviços de Jornalismo sim!

É necessário unir forças, deixar a ambição de lado e expandir a mente, ampliando novos horizontes, conquistando novos parceiros, dando oportunidade de explorar novas atrações, descomplicar o complicado, e evidente, um mínimo de discernimento. Não só abrir as portas do Brasil para que o Mundo o explore e fique com os lucros, mas sim mostrar nossas riquezas e belezas, gerando mais oportunidade para os brasileiros. E dar o devido reconhecimento aos profissionais que tanto lutam e trabalham, levando notícias e informações. Tais atitudes só trarão resultados positivos: mais turistas, mais verbas para os cofres do Governo, mais empregos e muito conhecimento para quem tem a oportunidade de ir.

E tal carência não é só “Privilégio” do Jalapão! Outros tantos lugares lindos do Brasil e não mostrados aos olhos do mundo, necessitam desse tipo de divulgação e passam despercebidos por uma simples questão de coordenação e interesse (ou muita burocracia, palavras e promessas, mas pouca ou nenhuma ação).

Nesse caso, foi necessário uma empresa privada acreditar em meus trabalhos e uma Loja conceituada apoiar, para que mostrasse toda essa experiência e levasse mais informações a vocês. Algo que não vejo acontecer na prática quando se contata Governo e Órgãos Responsáveis pela divulgação dos locais que representam.

O Jalapão – A ida

Acompanhe a matéria do começo ao fim e irá entender perfeitamente, nos mínimos detalhes, o que é estar no Coração do Brasil, no Deserto do Jalapão; a menina dos olhos do Governo do Tocantins e a referência maior do Parque Estadual do Jalapão.

Dica importante: para os que querem conhecer o Deserto do Jalapão sozinhos, recomendo total cautela, pois é grande a possibilidade de perderem-se por lá ou na “melhor” das hipóteses, terem o carro com avarias e não conseguirem ajuda. Contrate empresas especializadas e faça de sua viagem, um lazer, um prazer.

Em algumas regiões do Brasil, muitas agências não oferecem esse passeio tampouco o conhecem. E nos lugares em que esse tipo de vivência não é comercializado, recomendo entrar em contato direto com a Korubo, por exemplo. Mais fácil rápido e sem burocracias. Além disso, os interessados irão ser tratados de forma única, com total transparência e sem surpresas desagradáveis.

Por uma questão de comodidade, oportunidade de fazer acontecer, segurança e economia, além da viabilidade de transportar meus equipamentos, optei em ir de avião de São Paulo a Palmas, com escala em Brasília, inclusive porque realmente tornaram-se mais baratas as passagens aéreas para essa região.

Segundo informações do subsecretário do Turismo, Lúcio Flávio Marini Adorno, da ADTUR, mais companhias aéreas iriam operar com destino a Palmas, Estado do Tocantins.

Além do mais, depois da chegada à Capital de Tocantins, a Empresa Safari Camp Korubo seria a responsável por tudo: transporte, alojamento, alimentação e guias.

Dica: fique atento às ofertas que aparecem nos sites das Companhias Aéreas e principalmente se são Empresas idôneas e bem-estruturadas, para não passarem por um possível overbooking.

Qual foi minha primeira grande surpresa ao chegar? Um final de tarde com temperatura muito agradável, pôr de sol de tirar o fôlego e céu típico de local não poluído, onde mesmo sendo final de tarde, já via com total clareza a Lua apontando.

E no desembarque do Aeroporto, um integrante da equipe, Miguel, aguardava no saguão, onde de lá seguiríamos para um dos hotéis em que a empresa tem parceria, onde eu ficaria hospedado, para dia seguinte começar a desbravar a região do Parque Estadual do Jalapão.

Esse mesmo hotel serviu de hospedagem na volta da expedição, onde se deu por encerrado os serviços da Korubo.

Ida ao Acampamento Safari Camp Korubo

Dia seguinte e em todos os outros em que lá estive, o clima mudou, alternando entre chuvas fortes e passageiras e um pouco de sol. Clima típico de lá nessa estação do Ano; a época das chuvas, porém, clima quente.

E essa mudança climática, de certa forma, acabou prejudicando o resultado das fotografias que eu desejava obter.

Após o café da manhã e Check-out no Hotel, saímos de Palmas por volta das 08h30min horas em direção ao Parque Estadual do Jalapão, seguindo pela Rodovia Estadual TO-050 altura de Porto Nacional e depois pela TO-255, rumo a Ponte Alta do Tocantins.

Seriam cerca de 300 km até o Safári Camp (Acampamento), com direito a paradas e almoço. À medida que nos distanciávamos da civilização, as paisagens do cerrado iam me envolvendo e seduzindo.

Ao mesmo tempo, celulares e qualquer tipo de comunicação iam ficando para trás junto com meus pensamentos. Uma sensação indescritível sem preocupar-me com o que estava por vir e com o que estava em

minha pauta. Era como se minha alma estivesse livre de todo e qualquer apego. Obrigação sim de apenas viver o momento e entregar-me por inteiro. Creio que estabeleci um Elo com a Mãe Natureza.

A bordo de um caminhão novo e traçado (4x4), com cerca de 10 turistas, incluindo Suíços, todos iam relativamente quietos no começo da viagem por não nos conhecer ainda, mas nada que o convívio e o tempo não se encarregassem de formarmos uma amizade saudável. Afinal, iríamos viver essa aventura juntos por mais cinco dias.

Enquanto Nelson dirigia, Miguel nos acompanhava e mostrava detalhes da região, explicando sua formação e para onde estávamos indo. E a união foi-se concretizando e fortalecendo.

No veículo, confortável, diga-se de passagem, água gelada e potável à vontade e petiscos para ser adquirido, se desejarem. Acho importante frisar isso devido a minha experiência em viagens anteriores. Em alguns outros lugares, que não cito por questão de ética, cheguei a pagar “preço de ouro” para ter água, quando encontrava.

Em Ponte Alta do Tocantins, cidade de 7000 habitantes, segundo censo do IBGE, finalmente paramos em um local simples, agradável e muito tranquilo para um delicioso almoço caseiro. Ao mesmo tempo descansávamos e esticávamos as pernas.

Dica: Se for fumante, habitue-se a ter em mãos um cinzeiro portátil. Além de não poluir o ambiente intacto de lá, exerça sua ação de preservar a Natureza. E convenhamos: bate um peso na consciência de pensar em jogar algo no chão.

Cidade pequena e acolhedora, de pessoas simples no sentido de “status”, e grandes, como Humanos, eu percebi que era extremamente fácil fazer amigos. Isso é algo que em minha opinião, não tem preço.

A seguir, voltamos ao nosso veículo rumo a Serra Geral, caminho para o Parque Estadual do Jalapão. Breve parada para começar a ver toda aquela riqueza muito de perto e sentir a força invisível da Natureza.

Abaixo da estrada de terra que percorríamos, cerca de 20 km adiante em sentido a Mateiros, minha primeira grande surpresa: o **Canyon de Suçupara**. Escondido através de uma trilha embrenhada em meio a uma vegetação baixa, com 15 metros de profundidade e cerca de 60 metros de comprimento, mostrava uma beleza admirável.

Foi preciso descermos meio a essa vegetação para logo ouvir o barulho das águas e sentir o cheio da mata. Na pequena e curta trilha, sementes de uma planta que dá origem ao perfume Almíscar.

Já lá embaixo, pés nas águas rasas e convidativas para caminhar sobre as mesmas, ao mesmo tempo em que apreciavam toda aquela exuberância. Águas que escoavam por fendas entre as rochas, criando seus próprios caminhos e desviando de obstáculos, gotejando entre as pedras ou caindo através dos gigantes cipós que lá havia.

“Águas desviando de obstáculos e criando seus próprios caminhos”.

Eis a meu ver, quando nos permitimos sermos nós mesmos e quebrando alguns paradigmas, mais um aprendizado que a natureza nos proporciona e respostas para muitas de nossas perguntas, soluções para inúmeros contratempos, ousadia para momentos temerosos, alegria quando perdermos o encanto e sensatez quando incautos .

Para se ter uma vaga ideia da beleza do local, uma das fotos foi publicada pela Conceituada Revista National Geographic.

Um lugar que nunca iria imaginar que lá existia, ao meio do “nada”, muito menos sob nossos pés. Eis mais uma surpresa ao ver como a Mãe Terra foi generosa com esse local. Ao mesmo tempo em que fazia Ecoturismo, ganhava experiência e Vivía a Vida, me deslumbrado com tudo aquilo e vivenciando sensações, longe de tudo e de todos.

Talvez a grande magia desse lugar intacto fosse o fato de que é pouco explorado. Quando o faz, como essa Equipe e seus turistas, agem de modo totalmente consciente. Afinal, grandes são os “pequenos” gestos.

Alguns integrantes aventuraram-se nessas fendas das rochas para sentir as águas que escoavam com força bruta e enquanto isso, eu cada vez mais admirado com o local, fotografava.

Por ser um ambiente um pouco escuro, úmido e com muitos respingos de águas, foi necessário tomar alguns cuidados para não molhar as lentes, mas mesmo assim algumas fotos foram “prejudicadas”. E também era só uma parada rápida para conhecermos esse local; o **Canyon da Sussuapara (ou Suçuapara)**.

De lá, voltamos à estrada rumo ao acampamento, onde fomos interceptados por outros integrantes da equipe para seguirmos juntos. Aproveitamos o momento para um lanche rápido junto ao cerrado e a árida estrada de areia com terra vermelha, sendo que por volta das 18h00min horas chegamos ao Acampamento do Safári Camp.

Em todos os locais que estive dentro do Parque Estadual do Jalapão, não havia sequer algum tipo de sujeira. Nem papel, bitucas de cigarros ou restos de alimentos. Portanto, se for visitar a região ou outro lugar qualquer, mantenha o hábito de apanhar seu lixo e não poluir o ambiente.

O Safári Camp Korubo – Acomodações e estrutura

Um excelente exemplo de Refúgio à beira-rio, interagindo com a natureza de uma maneira consciente e saudável.

Engana-se quem imagina que íamos ficar dias em barracas comuns, daquelas usadas em Camping's, abafadas e que poderíamos ter infiltrações de águas de chuvas vindas de cima ou por debaixo.

São modelos de tendas baseadas nas que se usam na África, construídas sobre pequenos platôs que dão a altura ideal para não infiltrar água de chuva e adentrar em nosso espaço, possuindo camas, colchões, travesseiros (se necessitar de mais, peça-os), cobertor, janelas para arejar o ambiente, e dentro delas, ao fundo, banheiro com vaso e lavado.

São várias cabanas, seguindo os mesmos moldes em uma área extensa e limpa. Detrás de cada uma, há varais para estender roupas, se necessário.

Tudo muito bem organizado, limpo e roupa de cama macia e cheirosa. A luz, que funciona somente de noite, é de diodo, que embora fraca, mostra-se suficiente para enxergarmos nossas coisas e acomodações. Afinal, para que luz artificial forte se havia a luz natural promovida pelo brilho das Estrelas e Lua?

A eletricidade de lá é gerada por placas solares e geradores. Mais ao fundo das barracas, em recintos separados para ambos os sexos, existe o local de tomar banho, onde sua água além de ser pura, é aquecida através da energia solar acumulada.

Mas não se apegue muito a isso: você irá passar praticamente o dia todo explorando o Parque, portanto, voltará apenas para se alimentar, tomar seu banho e recarregar suas baterias (tanto das Câmeras quanto as suas!)

Mulheres: esqueçam secadores! Desapeguem de suas progressivas e ignorem suas luzes e chapinhas! Seus cabelos ficarão sempre úmidos devido ao entra e sai de rios, cachoeiras e lagos de águas puras e sem cloro. Portanto, ficarão naturalmente macios.

À frente das barracas, cerca de 30 metros de distância, tínhamos o refeitório beirando o rio, com sua enorme mesa e bancos, onde nos deliciávamos com a refeição preparada por Nelson. Sim, o mesmo Nelson que nos conduziu até lá. Motorista e cozinheiro, esse simpático Paraense quem cuidou dessa parte durante toda a nossa estadia.

Ao lado, o redário, onde poderíamos esticar nossos corpos quando quiséssemos, ou aproveitar para descansar após nossas caminhadas.

Todas as instalações, como tendas, refeitório, redário, possuem telas para que os mosquitos e borrachudos não estragassem nosso passeio.

Local de extrema limpeza, a primeira coisa que fiz foi tirar meus calçados e sentir aquela areia livre de sujeiras, pedras, galhos ou objetos que por ventura pudessem ferir os pés. Eu queria sentir em total plenitude a energia do local. E consegui!

Curiosidade: parte da água é usada, onde passa por processo de última geração, sendo reutilizada para irrigação de plantas e limpeza da cozinha.

Miguel, um de nossos guias, aquele que nos acompanhou em toda nossa caminhada até o Safári Camp, encarregou-se de mostrar-nos o local.

Ao chegarmos, uma caipirinha foi oferecida como boas-vindas. Apesar de eu não beber, foi prazeroso para relaxar e apreciar o local, suas instalações, a beleza do rio, o barulho das águas e pássaros e o cheiro de natureza intacta. **Mudanças de ares sempre são essenciais para renovarmos as energias e trocarmos experiências de vida.**

Águas essas, do **Rio Novo**, considerada uma das **últimas potáveis do Planeta**. Lógico que a vontade e curiosidade falaram mais alto e mergulhei nesse Rio de nas águas cristalinas, enquanto ao mesmo tempo, eu esperava o melhor momento para fotografar a beleza do céu que refletia suas nuvens nas águas.

A tentação de experimentar dessa água do Rio Novo foi mais forte e cedi, bebendo-a com gosto, como faziam nossos pais e avôs nos bons e velhos tempos. Afinal, a região é rica nesse aspecto e não perderia essa oportunidade.

Os que não quiseram entrar no Rio Novo quando chegamos, foram devorados pelos insetos. Fiquei admirado o porquê eu não havia sido picado, pois nem repelente usei durante os primeiros dias.

A única e plausível explicação que achei, apesar de opiniões diversas e divergentes, seria que meu organismo por conta da imunidade e uso de Complexo Polivitamínico B há meses, exalava algum odor que espantava os mesmos ou, em outra hipótese, eu mesmo picado não sentia as coceiras, desconhecendo o motivo então. Depois de alguns dias lá, sem tomar qualquer tipo de vitaminas, daí sim, tive que usar um pouco de repelente.

Após isso, captei mais imagens do entardecer e fomos jantar. Conversamos um pouco, nos conhecemos melhor e fomos descansar, pois dia seguinte teríamos muitas coisas para serem vividas.

Deixei as baterias das máquinas com nosso guia para serem carregadas de noite e pegá-las de manhã, quando iniciáramos as atividades. Isso se tornou algo comum e necessário em todos os dias.

Dica: não se esquecer de carregar baterias de suas câmeras fotográficas, sempre!

O 2º Dia no Safári Camp

Dunas e Canoagem

Confesso que já nem sabia, tampouco me importava, que dia era e que horas seriam, pois realmente me entreguei ao lugar. Para que eu me preocuparia com isso se estava isolado de tudo, sem comunicação ou qualquer tipo de informação e vivenciando algo comigo mesmo?

Logo cedo após o café fomos à beira do Rio Novo (o acampamento está às margens do mesmo), para a prática da canoagem, onde desceríamos o rio, ora remando, ora sendo levados pela correnteza, podendo ver e interagir junto ao local, além de praticar um esporte saudável.

Manoel, gerente do local, explicou o que iríamos fazer e como remar. Outros integrantes da Equipe Korubo, auxiliavam-nos, colocando nossos coletes e capacetes. Eu como fotógrafo, seguiria junto a ele, onde mais a frente do rio, faria tomada de fotos dos turistas que comigo foram.

E mesmo em épocas de chuvas, onde o céu estava um pouco nublado, a temperatura oscilava na casa dos 30° C, sendo absolutamente viável a prática da canoagem. À medida que descíamos o rio, deslumbrávamos com as paisagens.

*Por questão de praticidade e segurança, optei em usar a **câmera compacta**, mesmo tendo recursos limitados. Quanto às câmeras dos outros turistas, para que não fossem molhadas ou caíssem na água, foram embaladas e transportadas com total segurança por um dos integrantes da equipe até um local de parada.*

Remamos cerca de 1 hora e meia, em um percurso aproximado de 5 km, parando duas vezes para aguardar o resto dos turistas e ver muito de perto a vegetação e pássaros. Na época da seca, bancos de areia se formam nesse mesmo Rio, o que facilita ainda mais sairmos dos botes para olhar ou dar um pequeno mergulho em suas águas transparentes.

Lá na frente aonde a correnteza se tornava mais forte, fomos orientados a permanecer-nos sempre juntos. A todo instante a Equipe dava suporte tanto aos que iam à frente, como em meu caso, quanto aos que acompanhavam os

turistas. E sempre um integrante da Korubo ficava por último, para observar melhor e dar mais apoio ainda. Segurança total. Excelente!

Em um determinado trecho, paramos todos à margem do Rio Novo, descansamos um pouco, mergulhando no mesmo para aliviar o cansaço, sentindo o prazer de liberdade e tivemos novas instruções. Iríamos passar por uma área de correnteza forte com uma pequena queda d'água.

Para isso, teríamos que transpor o rio para a margem esquerda e após essa queda, eu e Manoel iríamos parar, para então os turistas descessem um por vez. Só assim eu poderia obter fotos daquele momento. E mesmo com o clima quente e nuvens carregadas, registrei esses momentos.

Daí em diante, só aventura. Um a um, estando os turistas em duplas ou a sós, desceram. Alguns caíram nas águas, outros conseguiram passar. Dependia muito de onde se posicionasse os botes e da correnteza no momento.

Mais adiante, esse mesmo Rio Novo divide-se em formato de ferradura, formando duas imponentes quedas d'água conhecida como a Cachoeira da Velha, com 100 metros de extensão e 25 metros de altura. Mesmo na estação de seca despeja grande volume de água.

Após esse momento todos pararam em local estabelecido, onde mais outros guias nos aguardavam. Recolheram os botes, os remos e capacetes e os ajudamos a transportar ao veículo. Feito isso, voltamos ao acampamento para nosso primeiro almoço no local.

Muitas variedades de comida, desde o tradicional Arroz com Feijão, acompanhadas de carnes e frango, até saladas e massas, como Nhoque. Para “ajudar” na digestão, excelentes sobremesas nos garantiam mais energia e uns quilinhos a mais que com certeza, iríamos perder nas caminhadas. Essa qualidade da refeição, assim como quantidade, sempre foi uma constante e que também eu não poderia deixar de citar e elogiar.

De tarde – As Dunas

Ah, as Dunas do Jalapão... Finalmente!

Após o almoço, um breve descanso e finalmente iríamos às Dunas, por volta das 15h30min. E meu desejo de vê-las de perto e estar sobre suas areias, olhando para um horizonte infinito de cores, rodeado de pura energia, seria concretizado.

Indaguei o porquê não irmos mais cedo. A resposta: Simplesmente porque o espetáculo de mudanças de cores das areias e pôr do sol começaria sempre no final da tarde e iríamos ficar até anoitecer. E valeu a pena esperar.

As dunas do Jalapão estão em constante movimento, guiadas pelos ventos. Sua origem se deve a ação de erosão na Serra do Espírito Santo (ventos e chuvas) e sua formação arenosa.

Aos pés da Serra do Espírito Santo, cerca de 20 km do acampamento, cercadas por infinitos chapadões, fomos de caminhão até a entrada que levaria a ela e prosseguimos a pé, pois se trata de área particular. Percorri 5 minutos de caminhada e assim que desviei de arbustos nos caminhos de areia, avistei uma enorme e majestosa parede de areia de coloração cobre e vi o espetáculo que a Natureza havia preparado.

Diante daquele cenário, literalmente parei! Fiquei estagnado com tal visão. Confesso que não conseguia concentração para fotografar. Estava literalmente hipnotizado diante do que via.

Nunca vi nada igual. Mesmo nos meus tempos de Revista, onde abordávamos muito o Rally dos Sertões, ver as Dunas do Jalapão em fotografias e ouvir falar delas, é uma coisa. Estar lá, isolado de tudo e sobre todas aquelas enormes formações de areias aos seus pés, é outra coisa muito diferente e melhor. Não cabem quaisquer adjetivos para tal beleza e sensação. Indescrevível!

Aos pés dessa imensa parede de areia, corria um riacho de águas transparentes, proporcionando um cenário que somente Ele poderia nos dar. Mais parecia uma montagem de filmes de Hollywood com ajuda de efeitos visuais. Mas não! Era tudo natural.

Dunas que chegam a 40 metros de altura e foram formadas há poucos anos, devido à ação da natureza. Ano após ano, essa área de areia cresce e segundo informações, em 2011 estima-se uma extensão de 8 km de comprimento por 2,5 km de largura.

Enquanto eu ficava na dúvida se fotografava ou me contemplava com aquele cenário, os turistas perguntavam ao nosso guia Miguel como iríamos subir. Após breve risada, ele respondeu que a subida seria por ali mesmo.

Subimos cerca de 40 metros ou mais, com uma inclinação mínima de 50°, calculo. No topo dela, “A Miragem”: areias de quartzo de coloração dourada, córregos de águas puras e transparentes, onde eu avistava o Pico da Serra do Espírito Santo contrastando com o azul do céu. Uma verdadeira obra de arte que faziam um jogo de luzes ao meu olhar, enquanto o sol ia mudando sua posição no intenso azul do céu. Um espetáculo único.

Sentei nas areias alaranjadas enquanto as águas cristalinas do riacho molhavam meus pés. Fechei os olhos e respirei tudo aquilo. Mansidão no peito e tamanho respeito com a grandeza dessa natureza. Impossível descrever o que eu sentia.

E veio a pergunta que eu fazia a mim mesmo: como registrar, fotografar na mais absoluta exatidão, tal formação? O pensamento se perdeu diante daquele deserto e aproveitei ao máximo aquele momento.

Andamos em grupos separados, pois cada qual estava tendo seu próprio momento, seguindo o caminho de nosso guia. Mas observei que bem lá trás, na intenção de não deixar nenhum turista se perder e prestar auxílio se necessário, vinha nosso outro guia Junior, que também era o nosso motorista a partir do momento que chegamos ao Safári Camp.

*E foi naqueles enormes bancos de areia que usei pela primeira vez (e muito pouco) a Câmera Profissional. Até então, por praticidade de transportar e facilidade de uso, sempre estive com uma boa câmera compacta. Algo que até o final da expedição foi uma constante. E fiz auto-retratos para registrar alguns momentos, apoiando a **Câmera e usando Timer**.*

Na imensidão daquele deserto, facilmente não avistávamos mais o grupo, devido à presença e grandeza das Dunas (inúmeras delas) em nossa frente. Era preciso seguir os passos deixados na areia úmida, nossos instintos e sentir a energia que subia pela sola de nossos pés.

Foi como se regressasse ao berço da Mãe Natureza e senti então, como se estivesse no Ventre do Universo. Acolhido, amparado, energizado.

Ele, a Natureza, ou seja lá o que você tem como verdade, só nos dá. Compete a nós seres Humanos, saber tratá-la e retribuir em forma de amor, carinho e conservação, ainda que por “pequenas atitudes”.

Ao cair da tarde, começo da noite, foi perceptível a presença dos ventos mais fortes. Daí, voltamos ao acampamento. Todos extasiados, deslumbrados com o que viram e cada qual, interpretando e sentindo ao seu modo.

Chegando ao acampamento, um banho e logo tratei de arquivar as fotos em uma mídia, pois já tinha bastante material rico e não podia perder isso por um descuido. Aproveitei e deixei baterias carregando. Após isso, o jantar.

Naquela noite, tempestades com relâmpagos anunciavam a chegada de mais chuvas. E como disse, chuvas essas que são previsíveis e não atrapalham em nada nosso passeio, aventura, experiência.

Brincando com câmera compacta, sem apoio algum, na frente de minha tenda, esperava um momento único de registrar um relâmpago. Tentei algumas vezes, mas como disse, é algo muito rápido e sem equipamento adequado, ainda mais sendo noite, é difícil. Mas após algumas tentativas, enquanto relaxava do passeio e esperava o sono apontar para poder me recolher, consegui algumas fotos por brincadeira apenas.

O 3º Dia no Safári Camp

Cachoeira da Formiga e Poço do Fervedouro.

Acordando sempre por volta do mesmo horário, após o esplêndido café da manhã, peguei as baterias de minhas câmeras e fomos conhecer um local inusitado para mim, até então. Como disse anteriormente, não me prendi a roteiros à medida que ficava por lá. Desliguei-me de tudo e estava em sintonia comigo mesmo.

Saindo por volta das 08 horas da manhã, nosso roteiro foi alterado devido à mudança climática. Primeiro fomos a Cachoeira da Formiga, mesmo debaixo de chuva fraca. Porém, em nenhum momento em que estive no Parque Estadual do Jalapão e Acampamento da Korubo, assim como em outros passeios, necessitei de agasalhos. O clima era quente e convidativo a aproveitar ao máximo todos os atrativos. Em torno de 30° C.

Cachoeira da Formiga e Poço do Fervedouro, locais a serem visitados naquele dia, estão a cerca de 70 km do Acampamento do Safári Camp, no Município de Mateiros.

Estando lá, o grupo observou bem o local e timidamente foram entrando na Cachoeira da Formiga. Uma vez lá, o difícil era querer sair. Uma verdadeira sessão de hidromassagem natural era proporcionada pela correnteza das águas.

Famosa pelas águas cristalinas em tons de verde, esmeralda e azul, realçando com o fundo de areia branca, basta abrir os olhos debaixo da água e ver os peixinhos que por lá habitam, formando uma espécie de aquário natural.

Digamos que sai de lá, revigorado e mais uma vez, impressionado com a região toda, cheio de extremos, indo de um deserto a poços e quedas de águas límpidas.

Ficamos cerca de 1 hora por lá nos divertindo muito e então fomos à direção ao Poço do Fervedouro, que ficava próximo dali.

Eis então, outra surpresa que mais parecia ser uma “outra Miragem”: um lindo lago com cerca de 6 metros de diâmetro, de águas límpidas, mornas e cercadas de bananeiras da espécie marmelo, mais parecendo um Oásis em meio à mata. No fundo dele, areia branca e um convite a entrar ou simplesmente obter fotos lindas, devido ao contraste da paisagem e a transparência da água, onde os reflexos das folhas destacavam-se sobre o lago.

Podendo entrar somente seis pessoas por vez e sendo também uma propriedade particular, eis que nosso guia queria saber quem seria o primeiro a entrar e ter uma surpresa. Silêncio total entre o grupo, pois falando desse modo, ainda que confiássemos muito nele, não sabia o que nos esperava.

Como eu estava lá para vivenciar cada momento, fui o primeiro a entrar sem pestanejar. Ao mesmo tempo em que timidamente o sol parecia querer apontar, segui as instruções, onde ele dizia para ir caminhando dentro do lago (consequia ver meus pés de tão transparente que as águas eram), e lá na frente, cerca de uns 3 metros adiante, a surpresa.

E o que seria essa surpresa?

Caminhei em passos largos, rápido, conforme ele disse e eis que afundei repentinamente. Ao mesmo tempo, em frações de segundos, submergi com tal velocidade que acabei não entendendo a princípio. Após tentar mergulhar mais fundo naquele pedaço, notei que era impossível afundar. Daí a explicação: a nascente daquele poço é de tamanha força que é impossível chegar o fundo da mesma e tampouco afundar. É como se estivéssemos no Mar Morto, porém, de água morna e doce.

Fenômeno conhecido como ressurgência. Uma nascente subterrânea impede que as pessoas afundem, mesmo que queiram.

O único modo que encontrei de permanecer imóvel dentro do Poço do Fervedouro foi ficar sobre a nascente ou outro local qualquer, movimentando as pernas como se estivesse pedalando. Daí, o equilíbrio era estabelecido e poderia ficar apreciando ao redor, à medida que as borbulhas das nascentes associadas à temperatura da água provocavam novamente uma massagem relaxante.

Em questão de poucos minutos, ao voltar para buscar minha Câmera, me deparei com uma criança de aparentava seus oito anos e que nos observava. Conversando com ela, fiquei sabendo mais da vida dos habitantes de lá, como iam estudar e coisas assim. Percebi que ela estava lá tomando conta do local, pois se trata de propriedade particular, onde temos que pagar uma pequena taxa se optarmos ir por conta própria. Mas como estávamos em uma expedição, tudo isso já estava incluso.

E ao voltar ao lago, nesse pouco tempo, o sol tinha aparecido novamente, proporcionando outras imagens com mais vida e beleza. Creio que ficamos cerca de uma hora nesse local.

De lá, muito próximo, fomos ao Fervedouro do Soninho, outro poço com as mesmas características: águas puras, transparentes e mornas. Exatamente como o poço anterior, é um lago maior onde acontece o fenômeno da ressurgência.

Experimentei saltar de um tronco de árvore caído que por lá havia e o resultado foi o mesmo: emergi com a mesma força que mergulhei. Confesso que nesse lago pouco fiquei afinal já tinha sentido a sensação única no poço anterior. Além disso, ou ficávamos dentro do lago ou fora e distante dele, pois os insetos mais pareciam estar fazendo uma transfusão de sangue.

Lá mesmo, no **Fervedouro do Soninho**, em uma cabana bem ao estilo da região, coberta por folhagem, construída com alvenaria e madeira da região, almoçamos. E veio na hora certa, pois caminhar e nadar, ainda mais com aquela massagem terapêutica natural na **Cachoeira da Formiga**, foi providencial para dar aquela sensação de leve sono.

Após isso, fomos a Mateiros, outra cidade nas redondezas do Parque, para que víssemos artesanato feito do Capim Dourado, bebidas da região e muito mais. É em Mateiros que fica localizada a maior parte da região Ecoturística do Jalapão, sendo que o Parque Estadual do Jalapão fica integralmente localizado no município. Em Mateiros também se encontra localizada a Vila Mumbuca, onde se produz artesanato feito com capim dourado.

E por essas estradas, avistei placas indicando Quilombolas. Senti enorme vontade de estar lá e interagir com o local, mas não estava em nosso roteiro.

Quilombolas é designação comum aos escravos refugiados em quilombos, ou descendentes de escravos negros cujos antepassados no período da escravidão fugiram dos engenhos de cana-de-açúcar, fazendas e pequenas propriedades onde executavam diversos trabalhos braçais para formar pequenos vilarejos chamados de quilombos.

Fonte: Wikipédia

Lógico que eu consumista declarado de café, fui logo atrás de um. Miguel, nosso guia, nos levou a uma conhecida dele, uma senhora de nome Dona Rosa, onde tomamos nossos cafés e “proseamos” um pouco sobre toda aquela região.

Pequena no número de habitantes, mas grande em solidariedade, é notório o crescimento e investimento feito. Trata-se de uma cidade com cerca de 2000 habitantes, mas de com uma renda surpreendente para o tamanho da mesma, segundo informações.

Praça sendo refeita, algumas ruas já asfaltadas e outras com projetos para serem cumpridos, projetam uma perspectiva de vida muito boa para os que vêm de fora e estabelecem-se por lá. Vale a pena lembrar desse nome: Mateiros.

E grande pela sua hospitalidade. Quer mais?

Capim dourado.
Muito valorizado no exterior, mas pouco difundido e reconhecido no Brasil. A parte de artesanato concentrava alguns poucos Artesãos e produtos, por conta de não ser a melhor época do artesanato, devido à colheita do Capim-dourado ocorrer somente durante dois meses no ano: de Setembro a Novembro.

Há uma série de regras e Leis para garantir o extrativismo do Capim-dourado assim como diretamente, garantir sustentabilidade dos Artesãos que trabalham com esse produto. Infelizmente, nem todos os artesãos são filiados a Associações, o que por consequência, não estabelecem um preço base e tampouco conseguem exportar por não poder emitir nota fiscal. Compete ao Governo interceder e fazer valer seu papel de resolver essa questão em benefício não só do Estado, mas da população que disso sobrevive à duras penas.

Curiosidade: A comercialização das peças também se tornou lucrativo negócio para atravessadores, que compram as peças diretamente de artesãos ou de Associações locais a preços módicos (e muitas vezes fiado) e revendem a lojistas ou em lojas próprias nas capitais brasileiras a preços exorbitantes que chegam a atingir 25 vezes o preço de compra. De fato, este artesanato pode valer mais do que ouro para quem o comercializa. Fonte: Isabel Belloni Schmidt & Isabel B. Figueiredo Projeto Conservação e Manejo de Capim dourado no Jalapão Parceria Ibama & PEQUI - Pesquisa e Conservação do Cerrado.

Entardecendo, ao mesmo tempo em que descansava a bordo do veículo, retornando ao acampamento, meus pensamentos se dispersavam nas paisagens que avistava. Estradas de terra vermelha ou asfalto junto àquele cerrado, a única companhia era a vegetação, o céu, as nuvens e aquela chuva que alimentava a alma. Sentia um cansaço gostoso.

Apenas um cansaço físico junto com uma enorme felicidade e satisfação. Lembranças perdidas que ia resgatando à medida que vivenciava tudo aquilo. A solidão do lugar, a vivência comigo mesmo, os lagos, as dunas, o próprio acampamento. Tudo era um momento único que fazia com que eu aprofundasse cada vez mais em meu ser. Minha alma alada que seguia ou traçava o rumo das estradas da vida, tomou caminhos e proporcionou aprendizados que só eu sei...

Já no acampamento, os mesmos procedimentos de outros dias. Sabíamos que dia seguinte seria explorar a Serra do Espírito Santo e para isso teríamos que madrugar. E por volta das 04h30min do dia seguinte, o penúltimo dessa expedição, já estava pronto para o passeio.

Serra do Espírito Santo e Mirante

Comigo, meus equipamentos que sempre os carregava e muita vontade de ver mais e mais. Próximo ao acampamento, apenas a 28 quilômetros de distância por estradas formadas pelas pessoas da região, finalmente chegamos a Serra do Espírito Santo. Lá, uma trilha que nos levaria ao Mirante, onde poderíamos avistar toda a região e entender como se formaram aquelas Dunas que me encantaram. Mas para isso seria necessário caminhar por subidas íngremes, trilhadas pelos próprios funcionários da Korubo, pois a outra trilha, em área particular, estava fechada.

Seriam cerca de 900 metros de caminhada para atingirmos uma altitude de 700 metros. Em medida linear, pelo que percebi lá, calculo uma inclinação de aproximadamente 45° ou mais. Particularmente eu considerei um trekking de nível médio, devido à dificuldade dos obstáculos na trilha e o esforço feito. Também o que chamou a atenção, foi o fato de subirmos a uma altitude dessas em pouco espaço de tempo (cerca de 50 minutos) e caminhada (900 metros), o que não só em meu caso, mas de outros que comigo foram, causou certa fadiga.

Dica: Esse trecho não é recomendado para pessoas com problemas cardíacos. Estabeleça o seu próprio ritmo ao subir e descer. Não aconselho a se esforçar além do que pode na intenção de chegar primeiro ou acompanhar o grupo. Eles, os guias, já estão acostumados e tem todo um preparo para esperar e acompanhar os que ficam para trás.

Segundo eles, houve raros casos de pessoas que chegaram a ter convulsões ou perder os sentidos ao chegar ao cume.

Em grupo, subimos a estreita e inclinada trilha por entre seus arbustos e obstáculos que teríamos que superar. Algumas pedras no caminho, mas com muita força e determinação, motivado por uma energia interior, acredito que transcendi tudo isso para ter um momento de relaxar e estar em contato direto com a natureza e comigo mesmo. À medida que avançava, olhava para o alto e para baixo e me perguntava se valeria tal esforço. Insisti!

A Serra do Espírito Santo é considerada o cartão postal da região. No cume dela, após uma caminhada de 3 km em área plana, chegamos ao Mirante, onde é possível se ter uma visão privilegiada de toda a região, sendo ideal para apreciar as paisagens e horizontes do Jalapão. Devido sua formação arenosa e ao processo de erosão (chuvas e ventos), aos seus pés formaram-se aquela enorme extensão de areia cobrindo a vegetação local, formando as Dunas.

Chegando ao topo, recuperando nossos fôlegos, logo foi oferecida uma espécie de energético natural. Descansamos um pouco, alonguei meus músculos para então prosseguir rumo ao ponto a ser alcançado. O Mirante.

E valeu a pena toda minha persistência. No alto dela, em uma área plana e cheia de vegetação baixa, observava seus arbustos inclinados pela força provocada pelo vento, onde havia muitas espécies variadas de plantas da região e uma trilha que iria seguir para chegar ao Mirante.

E no alto da Serra do Espírito Santo, a caminhada até o Mirante foi tranquila e sem desgaste. Acredito que o fato de estar sem pressa, apreciando tudo aquilo e constantemente conversando com cada um dos turistas, foi um grande estímulo nesse trecho. E quando percebi, já estava lá vendo o horizonte do Jalapão.

Meus olhos presenciaram e registraram momentos únicos. Uma beleza imensurável ao avistar toda aquela região e sentia-me uma gota em um oceano diante de toda aquela profunda riqueza. Um paradoxo: ao mesmo tempo, agradecia por ter seguido minha intuição, ir aos meus limites e ser recompensado e abençoado por estar ali.

Ainda no mesmo local, fiquei sabendo que voltando ao ponto de partida no cume e caminhando mais 500 metros, poderíamos ver outro Mirante. Lógico que fui uns dos primeiros a pedir para nos levar, afinal, depois de tanto esforço queria ver outros ângulos do mesmo horizonte exuberante. Voltamos pela mesma trilha e avançamos em outra direção. Noutro ponto da mesma Serra, nova visão e prazer redobrado e recompensado mais ainda de estar lá. Sinceramente, invejei os pássaros que podem voar.

Aos pés da enorme formação, avistava as Dunas do Jalapão que eram muito pequenas diante da distância e altura que eu estava. Chapadões que mais pareciam pinturas faziam parte daquela “Obra”. Até o veículo que nos transportava, era um ponto muito pequeno que precisava ser visto com muita atenção para não passar despercebido. Respirei aquele ar puro, abri os braços e sentia o vento alimentando minha alma ao mesmo tempo em que acariciava meu rosto.

Estavam sacramentadas todas as sensações e experiências que tive nesse local.

E após tudo isso, de volta ao trecho que nos levaria de volta ao pé da Serra. Descida árdua, fui com muito cuidado, desviando de obstáculos e por muitas vezes apoiando as mãos para não escorregar. Calçados apropriados foram bem empregados nesses trechos.

Já lá embaixo, foi oferecido doce de amendoim para recuperarmos um pouco de todo desgaste e muita água para hidratar o corpo.

Dicas: use calçado apropriado, de preferência. Considero importante ir se hidratando ao longo da caminhada. Pare e respire se necessário for e estabeleça o seu próprio ritmo.

Voltando ao Acampamento

Lá pelas tantas, de volta ao nosso acampamento, fui direto mergulhar nas águas do Rio Novo para depois almoçar. E segundo o roteiro, teríamos a tarde livre para andarmos pelos arredores do Safári Camp ou simplesmente não fazer nada. Aproveitei a ocasião para descarregar as fotografias e recarregar as baterias. O cansaço gratificante de ter levantado muito cedo e feito todo esse esforço foi recomposto quando fui ao redário descansar um pouco. Não só eu, mas a maioria dos turistas recolheram-se, seja em suas tendas ou nas redes a beira do rio.

Explico o porquê da expressão “Cansaço gratificante”: Por mais que tenha ficado fisicamente exausto devido à força física empregada e do compromisso de ter acordado muito cedo diante dos outros dias, eu estava alimentado de energia e muitas informações. Por muitas vezes, ver tais caminhos com seus obstáculos, a visão lá do alto, a imagem marcante daquelas dunas e lagos de águas límpidas, fizeram com que eu refletisse sobre muitos assuntos e conceitos. E isso em minha opinião, é gritante, gratificante!

Ao cair da tarde, já recomposto depois de um delicioso descanso às margens do Rio Novo, onde sentia a brisa suave e o barulho das águas e pássaros, que mais soavam como uma sinfonia aos meus ouvidos, andei pelos arredores e pensei em tudo que vi.

Pessoas simples e ricas em presença de espírito. Outras, acostumadas com as dificuldades de locomoção, como por exemplo, ir à escola, eram alegres, singelas e receptivas, mesmo tendo uma vida difícil. Ali, no meio daquele “nada”, tinham tudo. Tudo o que era necessário para se viver bem, sem o “Stress” e correrias de cidades grandes e muitas vezes desumanas.

Gente que se ajudava mutuamente sem nada em troca querer. Cumprimentavam-me com um sorriso estampado no rosto e a certeza de trazer paz e harmonia dentro de seus corações ao ponto de conversarmos de igual para igual. E eis onde quero chegar. Somos iguais! Seja lá ou em outro lugar qualquer, conviver com pessoas que não trazem preconceitos, não usam máscaras ou tampouco destilam venenos em seus corações, é raro.

E foi tudo isso e mais um pouco que senti ao estar nesse “Paraíso”. Não só a beleza do local, mas também a energia positiva que vinham da Natureza e das pessoas, encantava. A sensação de liberdade e de igualdade fez grande diferença nesse Safári. Acredito que eu quisesse que o mundo melhorasse, tenho que começar por mim. Eis o que tento fazer sempre. Ser eu mesmo!

Já de noite, mesmo com chuva apontando em nossa direção, iríamos participar de uma fogueira, como sinal de despedida, já que era nossa última noite no local.

Fiz questão de estar lá e registrar tudo isso de alguma forma. Afinal, com ou sem chuva era a última noite. Calculo que estávamos em quatro, cinco pessoas no máximo, mas tudo bem. Tenho como verdade que são momentos únicos e que nunca mais irão voltar, ainda que circunstâncias muito parecidas possam passar essa impressão. O momento era aquele e por lá fiquei. Conversamos, rimos e mais conhecimento eu assimilava. Como disse lá no alto da matéria, eu me permiti a estar comigo mesmo e interagir com esse local. Conversas vão e vêm e fomos dormir, para dia seguinte, levantar acampamento e irmos embora, mas antes passando pela tão falada Cachoeira da Velha, que fazia parte do roteiro.

O Último dia - Cachoeira da Velha e o retorno a Palmas

Amanheceu um dia realmente convidativo a ficarmos debaixo de nossos cobertores, ouvindo o barulho da chuva. O tempo mudou radicalmente e transformou o cenário. Era só chuva, a ponto de optarmos em ir ou não a Cachoeira da Velha.

Tempestade essa que tive que usar guarda-chuva e capa de chuva fornecida pela Korubo.

Deixo claro que a opção foi nossa: Todos, usando bom senso e lógica, decidimos por ir direto a Palmas. Afinal, o que iríamos ver e fotografar com uma tempestade daquelas? E como descrito no Roteiro, “*veículos e roteiro poderão ser alterados de acordo com condições climáticas...*”.

Fonte: Governo do Estado do Tocantins

Mesmo eu não tendo ido e consequentemente sem fotografias do local, insiro uma de divulgação, para que tenham uma noção da atração. Como mencionei anteriormente, é uma queda d'água de 25 metros. A mais famosa cachoeira do Jalapão.

E debaixo de um temporal, fomos tranquilamente seguindo os caminhos que nos levariam até a Capital de Tocantins. Seriam cerca de 300 km feito em poucas horas, sempre com direito a paradas.

E ter ido a um paraíso desses, com segurança e comodidade, deixou aquele gostinho de “*quero ficar mais*” quando me despedi, pois além do lugar admirável, a população é acolhedora, simples e muito humana.

Considerações Finais

*Toda essa vivência mexeu demais com meus conceitos e sentimentos. Percebi novamente que temos ainda muitos caminhos e obstáculos a serem vencidos. Senti que tenho mais força do que imagino quando menos a espero. E toda troca de energia e informações com o Jalapão e as pessoas, só agregaram mais conhecimento, valorizando ainda mais o ser Humano, a Mãe Terra e minha própria vida. Eu me permiti estar integrado com tudo isso, tanto fisicamente como principalmente, psicologicamente. Nessa estrada em que estive, somente eu poderia seguir a mim mesmo. Aprendi mais ainda **que não importa o que eu sou, mas sim, quem eu sou**. E mais uma vez vi que todos somos iguais e que opiniões devem ser respeitadas. Minha alma, meu espírito, meu corpo, eram alados, livres e desapegados de qualquer coisa. Na vida não importa o quanto você bate, mas sim o quanto agüenta apanhar e continuar. Seguir em frente. É assim que se ganha. Vivemos cada vez mais rodeados de compromissos e correrias do dia a dia. Muita quantidade de informação e quase nenhuma que se tenha proveito. Muita tecnologia para resolver problemas que até então não existiam. Muita maquiagem e pouco produto. Demagogias em todos os meios e individualismo ganhando espaço. Consumismo desenfreado incentivado pelos gananciosos. E a falta de respeito, em todos os sentidos. E algo que considero cruel, se é que posso priorizar algo: vivemos cada vez mais prisioneiros e trancados em nossas gaiolas. Estamos ficando refém de um modo de vida que de certa forma nós mesmos criamos. E pior: continuamos a alimentar isso. À medida que nos trancamos, mais espaço damos aos que não tem escrúpulos. E o espaço sem voz já não é mais o mesmo. Reflitam...*

Convite – O meu Compromisso

Convido a todos os leitores, Editores, Jornalistas, Agências, Operadoras de Turismo Receptivo, Circuitos, Órgãos Governamentais, Assessores, Governadores, Deputados, Prefeitos, Secretárias de Turismo, Fabricantes de vestimentas e calçados, Empresas e Futuros Parceiros a participarem dessa coluna e fazer parte de meus trabalhos.

Todas e quaisquer opiniões e comentários, aqui nesse espaço, serão respeitados e respondidos. Para outros assuntos relacionados à negócios, contate-me pelo meu site ou e-mail.

Eis meu compromisso com vocês.

Dicas do Autor

Além das dicas ao longo da coluna e no próprio site da Korubo, cito mais algumas dicas baseadas na experiência de tive:

- É recomendável tomar vacina contra Febre Amarela, mesmo não havendo foco da mesma na região. Como constantemente viajo, aproveitei e tomei contra Gripe e Tétano.
- A partir do momento que entrar no veículo que os levará até o Safári Camp Korubo, desligue-se de tudo e sinta cada momento, que será único.
- Leve algum dinheiro, pois não haverá como usar cartões de débito ou crédito para adquirir suas lembranças ou outros.
- Leve sua máquina com cartão de memória suficiente o bastante para muitas fotos. (4GB para compactas é o suficiente).
- Lanterna Média e pilhas extras .
- Leve um ou dois pares de tênis. Chinelos ou papetes.
- Leve um bom repelente.
- Toalha de rosto e duas de banho .
- Chapéu e óculos escuros
- Um agasalho é mais que o suficiente para as noites um pouco frias.
- Sunga/Biquíni.
- Bermudas e/ou calças/bermudas (a seu critério)
- Artigos de uso pessoal como sabonete, shampoo, escovas e pasta de dentes e outros.
- Medicamentos de uso pessoal
- Se é fumante, adquira seus cigarros em Palmas e mantenha o hábito de usar um cinzeiro portátil. Preserve a

natureza.

- Aconselho, por questão de praticidade, o uso de roupas de secagem rápida, como FitDry, ClimaColl e outros (depende a marca). Três camisetas são mais que o suficiente.
- Esqueça se pretende usar celular. Não há sinal algum. Porém, em casos extremos e de urgência a Korubo dispõe de telefone Via Satélite.
- Desfrute ao máximo tudo aquilo, com um amigo ou sozinho. Amigos e companheirismo você encontrará lá, sem qualquer tipo de discriminação.

Agradecimentos

A todos os leitores que acompanham e participam da colunas e às Lojas Mundo Terra que acredita em meu trabalho e apoiou essa expedição.

E meus agradecimentos especiais a Luciano Rodrigues Cohen e Cinthia Krause Batista, do Safári Camp Korubo , assim como seus funcionários que faço questão de citar em ordem alfabética:

- Adélio
- Célio
- Fabiano
- Junior
- Manoel
- Miguel
- Nelson
- Rogério

Serviços

O Safari Camp Korubo é encarregado de toda parte de transporte, estadia e alimentação a partir do momento que começar a expedição.

Maiores informações, entre em contato através do Site www.jalapao.com

Parceria e Apoio

Mundo Cheff

Mundo Cheff - Loja especializada no segmento de cozinha e lazer com grande variedade de produtos entre artigos de decoração, utensílios, eletroportáteis.

Missão: OFERECER a melhor EXPERIÊNCIA de compras para o cliente, onde ele estiver, garantindo EXCELÊNCIA na qualidade de produtos e ATENDIMENTO.

empresa verdadeiramente MULTICANAL, reconhecida como a melhor opção para os clientes, pela QUALIDADE de nossos produtos e nossa forma de RELACIONAMENTO

1. *Impressionar os nossos clientes, internos e externos*
2. *Agir com integridade*
3. *Promover orgulho, entusiasmo e espírito de equipe dentro da nossa organização*
4. *Incentivar e premiar a inovação, a criatividade e a tomada de riscos*
5. *Contribuir e apoiar o crescimento pessoal e profissional dos indivíduos.*
6. *Esforce-se para melhorar continuamente a forma como operamos nosso negócio*

Atende em todo o Brasil.

• Loja

SAC: (11) 4301-5277

Site: www.mundocheff.com.br

Endereço: Avenida Pedroso de Morais, 510 - Pinheiros, São Paulo - SP, 05420-000

- [Seja um franqueado. Consulte](#)

Portal Photos

O seu portal de FOTOGRAFIA - tutoriais, dicas e lançamentos.

- Site: <http://photos.uol.com.br>

Loja Photos

Um mergulho no Universo Fotográfico - Livros e DVDs para quem quer aprender a fotografar –

- Site: <http://www.lojaphotos.com.br>

Consulte serviços e Banco de Imagens

Eduardo Andreassi

Jornalista e Fotojornalista

Contato: edu_andreassi@hotmail.com

Site

Copyright 2015 - Eduardo Andreassi - Todos os direitos reservados

Todas as fotos deste álbum virtual estão protegidas pela LEI DO DIREITO AUTORAL, Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Portanto é proibida qualquer reprodução ou divulgação das minhas imagens, com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na WEB, sem prévia consulta e autorização.

Publicado por [Eduardo Andreassi](#) em 01/10/2015

ANDREASSI, Eduardo. **Jalapão, Tocantins – Viva esse Sonho**. Disponível em: www.andreassifotos.com.br; www.eduardoandreassi.com. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

O Jalapão

Brasil, um lugar abençoado por natureza. Bem no centro deste país, no estado do Tocantins, encontra-se um paraíso natural de beleza única: o Jalapão, um dos principais roteiros para quem pratica o ecoturismo e o turismo de aventura. No mundo, com certeza, não há cenário igual.

A região do Jalapão é um lugar de descobertas permanentes. Em plena mata de transição entre o cerrado e a caatinga, onde predomina uma vegetação rasteira similar às savanas, surgem cachoeiras, rios de águas cristalinas, corredeiras, grandes chapadas e formações rochosas de cores e formas variadas.

Neste cenário, destacam-se dunas de areias douradas, com até 30 metros de altura, o que levou o lugar a ser chamado de deserto do Jalapão. Seria um deserto, se o Jalapão não fosse também um paraíso das águas e um lugar onde a presença de flores e animais exóticos salta aos olhos. Um convite à contemplação e à aventura.

Um pouco da História...

O Parque Estadual do Jalapão foi criado em 12 de janeiro de 2001 e se encontra localizado no município de Mateiros, no estado brasileiro do Tocantins. O parque abrange uma área de quase 150 mil hectares e é considerado como o maior parque estadual do Tocantins. A vegetação é predominantemente de cerrado ralo e campo limpo com veredas.

Sua posição estratégica possui continuidade com a Área de Proteção Ambiental (APA) do Jalapão, Estação Ecológica da Serra Geral e Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba.

A região é considerada uma das maiores atrações turísticas do estado do Tocantins.

Uma característica da região é a produção de artesanato de capim dourado e seda de buriti, que se tornou principal fonte de renda para as comunidades locais e tem sido alvo de estudos e ações para garantir seu uso sustentável, ecológica e economicamente.

A cidade conhecida como porta de entrada do Jalapão é Ponte Alta do Tocantins.

"Deserto" brasileiro

O Jalapão é uma região árida pontilhada de oásis, situada a leste do estado do Tocantins, com temperatura média de 30°C, tem área total de 34 mil km², cortada por imensa teia de rios, riachos e ribeirões, todos de água límpida e transparente.

O Jalapão abrange os municípios de Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, São Félix do Tocantins, Lizarda, Novo Acordo, Santa Tereza do Tocantins, Lagoa do Tocantins e Rio da Conceição, ocupando uma área equivalente ao estado de Sergipe e que passou a condição de parque estadual a partir de 2001.

Os rios Sono, Soninho, Novo, Balsas, Preto e Caracol banham a paisagem árida e rasteira, que varia do cerrado baixo à campina. Matas de galeria surgem próximas de rios, cachoeiras, lagoas, dunas de areia, serras e chapadões de até 800 m de altura. A jalapa-do-brasil, que deu nome ao Jalapão, pode ser encontrada em toda parte.

Lá se encontra a comunidade dos Mumbucas - ex-escravos fugidos da Bahia.

Fauna

Composta por veados-campeiros, tamanduás-bandeiras, antas, capivaras, lobos-guarás, raposas, gambás, macacos, jacarés, onças, além de cobras (sucuris, cascavéis e jiboias).

Entre as aves estão tucanos, papagaios, araras-azuis, siriemas, emas e urubus.

É possível passar dias no Jalapão sem ver uma única pessoa. A densidade populacional é de 0,8 hab./km².

Atrações Turísticas

Para chegar a cada atrativo do Jalapão é necessário percorrer cerca de 50 quilômetros, sempre por estradas de chão. Esta distância e a dificuldade de acesso proporcionam a observação da fauna e da flora. Ao mesmo tempo, limita o número de visitantes, o que faz com que a natureza da região ainda se apresente intocada pelo homem.

■ Cachoeiras

Cachoeira da Velha



Apoena Rezende

Alimentada pelas águas do Rio Novo, a Cachoeira da Velha é a maior cachoeira do Jalapão e uma das suas principais atrações. Nela, as águas correm em grande quantidade, despencando por duas quedas em formato de ferradura, cada uma com mais de 20 metros de largura. Um espetáculo imponente, em que a natureza mostra sua exuberância e toda a sua força.

Bem próximo à Cachoeira da Velha existe uma prainha, de águas doces e mansas, cercada por matas de galeria. Sem dúvida, uma bela opção para o camping. A trilha para chegar da cachoeira à prainha é um atrativo à parte, de fácil caminhada, com paradas para descanso e contemplação.

Prainha da Cachoeira da Velha



Apoena Rezende

Após curtir a exuberância da Cachoeira da Velha, é hora de percorrer uma trilha de aproximadamente uma hora até chegar à prainha, um lugar bastante agradável, com sombra e águas doces e mansas, cercado por matas de galeria. É o momento para relaxar e refletir.

Alguns dos visitantes do Jalapão encontram na prainha o lugar ideal para acampar, passando momentos mais duradouros em contato com a natureza. Outros se contentam em banhar-se em suas águas, apreciando a beleza do cenário.

Cachoeira do Formiga



Apoena Rezende

A Cachoeira do Formiga é uma pequena queda d'água, cercada por uma vegetação exuberante, de árvores altas, samambaias e moitas de palmeiras nativas.

Mas o espetáculo mesmo fica por conta da piscina formada ao pé da cachoeira, onde águas de um verde-esmeralda encantador convidam ao mergulho. Uma joia onde é possível banhar-se e observar o fundo do poço, com areias calcáreas.

Cachoeira do Lajeado



Apoena Rezende

Localizada em área de frágil equilíbrio ecológico, entre a APA do Jalapão e o parque estadual, esta cachoeira é formada por dois braços de nascentes de águas que afloram de veredas, que logo ganham força e despençam por vários degraus, formando a cachoeira. Paredões de rocha argilosa, que vai se desagregando. O acesso é pela rodovia TO-255, estrada para Mateiros, a 40 km de Ponte Alta. Não se pode entrar com veículos no campo arenoso e úmido, pois as marcas viram sulcos onde o solo compactado dá lugar a corredeiras na época da chuva e a erosão. O caminho aberto vira areia solta. No verão, durante as chuvas, pode-se ficar atolado no meio do campo úmido e arenoso. Melhor andar a pé uns 2,5 km, a partir da estrada.

Cânions Sussuapara



Um rego d'água que cortou a rocha, formando estreitos cânions úmidos, só iluminados diretamente por volta do meio-dia - isto é Sussuapara, nome também atribuído a um tipo de veado já quase não visto por aquelas bandas. Fica a 14 km de Ponte Alta, saída para Mateiros, logo abaixo de uma pequena ponte. Há uma trilha à direita, por uns 10m, que leva ao cânion, por onde a água escorre entre os paredões cobertos por musgos e vegetação que gosta de muita água e sombra. São nascentes do rio Sussuapara, um pouco acima da ponte, na estrada para o interior do Jalapão. O processo de assoreamento é visível, talvez pela estrada, certamente pela compactação do solo num estacionamento improvisado do outro lado da estrada.

Cachoeira da Fumaça



Foto - marceloz

Das mais famosas, pelo efeito evaporação que provoca e pelo volume de água, já que é formada pelo enorme rio das Balsas. São 45 m de queda livre, com grande estrondo, soltando enormes

nuvens de vapor. Está situada a aproximadamente 75km de Ponte Alta, constituindo outro ponto de ecoturismo catalogado pelo município chamado de "portal do Jalapão".

Fervedouro



Apoena Rezende

Parece um oásis. Em meio à vegetação fechada, entre brejos e riachos, surge um lugar de rara beleza, cercado por bananeiras. Ao seu centro está um grande poço de água azul transparente - na verdade, a nascente de um rio subterrâneo.

A água que brota das areias claras cria o fenômeno da ressurgência, que tornam impossível até o banhista mais persistente afundar. No Fervedouro, você vai divertir-se e conhecer a real sensação da leveza.

■ Pontos turísticos

Dunas do Jalapão



Um cenário tanto inesperado quanto inesquecível, formado por enormes dunas de areia dourada (areia de quartzo), de até 30 metros de altura. Imagine a sensação de andar por estas areias e contemplar o pôr-do-sol no centro de uma paisagem como esta!

As dunas do Jalapão estão em constante movimento, guiadas pelos ventos. Ao seu redor está a Serra do Espírito Santo, de formação arenosa, cuja ação dos ventos causa sua erosão, originando as dunas.

Povoado de Mumbuca



Em seu passeio pelo Jalapão vale reservar um tempo para conhecer um povoado tradicional, o Mumbuca, distante 35 quilômetros da cidade de Mateiros. Foi nesse lugar, formado por uma maioria de descendentes de escravos, que surgiu o tão popular artesanato em capim dourado.

Acompanhe as mãos habilidosas das mulheres do Mumbuca trabalhando o capim dourado, produzindo peças artesanais que serão distribuídas em todo o Brasil e em diversos países.

A população do Mumbuca não chega a 200 moradores. Lá, homens e mulheres dividem funções bem definidas. Os homens plantam para o consumo da família, enquanto as mulheres colhem a produção e preparam farinha, além, claro, de atuarem como artesãs.

Rio Novo



Apoena Rezende

Um dos últimos rios de água potável do mundo, de aparência totalmente cristalina. O Rio Novo chama a atenção também pela natureza selvagem que o envolve e pelas belas praias que se formam ao longo de suas margens.

Nas águas do Rio Novo, é comum a prática do rafting. Mas há espaço para outros esportes radicais, como a canoagem, rapel, bóia-cross (descida pelas corredeiras do rio em bóia individual) e acuaride (em que o esportista fica de bruços em cima da bóia).

Serra do Espírito Santo - Mirante



Apoena Rezende

Cartão-postal da região, a Serra do Espírito Santo é uma elevação imponente que, através do processo de erosão (chuvas e ventos), dá origem às dunas que se formam aos seus pés.

Também existe na serra um mirante, de onde, após uma hora de caminhada em direção ao cume, é possível se ter uma visão privilegiada de toda a região. O topo da serra é uma grande área plana, que lembra uma imensa mesa elevada. É o local ideal para apreciar as paisagens e horizontes do Jalapão.



Apoena Rezende

Lembrando que nossa expedição passa por todos esses atrativos (menos a cachoeira da fumaça) e por muitos outros mais !!!!

Todas as fotos foram tiradas durante a 9ª expedição cicloturística ecobike em 2010 , menos a da Cachoeira da Formiga e Cânions Sussuapara.

REZENDE, Apoena. **O Jalapão.** Disponível em: <http://www.brasilturismo.com>; <http://jalapao.to.gov.br>. Acesso em: 05 de junho de 2016.

Sertão das águas

Dunas, água cristalina por todo lado, capim que nasce dourado. O Jalapão, no Tocantins, é uma das mais inusitadas – e menos exploradas – paisagens do Brasil



A duna no meio do cerrado, a linda e insólita atração do Jalapão

Imagine um lugar com dunas alaranjadas e árvores com aqueles galhos retorcidos típicos do cerrado. Onde você caminha por horas e só ouve o silêncio. Insira cachoeiras com poços de água verde-esmeralda e diversas nascentes de riachos límpidos. E agora pare de imaginar, pois esse lugar existe. Seu nome é **Jalapão**.

- **Check-in** – Veja outras reportagens da edição de setembro da VT
- **O chapadão dos chapadões** – Reportagem da Viagem e Turismo
- **Cerrado: um drama em silêncio** – Reportagem da National Geographic
- **Destino: Tocantins** – Destinos, hotéis, restaurantes e atrações
- **Prêmio VT 2012/2013** – Melhor destino de ecoturismo do Brasil

“Isto aqui é um sertão com muita água, muita vida e alguns mistérios”, diz a bióloga Cassiana Moreira, que trocou Curitiba por **Mateiros**, uma das cidades no entorno dos 34 mil quilômetros quadrados de área do Jalapão, a grande atração do estado do **Tocantins**. O maior desses mistérios envolve as dunas: a região é a única do país em que é possível avistar essas formações, típicas do litoral ou de desertos, no meio do cerrado. Os turistas, brincando, costumam perguntar: “Quem jogou aquele monte de areia ali?”

Ninguém. Se no meio de tanta água existe areia, pode-se dizer que as dunas de 40 metros são um oásis ao contrário no verde do cerrado. Elas são formadas pela erosão permanente da Serra do Espírito Santo (uma trilha de 8 quilômetros leva ao sensacional mirante do topo). “Aquela serra um dia vai desaparecer. E aqui temos o privilégio de ver isso acontecendo na nossa frente”, declara a geógrafa tocaninense Maria Antônia Valadares.

A paisagem do Jalapão é atravessada por uma grande quantidade de nascentes que brotam do solo arenoso, dando origem a rios e muitas quedas-d’água. A piscina cristalina do primeiro parágrafo pode ser o Fervedouro, postal do Jalapão, que tem uma nascente subterrânea e águas que irrompem do solo com muita pressão, propiciando uma sessão de hidromassagem natural. O tom esverdeado do poço se deve à areia de origem calcária que se acumula no fundo.

Para preservar os atrativos da região, alguns cuidados têm sido tomados. As famosas dunas, que são ainda mais atraentes ao entardecer, só podem ser visitadas até 17h30, a tempo de ver o pôr do sol. À noite ninguém pode ficar por ali pensando em luaux ou coisa do tipo. “Isso ajuda na preservação. Muitos dizem que esta é uma terra de ninguém, mas temos a maior quantidade de áreas protegidas do cerrado”, diz o gerente do Parque Estadual do

Jalapão, João Miranda. Nem toda a área do Jalapão está no parque, mas há ainda outras unidades de conservação. Estima-se que 40% dela esteja sob proteção.

A julgar pela quantidade de pessoas que recebe, a região parece até bastante protegida. Calcula-se que apenas 15 mil turistas tenham pisado ali até hoje. E a ocupação permanente é irrelevante: a densidade demográfica é de menos de uma pessoa por quilômetro quadrado. “Esse lugar é longe pra...”, disse-me um taxista em Palmas, a capital do Tocantins. Conversando com mais gente por lá, percebi que poucos tocantinenses têm o hábito de visitar a região. Palmas está a 198 quilômetros de Ponte Alta do Tocantins, o município de pouco mais de 7 mil habitantes que fica na entrada do Jalapão. A distância não assustaria se pensássemos em asfalto e sinalização. Mas lá não há nada disso: o que existe são estradas de terra ruins até mesmo para carros 4x4. Há poucas opções de hospedagem nas cidades de Ponte Alta e Mateiros, além do camping sofisticado da Korubo Expedições, nas margens do Rio Novo. A verdade é que, para visitar o Jalapão, tem de ter disposição.

No Jalapão, as nascentes brotam do solo arenoso - Foto: Zé Paiva/Vista Imagens

Para Paulo Massuia, secretário de Indústria e Comércio do Tocantins, pasta que compreende as atividades turísticas, o isolamento do Jalapão está próximo do fim. Ele diz que o governo que representa pretende asfaltar 400 quilômetros de estradas na região. “Nossa maior carência é rodoviária. Com o asfalto, qualquer um poderá chegar lá mais rápido, e com carro comum”, diz. Ele quer triplicar o número de visitantes, mas, pode-se dizer, “sem perder a ternura”. Para preservar as delicadas atrações do lugar, Massuia diz que o modelo a ser seguido é o de Bonito (MS), em que o acesso aos atrativos naturais é controlado – e caro. Estudos da Universidade Federal do Tocantins (UFT) vão definir a capacidade máxima de cada atração. Em algumas delas já há controle, como no Fervedouro, onde são admitidas seis pessoas por vez a cada 20 minutos.

Nasce um destino

O Jalapão, que deve seu nome a uma plantinha que brota aos montes por lá, a jalapa-do-brasil – boa para inflamações no sistema respiratório, segundo dizem –, só começou a aparecer para o turismo em 2001, e foi pelas mãos de um forasteiro. Nascido em Belém, criado em São Paulo, o ex-operador da bolsa Luciano Cohen se apresenta como um dos descobridores da região. Ele é dono da Korubo Expedições, que mantém um acampamento sofisticado à beira do Rio Novo. Por alguns anos Luciano buscou no Brasil um lugar de potencial turístico em que pudesse investir. Chegou ao Jalapão em 1996. “Na época só existia uma única pousada em Mateiros. Comprei então uma Toyota 4x4 para desbravar a região. Eu e minha mulher passamos dias e dias acampados no meio do nada. Quando vi aquelas dunas e as cachoeiras, percebi que tinha encontrado uma mina de ouro”, diz.

Hoje, ele e a mulher, Cinthia Krauser, comandam o principal receptivo turístico da região. Só em 2011 passaram pelo acampamento da Korubo 670 pessoas, muitas atraídas pela beleza da região, mas também pela possibilidade de ver os animais do cerrado: araras, tucanos, lobos-guarás e, com muita sorte, onças-pintadas. O negócio começou quando eles compraram parte de uma fazenda. Cohen diz ter investido R\$ 450 000 e encarado prejuízos por oito anos seguidos. Seu acampamento tem 13 tendas equipadas com camas, banheiros com chuveiros aquecidos a energia solar, tudo em uma área de 15 mil metros quadrados à beira do Rio Novo. O turista que comprar o pacote de sete dias tem direito a quatro pernites no camping (e outros dois em pousadas em Palmas), a todas as refeições e ao transporte em um caminhão adaptado que leva até 25 pessoas. Aberturas no teto da carroceria do veículo permitem que os passageiros admirem a paisagem durante os *loooooongos* deslocamentos pelo Jalapão.

É inusitado perceber que a opção mais interessante de hospedagem na região seja um camping. Mas aqui, como em nenhum outro lugar do Brasil, a estrutura se assemelha à dos luxuosos campings selvagens africanos. Mas isso não é para todos. A operadora Ambiental, grande especialista em ecoturismo no país, vende cerca de 60 pacotes anuais para o Jalapão, mil a menos do que para Bonito. “O viajante brasileiro não é acostumado com a estrutura de acampamento. Ainda somos muito presos ao estrelato de um hotel”, diz Israel Waligora, sócio da Ambiental. Opções ao acampamento da Korubo são as pousadas humildes das cidades da região. É possível contratar, por conta própria, um guia, alugar um 4x4 ou fazer logo o combo guia e carro, que sai desde R\$ 550 a diária, mas propicia liberdade na escolha dos passeios. Se você decidir pelo caminho independente, a Pousada Planalto, em Ponte Alta do Tocantins, tem quarto com frigobar e pão de queijo quentinho no café da manhã. De quebra você ganha as histórias de dona Lázara, grande contadora de causos da região.

O capim que vale ouro

“Meu capim, meu capim dourado / que nasceu no campo sem ser semeado...”, cantam as crianças do povoado quilombola de Mumbuca, com pouco mais de 200 habitantes, a 35 quilômetros de Mateiros. Os primeiros integrantes da comunidade chegaram ao Jalapão no final do século 18, oriundos da Bahia. O objetivo era fugir da seca. Ali, no sertão das águas do Jalapão, eles tinham um clima que conheciam, mas com a vantagem de poder viver das plantações de mandioca, milho e feijão. E, veriam depois, do capim-dourado.

A planta, uma espécie de sempre-viva, brilha como ouro e brota nas veredas do cerrado. Há espécies em outros lugares do Brasil, mas nenhuma é tão dourada quanto a do Tocantins. O capim é colhido apenas uma vez por ano, no começo da primavera, antes das chuvas, que chegam lá em meados de outubro. Nas mãos das artesãs locais, a planta se transforma em lindos cestos, colares, brincos e outros artefatos.

O capim-dourado passou a fazer sucesso como artesanato no início dos anos 2000, a mesma época em que o Jalapão despontou para o turismo. Foi dona Miúda, uma liderança do povoado, que começou a colher as mudas para fazer objetos trançados. Ela morreu em 2010, mas seu legado permanece vivo entre os quilombolas, reunidos na Associação Extrativista do Povoado de Mumbuca. O artesanato do capim-dourado gera a principal receita da localidade, estimada em R\$ 15 000 na alta temporada, de maio a setembro. Uma cesta vendida ali sai por R\$ 45.

Os turistas também podem ver a colheita da planta in loco nos dias 21 e 22 de setembro. Para isso, dá para se hospedar dentro da comunidade. Se quiser encarar, fique na Pousada da Tonha, que funciona nos fundos da casa da proprietária e dispõe de quartos com café da manhã (R\$ 25 a diária). Os guias sabem como chegar. O fotógrafo paulista Ricardo Martins passou por lá em junho deste ano para produzir as fotos que deverão ilustrar o livro *Jalapão – História e Cultura*, com previsão de lançamento para novembro próximo. Martins gostou bastante do que viu. “A cultura deles é muito legal. De noite faziam fogueiras, rodas de prosa e apresentavam peças de teatro que contavam a história do capim-dourado. As mulheres do povoado cantam e têm uma voz linda. É fantástico.”

O Jalapão também pode ser visto em filmes brasileiros, como no recente *Xingu*, de Cao Hamburger, a cinebiografia dos irmãos Villas-Bôas, os grandes sertanistas brasileiros, e no mais antigo *Deus É Brasileiro*, de Cacá Diegues, com Antonio Fagundes. Agências de Palmas já organizam um “tour cinematográfico” que passa pelas locações do sertão do Jalapão. Sertão que não precisou virar mar para estar cheio d’água.

Por Laura Capanema

CAPANEMA, Laura. **Sertão das águas**. Disponível em: <http://turismonotocantins.com.br/jalapao-tocantins-e-roteiros>. Acesso em: 22 de junho de 2016.

Pras bandas do Jalapão

A próxima excursão que os “Bandoleiros” - clube off road - irão fazer é no Jalapão. Será a primeira vez que o clube 4 x 4 visitará o lugar.

O motivo da escolha foi, segundo Raimundo Filho, médico e um dos integrantes da expedição, a própria história do local. “O Jalapão oferta fascínio por vários motivos. Um, é que sua grande população é formada de cearenses e piauienses que fugiram das secas que assolavam seus estados. Um outro, é que há registro da presença do homem há dez mil anos, com escritas deixadas em cavernas e rochas”, salienta.

Raimundo reforça que o mesmo lugar é considerado um grande patrimônio natural da biodiversidade brasileira, sendo que o ciclo das águas dessa região é responsável pela conservação do cerrado brasileiro.

Na verdade, ele afirma que o objetivo do passeio é desfrutar da segunda mais rica biodiversidade do planeta e, de quebra, “também realizar um bom documentário a respeito da preservação indispensável da região”, explica o aventureiro.

A partida será daqui há dois meses, precisamente no dia 06 de julho, com previsão para 15 dias de viagem. Irão seis jipes Toyota Bandeirantes, cada qual com pelo menos duas pessoas.

As últimas expedições que o grupo fez: Lençóis Maranhenses, litoral de Natal e Brejo da Madre de Deus, no interior pernambucano, considerada a cidade das Toyotas Bandeirantes. Atualmente, o “Clube dos Bandoleiros” - fundado há cinco anos, em 2003, - tem 40 associados.

Antenado com a atualidade, o médico ressalta que o grupo é preocupado com o meio ambiente. “Estamos aguardando as devidas providências do governo federal para que possamos também enquadrar nossos motores nas exigências modernas das máquinas menos poluidoras, porém infelizmente os motores menos poluidores ainda são em pequeníssimo número e de preços fora da grande realidade brasileira”, lamenta.

Entretanto, ele afirma que os Bandoleiros têm atenção especial de preservar e educar por onde passam. Ele afirma que o grupo não faz jus da competição, porque nela encontram um maior número de desrespeito à natureza. “Nossas expedições têm como maior objetivo documentar e fazer uma história nova de nosso país”, especifica.

Além de Jalapão, os planos para o segundo semestre são a Ilha de Marajó ou o Pantanal de Mato Grosso. O que definirá, segundo ele, será os contatos de outros bandoleiros que vivem nestes lugares.

Raimundo é um exemplo típico de um bandeirante autêntico. A respeito do carro, ele próprio afirma que tem duas, “porque é muito difícil se ter só uma”. Um é uma Bandeirante 89, que chama de “Meu Velho”. A outra é de 82, batizada de “Dalila”, ou como ele bem explicou, a “Limosine do Nordeste”.

E como um bom apaixonado, acrescenta: “ter uma Bandeirante é ter um sentimento indescritível, um sentimento misturado de pai para filho, de filho para mãe, enfim é paixão misturada com a grande história que este carro fez em nossas vidas”, finaliza.

História

O robusto Bandeirante é conhecido no exterior como Land Cruiser e foi um dos principais produtos da marca japonesa no mundo, com a importante missão de atestar a qualidade dos veículos da Toyota.

Foram quatro décadas de mercado, até deixar de ser produzido. Mas deixou seguidores pelo mundo. No Ceará, os Bandoleiros amam o carro, que tem linhas austeras e simplificadas, de proporções um pouco maiores do que as de viaturas da mesma categoria. Sua frente, abrangendo grade, faróis e faroletes, sugere mais funcionalidade que beleza.

Fique por dentro Saiba mais sobre o Jalapão, no Tocantins

Jalapão poderia ser chamada de terra das dunas vermelhas, do cerrado e dos rios de água morna e quente. Pouco conhecido e selvagem, fica no Estado de Tocantins, cuja capital, Palmas, fica a 1.776 km de São Paulo e a 2.124 km do Rio de Janeiro.

Ele está localizado no lado leste do estado de Tocantins, com uma área total de 34 mil quilômetros quadrados e abrange os municípios de Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, São Félix do Jalapão, Novo Acordo, Santa Tereza do Tocantins e Lagoa do Tocantins. Fica a 264 km da capital Palmas.

Não é um lugar comum: as estradas sem fim alguns trechos de areia fofa limitam o acesso a esse paraíso, e talvez seja por isso que o lugar ainda esteja tão preservadas. Além das pedras e buracos, que fazem a festa da turma do off-road, o Jalapão é um lugar onde se deve estar atento 100% do tempo: as estradas não são bem sinalizadas, existem poucos postos de gasolina e as chances de você conseguir ajuda, caso precise, são muito pequenas. Por tudo isso a região é conhecida como ‘deserto’ do Jalapão: tem uma das menores densidades populacionais do país, só perdendo para a Floresta Amazônica - cerca de 1,2 habitante / km.

OFF ROAD, Clube. **Pras bandas do Jalapão.** Disponível em:

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/auto/pras-bandas-do-jalapao-1.704230>. Acesso em: 01 de julho de 2016.

